A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS ▪ FEVEREIRO DE 1990



A LIAHONA

FEVEREIRO DE 1990





DESTAQUES

2
MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
A COISA DE MAIOR VALOR
PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON

6
UMA BÊNÇÃO PARA MIM
MERRILL BRADSHAW

16
ÉLDER RICHARD G. SCOTT: "O VERDADEIRO PODER PROVÉM DO SENHOR"
MARVIN K. GARDNER

25
A BÍBLIA: SÓ FALTAM MAIS 4.263 IDIOMAS
JOSEPH G. STRINGHAM

35
O MUNDO DE EKAETTE
ANN LAEMMLEN

40
A INSPIRAÇÃO DO IRMÃO HIGGINS
LAVERD JOHN

46
UMA ÚNICA CRIANÇA
KAREN A. ANDERSON

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

10
VOCÊ PODE TORNAR AS COISAS DIFERENTES
JANET THOMAS

15
PERSEGUIÇÃO
DARINA REYNOLDS

33
MENSAGEM MÓRMON
JOGAI FORA O LIXO

42
COMO CONVERSAR COM OS PAIS
CHRIS CROWE

DEPARTAMENTOS

1
COMENTÁRIO

24
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES
"LEMBRAI-VOS DE MIM"

30
PERGUNTAS E RESPOSTAS
COMO PODEMOS PROGREDIR REALMENTE EM CONHECIMENTO ESPIRITUAL?
ROGER K. TERRY

SEÇÃO INFANTIL

2
HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON
LÉHI ADVERTE O POVO

3
LÉHI DEIXA JERUSALÉM

5
O PODER DA ORAÇÃO
ÉLDER J. THOMAS FYANS

6
TEMPO DE COMPARTILHAR
MÚSICA PARA A IGREJA
PAT GRAHAM

8
DE UM AMIGO PARA OUTRO
ÉLDER F. ENZIO BUSCHE

11
MÚSICA
A IGREJA DE JESUS CRISTO
JANICE KAPP PERRY

12
SÓ PARA DIVERTIR
QUEM É ESTE PROFETA?
JEANNAVEE ALLGRUNN

OS DOZE DO EVANGELHO
JANET PETERSON

LIGUE OS PONTOS
HOWARD BROUGHNER

13
ETIQUETA NA IGREJA
JULIE H. JENSEN

14
O CISNE DE VIDRO
PEGGY BARRUS

NOTA DO EDITOR

Vocês devem notar algumas alterações nesta edição em português do *International Magazines* da Igreja. Ouvimos comentários do setor e simplificamos e padronizamos o formato da revista. Assim será muito mais fácil produzi-la nos vários centros de impressão em todo o mundo.

Aumentamos também a seção infantil em oito páginas e acrescentamos colorido nas dezesseis páginas existentes. Oito delas constarão da seção infantil; as outras oito estarão espalhadas por toda a revista. As duas contracapas também serão coloridas.

Estamos trabalhando em uma programação mais reduzida e esperamos fazer a revista em um prazo mais oportuno no futuro. Hoje o tempo necessário para a preparação do manuscrito até a publicação da revista é de um ano.

Também estamos publicando cartas ao editor e prevemos a inauguração de outros novos departamentos que darão destaque a nossos leitores em todo o mundo. Apreciamos nossos fiéis leitores e os convidamos a participarem ativamente, enviando-nos cartas, artigos e histórias. (Coloque o nome completo, endereço, ala e estaca.) É nossa oração que possamos fortalecer-nos mutuamente trabalhando juntos na causa de nosso Mestre.

Sinceramente seus servidores,
O Staff

REVISTA INSPIRADA

Aprecio muito *A Liahona*, (português). Há sempre um artigo que me ajuda a enfrentar as provações.

Além disso, gosto de ler as experiências e os relatos dos membros de todo o mundo e as coisas que as famílias podem realizar juntas, a fim de promover um relacionamento mais estreito.

Sou grata por ter *A Liahona* em meu país. Sei que ela é uma revista inspirada. Sou grata por tê-la em meu lar, e por ter a oportunidade de partilhar seus ensinamentos com meus amigos.

Rosana Cardoso Gaertner
Brasil

ENCONTRAR A SOLUÇÃO

Tem sido uma experiência para mim verificar que, sempre que me preocupo com um problema particular, o número seguinte de *Songdo Wi Bot* (*Amigo do Santo* em coreano) traz um artigo que apresenta a solução. Essas experiências me surpreendem e enchem-me de gratidão.

Desde que comecei a ler *Songdo Wi Bot*, compreendi seu valor e a importância de ler o conselho e as palavras de amor do profeta vivo. Li testemunhos reais e aprendi mais princípios concretos. Sei que as escrituras fornecem a teoria do viver justo e *Songdo Wi Bot* dá-me a coragem para aplicá-la.

Enquanto aguardo o próximo número da revista, leio e releio as palavras do profeta publicadas no número deste mês.

Yune, Kyoung Joo
Ala Nosyangjin
Estaca Seul Oeste

DUAS ASSINATURAS

Acho *De Ster* (holandês) uma revista muito valiosa. Gosto de ler os artigos a respeito dos membros da Igreja. Algumas histórias trazem um sorriso aos meus lábios e algumas vezes lágrimas aos meus olhos.

Aprecio especialmente os discursos das conferências. Deleito-me com as palavras dos profetas.

Elas nos ajudam a nos tornarmos verdadeiros seguidores do Senhor. Amo o profeta e as Autoridades Gerais. E como eu os conheceria se não fosse pela *De Ster?*

Temos duas assinaturas, uma para mim e minha esposa e outra para nossos filhos.

Cees van Impelen
Vianen, Holanda

Fevereiro de 1990, Vol. 43, nº 2
PBMA9002PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:
Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, William R. Bradford, Francis M. Gibbons, Jeffrey R. Holland
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente: Ann Laemmlen
Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker
Diretor de Arte: M. M. Kawasaki
Desenho: Sharri Cook
Produção: Sydney N. McDonald, Reginald J. Christensen, Timothy Sheppard, Jane Ann Kemp, Steven Dayton
Controlador:
Diana W. VanStaveren
Gerente de Circulação:
Joyce Hansen
A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Arias
Editor: Paulo Dias Machado
Tradução e Notícias Locais:
Flavia G. Erbolato
Produção Gráfica:
Dario Mingorance
Assinaturas:
Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob n.º 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas
Caixa Postal 26023
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **NCz$ 125,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho, 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00.
Preço de exemplar em nossa agência: **NCz$ 10,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930.

Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

MENSAGEM
DA PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA

A COISA DE MAIOR VALOR

PRESIDENTE
EZRA TAFT BENSON

O SENHOR ESPERA QUE SEJAMOS MISSIONÁRIOS, VIVAMOS PLENAMENTE O EVANGELHO E AJUDEMOS A EDIFICAR O SEU REINO.

Os missionários estão envolvidos na maior obra de todo o mundo—a de salvar as almas dos filhos de nosso Pai Celestial. Não existe nada mais importante, mais precioso, mais agradável, mais gratificante. O Senhor proclamou por meio do Profeta Joseph Smith: "A coisa de maior valor para ti será declarar arrependimento a este povo, a fim de que possas trazer almas a mim." (D&C 15:6.)

Como membros da Igreja do Senhor, devemos encarar a obra missionária com seriedade. Se estais trabalhando como deveríeis, se amais a obra missionária, estareis empenhados na salvação das almas dos filhos dos homens.

Depois de ler a primeira seção de Doutrina e Convênios, compreendendo que a Igreja a aceita como a palavra do Senhor, ninguém pode perguntar por que enviamos missionários a todas as partes do mundo. A responsabilidade, que é realmente grande, recai diretamente sobre os membros da Igreja, pois a "voz de advertência", diz o Senhor, "irá a todos os povos pela boca de meus discípulos, os quais escolhi nestes últimos dias". (D&C 1:4.)

Um de nossos melhores instrumentos missionários é o exemplo dos membros que vivem plenamente o evangelho. É isto que o Senhor tinha em mente quando disse à Igreja: "Sião deverá crescer em beleza e em santidade; . . . Sião deverá se erguer e vestir os seus lindos vestidos" (D&C 82:14). O Senhor apoiará os membros em sua responsabilidade missionária, bastando que tenham fé para tentar.

FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN



FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN

PARA SER BEM-SUCEDIDO AO COMPARTILHAR O EVANGELHO, SEJA COMO MISSIONÁRIO DE TEMPO INTEGRAL OU MEMBROS MISSIONÁRIOS, DEVEMOS TER UM TESTEMUNHO ARDENTE DA DIVINDADE DESTA OBRA.

Está na hora de estabelecermos metas mais elevadas, de termos uma visão real da magnitude dessa grande obra. É o que o Senhor espera de nós. Não basta que sejamos apenas membros da Igreja e freqüentemos a reunião sacramental. Isto é muito bom – mas não é o suficiente. O Senhor espera que sejamos missionários, que vivamos o evangelho – sim, plenamente, e ajudemos a edificar o seu reino.

Não sereis bons missionários se não aprenderdes a sentir simpatia por todos os filhos de nosso Pai – deveis aprender a amá-los. As pessoas sentem quando nos aproximamos delas com amor. Muitas anseiam por isso. Quando fordes solidários com o que elas sentem, elas retribuirão vossa boa vontade e tereis conquistado um amigo.

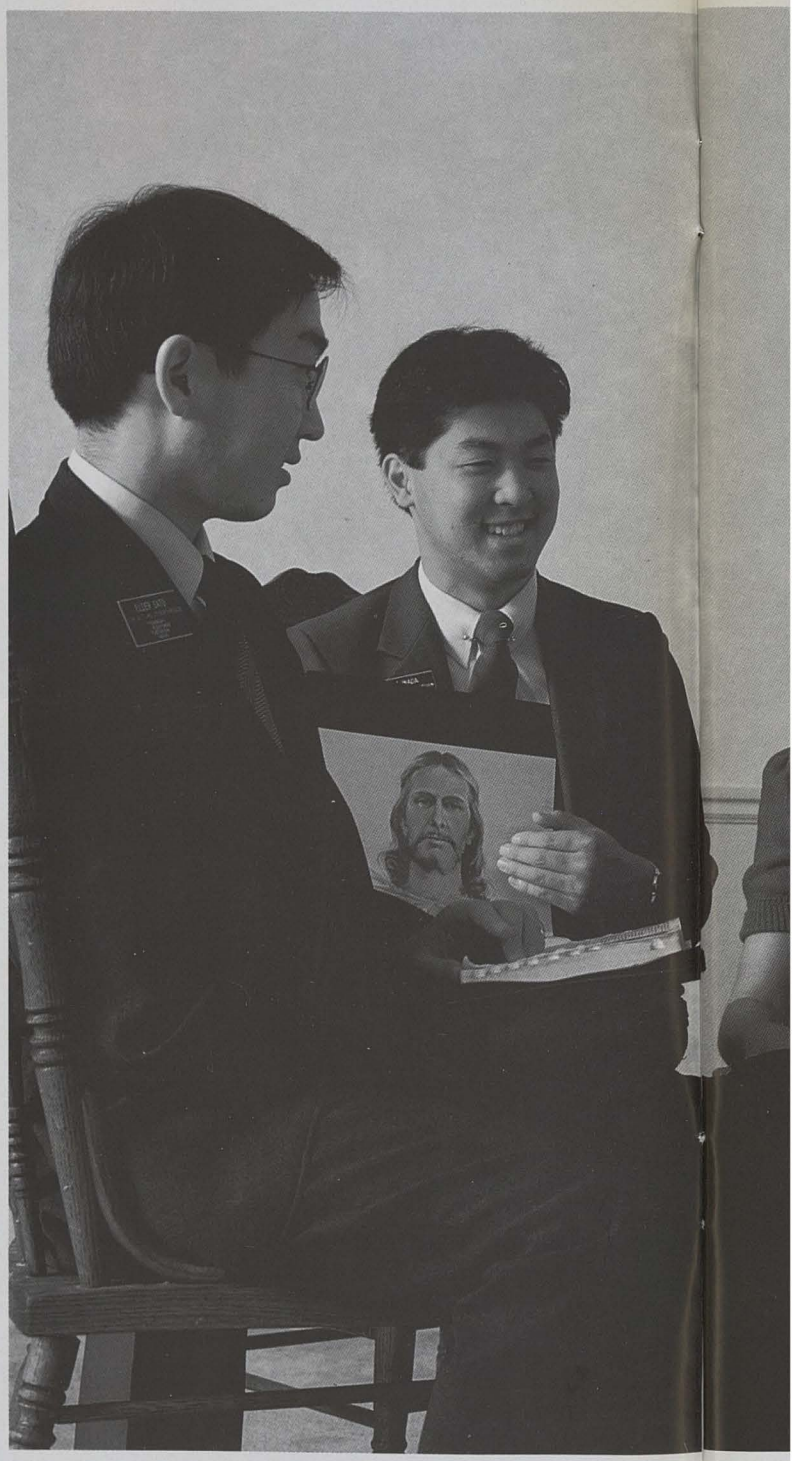
Há quanto tempo não convidais um vizinho para uma reunião sacramental ou conferência de estaca, ou para compartilhar convosco uma noite familiar? Há quanto tempo encetastes uma genuína conversa sobre o evangelho? São experiências maravilhosas.

Exorto-vos não só a ler o relato bíblico da ressurreição de Cristo, mas a ler e compartilhar com um não-membro a descrição da manifestação pessoal de Cristo ao povo das Américas após sua ressurreição, encontrada no Livro de Mórmon. Emprestai ou dai-lhes um exemplar do Livro de Mórmon, até mesmo o vosso próprio, se preciso. Ele é capaz de abençoá-los eternamente.

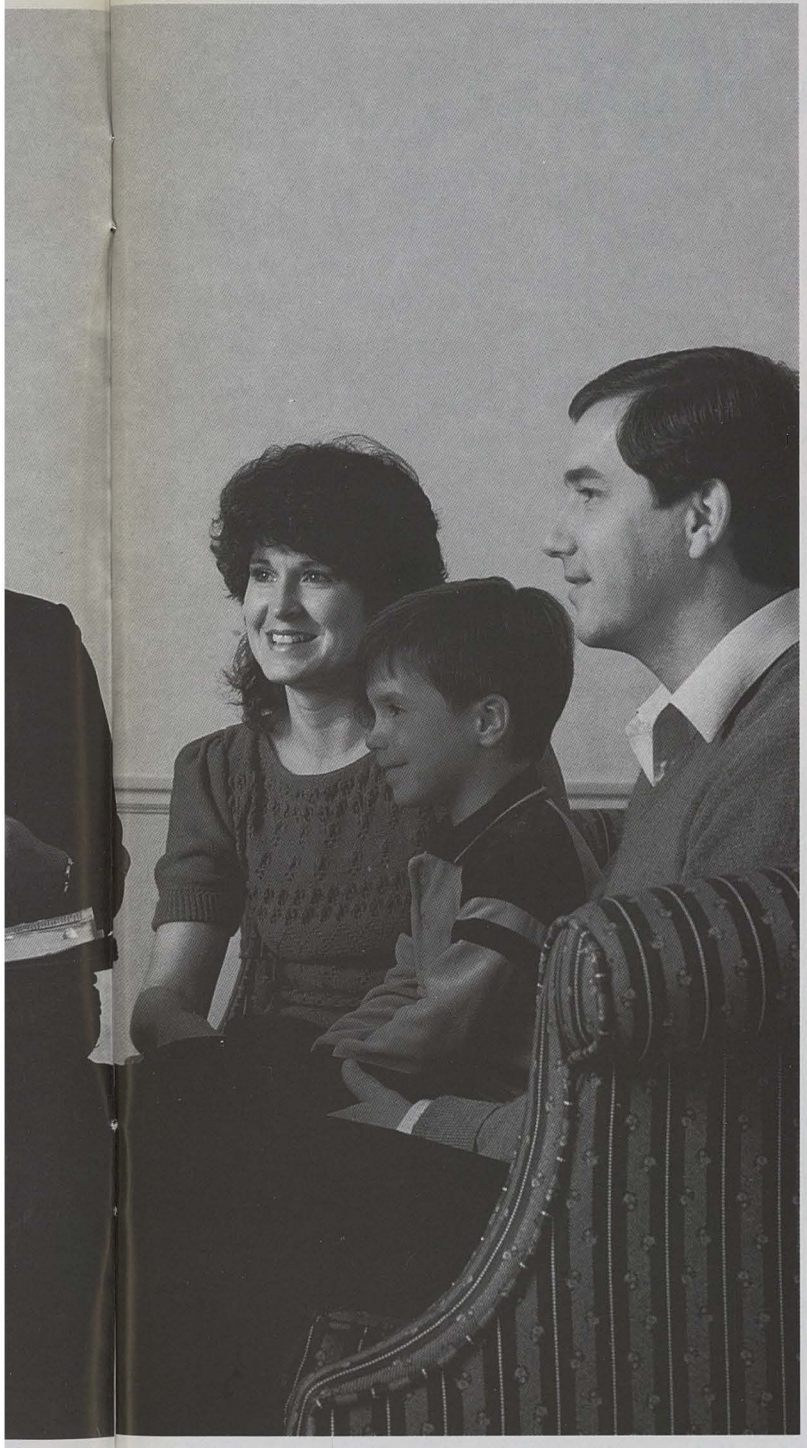
O Livro de Mórmon é o grandioso padrão que devemos usar na obra missionária. Ele mostra que Joseph Smith foi um profeta. Ele contém as palavras de Cristo e sua grande missão é conduzir-nos a Cristo. Tudo o mais é secundário. A pergunta de ouro do Livro de Mórmon é: "Quereis aprender mais a respeito de Cristo?"

O Livro de Mórmon destina-se a membros e a não-membros. Aliado ao Espírito do Senhor, o Livro de Mórmon é o maior instrumento que Deus nos concedeu para converter o mundo. Se quisermos ter uma boa colheita de almas, temos de usar o instrumento designado por Deus para a tarefa—o Livro de Mórmon.

E a leitura do Livro de Mórmon é um dos poderosos persuasores que nos levam a cumprir missão. Necessitamos de mais missionários, missionários melhor preparados e provenientes de alas e ramos e lares em que o Livro de Mórmon é amado e conhecido. Precisamos de missionários com um ardente testemunho de sua origem divina, e capazes de, pelo Espírito, desafiar seus pesquisadores a lerem e ponderarem suas páginas, tendo plena certeza de que o Senhor



Fotografia de Michael McConkie



lhes manifestará sua veracidade pelo poder do Espírito Santo. Necessitamos de missionários à altura de nossa mensagem.

Dai-me um rapaz que se conservou moralmente limpo e freqüenta fielmente as reuniões da Igreja. Dai-me um jovem que magnifica o sacerdócio, que se formou no seminário e tem um ardente testemunho do Livro de Mórmon. Dai-me um rapaz assim e eu vos darei um jovem capaz de realizar milagres para o Senhor no campo missionário e por toda sua vida.

Lembrai-vos, as jovens também podem cumprir uma missão de tempo integral. Sou grato por minha companheira eterna haver cumprido missão no Havaí antes de nos casarmos, e estou contente de que netas minhas tenham cumprido missão de tempo integral. As irmãs destacam-se entre nossos melhores missionários.

Para ter sucesso ao compartilhar o evangelho, seja como missionários de tempo integral ou membros missionários, deveis ter um testemunho ardente da divindade desta obra. Vossa primeira obrigação é obter esse testemunho por meio da oração, jejum, meditação, estudo, além de pedir ao Senhor que vos dê esse testemunho, e aceitar chamados quando os receberdes. Precisais saber que Deus vive; que Jesus é o Cristo, o Redentor do mundo; que Joseph Smith é um profeta de Deus; e que o sacerdócio e a autoridade do Pai Celestial estão aqui.

Todos nós devemos ter vontade de compartilhar o evangelho com grande alegria e expectativa. O verdadeiro propósito da divulgação do evangelho é trazer almas a Cristo, ensinar e batizar os filhos de nosso Pai Celestial para podermos regozijar-nos com eles (vide D&C 18:15) no reino de nosso Pai. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. O Senhor espera de nós que não sejamos apenas membros da Igreja, mas que freqüentemos a reunião sacramental.

2. Qual é "o maior instrumento que Deus nos concedeu" para converter o mundo?

3. Diz o Presidente Benson que precisamos ter um "ardente testemunho" da divindade da obra do Senhor. O que devemos fazer, segundo ele, para obter e edificar tal testemunho?

4. Vós ou os membros da família que visitais teríeis alguma experiência missionária pessoal para compartilhar?

UMA BÊNÇÃO PARA MIM

MERRILL BRADSHAW

EU COSTUMAVA PERGUNTAR-ME SE HAVERIA ALGO DE ERRADO COMIGO, POIS QUANDO ORAVA A RESPEITO DO LIVRO DE MÓRMON, NÃO ACONTECIA NADA DE INUSITADO.

Jamais tive qualquer motivo para duvidar dos que contam manifestações milagrosas ligadas ao Livro de Mórmon. Coisas assim, porém, simplesmente nunca me aconteceram. Quando era mais moço, eu costumava perguntar-me se haveria algo de errado comigo, pois quando orava a respeito do Livro de Mórmon, não acontecia nada de inusitado. Suponho que o motivo real disso é que sempre acreditei no Livro de Mórmon e simplesmente sentia que, entendendo tudo que havia para entender sobre ele, todas as perguntas que outras pessoas fazem seriam respondidas e o livro continuaria válido.

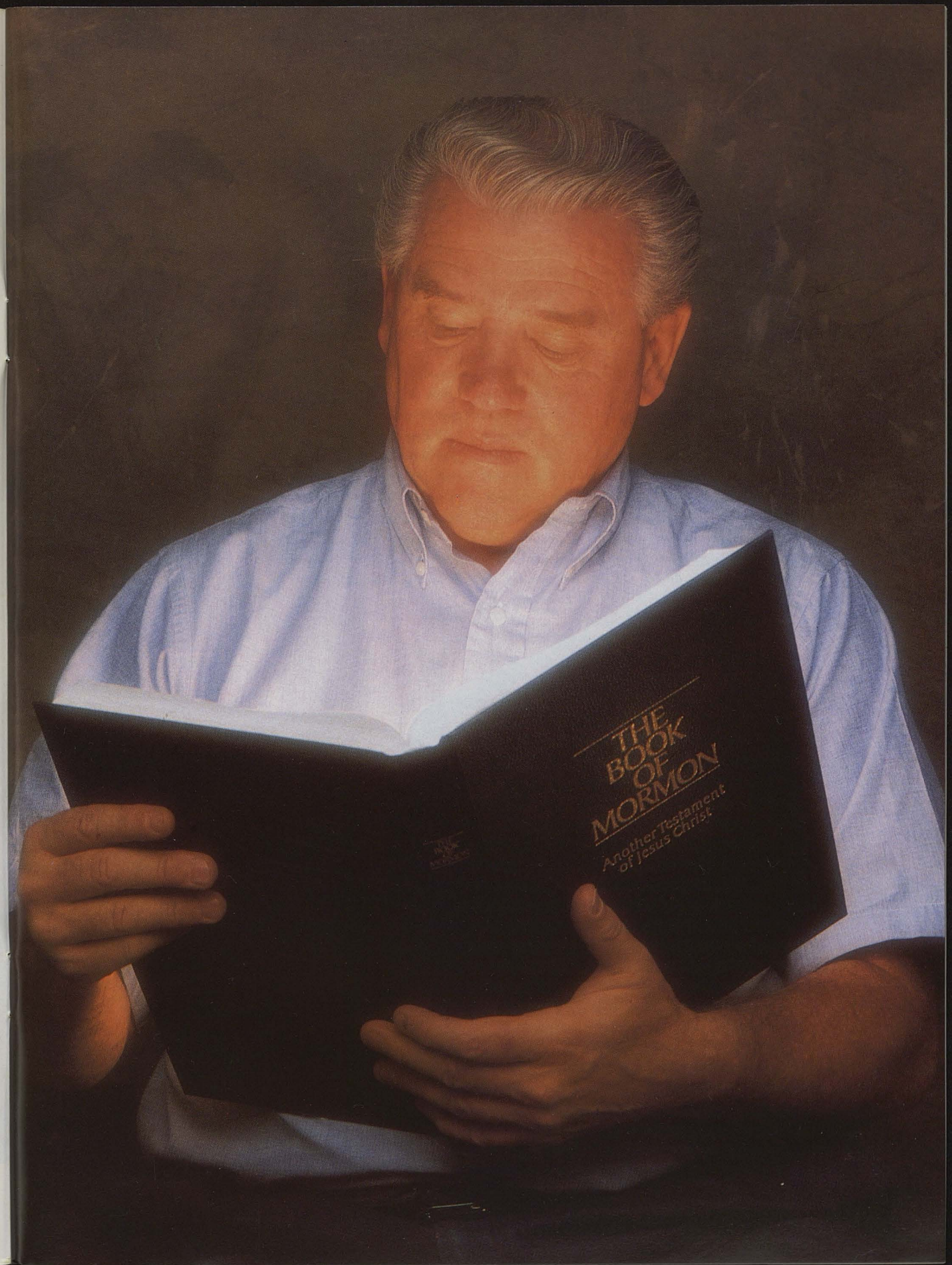
Sendo assim, não posso afirmar como tantos outros fazem que, ao terminar de orar a respeito do livro, senti um ardor dentro de mim que dizia: "Ele é verdadeiro." Eu aceito esse fato e penso que existem muitos na Igreja em situação semelhante à minha. Mas o que eu gostaria de ressaltar aqui, é que mesmo sem ter tido qualquer manifestação espiritual espetacular para convencer-me da veracidade do Livro de Mórmon, tenho dedicado bastante tempo de minha vida ao estudo dele, de como surgiu e das várias provas existentes. Não posso afirmar haver ponderado todas as dúvidas que perturbam certas pessoas, mas entendo simplesmente que quando conhecemos tudo o que se pode conhecer a respeito desse livro, ele ainda permanecerá firme como a âncora de nossa fé, como sempre tem sido para mim. Suponho que o que estou dizendo é que mesmo sem um testemunho espetacular, ele continua sendo uma grande bênção para mim e minha família.

Gostaria de exemplificar como ele me tem abençoado.

1) Ao partir para a missão na Suíça, em 1950, eu já havia estudado o idioma alemão durante três anos no curso secundário e na faculdade. Considerava-me bem preparado como missionário, apesar de na época não ter lido todo o Livro de Mórmon. Ao tomar contato com o dialeto que os suíços falavam diariamente senti-me arrasado. Tornava-se dificílimo aplicar o que havia aprendido. Meu companheiro e eu nos revezávamos lendo em voz alta a versão alemã do Livro de Mórmon todas as manhãs, e que era escrita no antigo alfabeto gótico. Foi muito difícil a princípio, mas com a prática, o ritmo e a cadência do idioma tornaram-se mais familiares para mim, e em pouco tempo já era capaz de comunicar-me melhor com o povo.

Aquele período de leitura matutino ajudou-me também a vencer os capítulos correspondentes aos escritos de Isaías em 2 Néfi, cujo entendimento não é fácil. Com isso tomei contato com os interessantes e belos escritos poéticos de Isaías, com sua visão de toda a história do homem, e com sua grande preocupação pelos pobres e pelas viúvas. Foi o início de um estudo contínuo de todo o livro de Isaías, o qual tem sido uma bênção em muitas horas de necessidade ou de enlevo espiritual. Essa leitura desvendou-me ainda a maneira peculiar como os profetas colocam as coisas da vida numa perspectiva que lhes dá o verdadeiro sentido eterno. Essas aberturas e inícios continuaram enriquecendo meu entendimento do evangelho, do plano de salvação, de meus valores e metas e do sentido de minha própria vida. Isto tudo começou com aquela hora que meu companheiro e eu passávamos lendo o Livro de Mórmon um para o outro de manhã, num sótão de Berna, na Suíça.

FOTOGRAFIA DE MICHAEL SCHOENFELD



Fotografia de Michael Schoenfeld

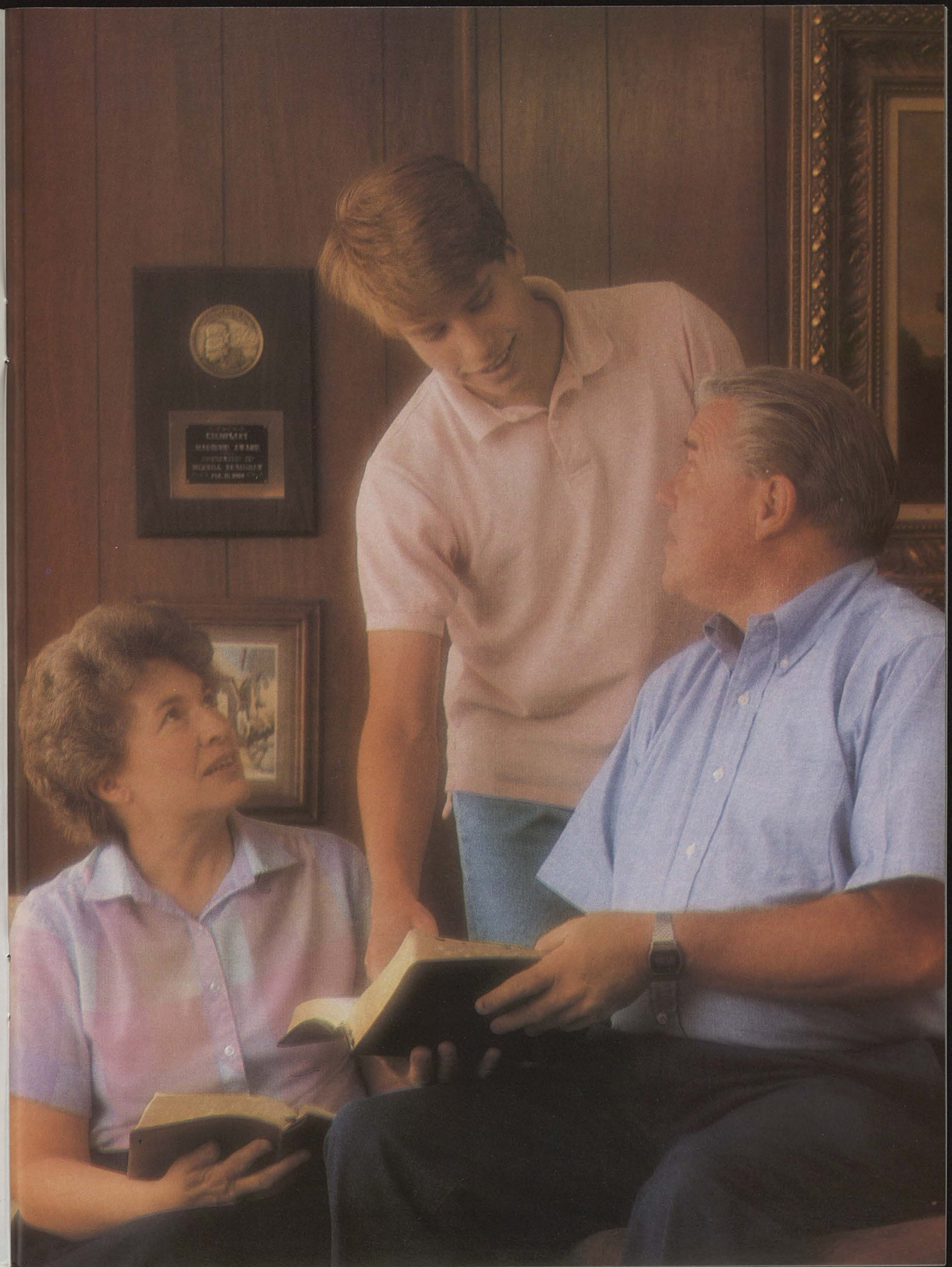
Essa experiência não só me proporcionou o aprendizado do idioma, mas também o início da compreensão da beleza e importância de toda escritura.

2) Há poucos anos, freqüentei, na Universidade Brigham Young, um seminário destinado a preparar o corpo docente para ensinar o Livro de Mórmon a estudantes e calouros. Durante esse período de seis semanas, li o Livro de Mórmon inteiro duas vezes, esboçando e ponderando significados no processo, e saboreando passagens e doutrinas especialmente belas. Foi mais outro passo em meu amor a esse livro. Consegui aproximar-me mais dele, pesquisando assuntos e temas que atraíam meu interesse. Mais uma vez não pude dizer que recebi qualquer manifestação ou testemunho especial; isso não fez parte de meu relacionamento com o livro. Obtive, porém, uma percepção mais profunda da beleza de sua mensagem e da importância de suas advertências para as pessoas de hoje. Esta percepção intensificou-se ao ensinar a respeito do Livro de Mórmon na classe de Doutrina do Evangelho. Então pude identificar-me com os problemas enfrentados por homens como Alma e Mórmon, e entender sua profunda preocupação com gente como eu. Aprendi que muitas objeções dos críticos do livro não têm nenhuma importância quando comparadas com o magnífico e intenso amor demonstrado por Cristo na preservação do livro, a fim de nos valer de ajuda.

3) Em minha família, lemos as escrituras com freqüência – embora não com a regularidade a que somos incentivados; mais da metade, porém, do tempo que dedicamos à leitura das escrituras passamos lendo o Livro de Mórmon. Têm sido momentos muito gratificantes. Os filhos maiores guardam boas lembranças deles. Os cinco missionários que saíram de nossa família, fizeram-no mais ou menos preparados como eu: Aceitavam o livro como verdadeiro antes que o tivessem lido de capa a capa, muitas vezes, ou recebido testemunho dramático a seu respeito. Mesmo sem nenhuma experiência espiritual espetacular, o Livro de Mórmon representa uma âncora para nossa família, nossa fé, toda nossa maneira de viver. Ele é a pedra angular de nossa religião e lhe dá sentido. Quando penso no valor do Livro de Mórmon para nós, fico imaginando se qualquer manifestação poderia ser mais importante que isso.

O Espírito Santo nem sempre é óbvio ou direto em suas manifestações. Por meio de pequeninas coisas que acontecem durante uma vida inteira, ele cria um fundamento sobre o qual podemos edificar uma vida reta e feliz, uma vida produtiva e firme no Reino de Deus na terra. O Livro de Mórmon é para mim parte desse fundamento, e sua importância continua aumentando para mim. Sou grato ao Senhor por essa bênção. □

MESMO SEM NENHUMA EXPERIÊNCIA ESPETACULAR, O LIVRO DE MÓRMON REPRESENTA UMA ÂNCORA PARA NOSSA FAMÍLIA, NOSSA FÉ, TODA NOSSA MANEIRA DE VIVER.





FOTOGRAFIA DE JANET THOMAS

VOCÊ PODE TORNAR AS COISAS DIFERENTES

JANET THOMAS

SUE KELLER NÃO SE DEIXA LEVAR PELA MULTIDÃO — ELA A LIDERA.

No quarto de Sue Keller vemos um letreiro na parede que diz: "Você Pode Tornar as Coisas Diferentes." Tendo ouvido a frase num discurso, acrescentou-a à sua coleção de fotos e cartazes.

Sue, porém, fez mais que simplesmente pregar um letreiro na parede. Ela é um exemplo vivo de como alguém pode fazer as coisas acontecerem. Foi presidente dos estudantes na escola Mount Si High School, capitã das equipes de vôlei e basquete, e presidente de sua classe no seminário. Sue incentivou seus colegas a participarem de dois grandes projetos – um *show* de talentos e a pintura da escola – que tornaram inesquecíveis seu último ano no curso secundário.

Sue não nasceu uma líder. Aprendeu a sê-lo errando e acertando. Durante os primeiros anos de escola, Sue simplesmente fazia parte da turma até que esta começou a seguir um rumo que não quis acompanhar. Sua criação na Igreja dera–lhe uma perspectiva diferente da de suas amigas.

"Em meu segundo ano do curso secundário, meus amigos começaram a fazer coisas horríveis que me faziam chorar por eles. Tinha vontade de sacudi-los e perguntar: 'O que estão fazendo?' mas não podia. Era muito frustrante. Então comecei a dizer a mim mesma: 'Ei, Sue, você não precisa imitá-los.'"

Foi quando decidiu fazer suas próprias opções e, se possível, levar também seus amigos para o rumo certo. Allen Dance, seu bispo na Ala Snoqualmie Valley, reconheceu sua capacidade de influenciar positivamente suas amigas. "Sue sempre procurou fazer o bem. Tem fortalecido os fracos em nossa ala e na escola. Ela procura ser amiga de pessoas que necessitam de uma amizade. E com seu exemplo outros têm sido abençoados."

Às vezes, tornar as coisas diferentes é tão fácil como proferir uma frase.

Há alguns anos, ao se iniciar a temporada de basquete das moças, Sue disse:

"Vamos fazer uma oração."

As outras aceitaram a sugestão antes da primeira partida, e isso tornou-se um hábito. "Eu costumava orar antes de cada partida. Vez por outra eu propunha: 'Alguém mais gostaria de fazer a oração hoje?' E às vezes alguém aceitava. Quase sempre, porém, o grupo ficava à espera dela e acabava chamando: 'Venha fazer oração, Sue.'

Durante a campanha como candidata a presidente dos estudantes, Sue apresentou o tema: 'Busque o melhor em si.' Como acontece entre os estudantes, alguns puseram-se a caçoar do tema. Mas Sue ficou firme e utilizou o tema para todas as atividades escolares durante o ano, e as caçoadas foram morrendo. Comentário do diretor: 'Sempre existem aqueles que procuram ridicularizar alguma coisa positiva. Sue venceu com sua atitude cordial, não se levando demasiadamente a sério nem se mostrando irritada quando as pessoas faziam caçoada do tema. E ele acabou tornando-se o lema dos alunos daquele ano.'

FOTOGRAFIA DE JANET THOMAS

Um dos projetos que exigiu muito esforço e trabalho dos alunos da Mount Si foi a pintura das paredes da escola. Era uma tarefa e tanto, mas Sue e outros líderes estudantis decidiram que poderia ser feita. Precisavam da colaboração de mais de duzentos alunos para ajudarem em cada etapa do projeto—preparo das paredes, aplicação da tinta-base, depois da pintura propriamente dita e, por fim, do remate colorido.

Conta o diretor-assistente: 'Chegando à primeira reunião, soube no mesmo momento que teríamos sucesso porque Sue era organizada e estava pronta para começar. Num bloco de notas ela havia anotado frases inspiradoras e uma lista do que precisava ser feito assim como a programação de cada etapa. Ela havia convidado alguns alunos que considerava líderes, além de uma pessoa da equipe de manutenção da escola. E fez com que eu comparecesse. Ela tem tino de organização.'

A pintura da escola foi um sucesso, mas só depois que Sue contornou algumas crises de última hora. O primeiro dos quatro dias previstos para o projeto, amanheceu lindo e ensolarado. Naquela época do ano, um dia de sol era raridade. 'De repente deu-me um assomo de pânico', confessa. 'Quem iria querer pintar a escola num dia lindo assim?'

Mas o pessoal apareceu – em tempo para a segunda crise. Depois de as paredes todas preparadas, estava na hora de aplicar a tinta-base. E bem na hora em que mais de cem alunos estavam prontos para iniciar a pintura, o zelador da escola apareceu correndo para mostrar a Sue o rótulo de uma das latas. A tinta-base era inflamável e devia ser usada somente em locais bem ventilados. Eles escancararam todas as janelas e portas, desligaram a energia





A IGREJA É UMA DAS MELHORES FONTES DE ORIENTAÇÃO E CONFORTO DE SUE.



elétrica para evitar eventuais fagulhas e vedaram todas as tomadas. Enquanto isso, Sue sumira em busca de ajuda adicional. 'Encontrei uma sala vazia, e caí de joelhos. Tudo deu certo. O perigo foi contornado e o grupo divertiu-se muito.' Deu muito trabalho, mas também muita satisfação.

Com as paredes revestidas da nova pintura cinza-pálido com acabamento marrom, os alunos liderados por Sue passaram a sentir orgulho de sua escola. Agora, se alguém tenta rabiscar ou sujar as paredes, é logo advertido pelos colegas: 'Não faça isso. Eu pintei esta parede e ninguém vai estragá-la.'

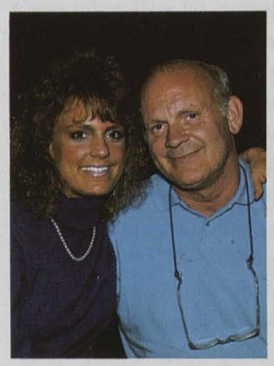
E depois foi a vez do show de talentos, dando pela primeira vez uma oportunidade aos alunos que sabiam tocar piano, cantar, dançar ou fazer teatro. 'O melhor foi que', diz Sue, 'contando com toda essa gente talentosa, eles nunca haviam tido oportunidade de mostrar-se como os atletas. Era esta a nossa intenção. Gente de quem nunca se ouvira falar ficou entusiasmada em poder participar. Fizemos uma apresentação para os alunos e outra para os pais.'

E houve outras ocasiões como quando um rapaz rompeu com sua primeira namorada ou quando um dos melhores jogadores foi excluído da equipe de *softball* por tomar bebidas alcoólicas. O diretor da escola disse que Sue estava sempre a postos para ajudar. 'Eu a vejo ajudar e incentivar rapazes e jovens de todas as idades. Quando percebe que estão num mau dia, passa o braço em torno deles e os acompanha pelo corredor, conversando e animando-os. O fato de a presidente estudantil fazer isso pela gente é uma experiência muito importante para uma porção de nossos alunos. Sue lida muito bem com as pessoas individualmente.'



"SUE SEMPRE PROCUROU FAZER O BEM. ELA PROCURA SER AMIGA DE PESSOAS QUE NECESSITAM DE UMA AMIZADE. E COM SEU EXEMPLO, OUTROS TÊM SIDO ABENÇOADOS."

ENSINAR O EVANGELHO ÀS AMIGAS, INCENTIVAR COLEGAS EM BONS PROJETOS E OUVIR OS CONSELHOS E ORIENTAÇÃO DOS PAIS, SÃO COISAS QUE SUE KELLER APRENDEU SEREM CAPAZES DE TORNAR AS COISAS DIFERENTES.





Onde, porém, Sue consegue a força e determinação para continuar defendendo seus princípios e fazer as coisas mudarem na vida de outras pessoas? 'Minha mãe é minha melhor amiga', explica Sue. 'Depois de um dia difícil, posso desabafar com ela. Ela sempre tem as respostas certas. Ela me diz como resolver os problemas da escola ou dificuldades com rapazes. Sigo seu conselho e a coisa funciona. Sem o apoio dela e de meu pai, não sei o que faria.' Sue também recebe apoio e bons conselhos dos demais membros de sua família.

A Igreja é uma das melhores fontes de orientação e conforto de Sue. Numa conferência de jovens, o bispo desafiou todos os jovens a orarem pela confirmação pessoal da veracidade da Igreja, mesmo que já tivessem testemunho.

Sue aceitou o desafio, embora com certa reserva. 'Achei que não precisava pedir, pois já sabia que a Igreja é verdadeira. Mas queria falar de meu testemunho às minhas amigas antes de terminar o curso secundário. Elas de vez em quando mexem comigo por eu ser mórmon.'

Embora tivesse orado, Sue pareceu não receber resposta. Então um dia, estando com um grupo de amigas, viu-se subitamente envolvida em conversa séria sobre a Igreja com uma delas. A amiga perguntou-lhe: 'Como você sabe que ela é verdadeira?'

"De repente compreendi que o Pai Celestial me dava oportunidade de dizer que sei que a Igreja é verdadeira. Ali estava eu prestando testemunho, dizendo que esta é a verdade. Até aquela noite, eu não sabia que minha oração fora atendida."

Então a amiga perguntou se poderia ir às reuniões com a família de Sue. Pouco depois já freqüentava o seminário com Sue e ouvia as palestras dos missionários. "Foi maravilhoso", diz Sue. "Nunca tivera tal experiência com uma amiga."

Sue Keller é apenas uma jovenzinha, mas é alguém que torna as coisas diferentes. Ward Keller, seu pai, procurou explicar a personalidade única da filha. "Ela é superespecial, e realmente não sei como ela se tornou assim." Mas lá no fundo, ele sabe. Ao descrever a filha, mencionou o atributo que a ajuda a tornar as coisas diferentes. "Ela tem sido um exemplo para seus colegas. Tem seus padrões e crenças em alta conta e os tem vivido."□

Existem neste mundo outras pessoas como Sue Keller, que tornam as coisas diferentes por viverem os padrões do evangelho. Sejam elas jovens ou idosas, gostaríamos de compartilhar suas experiências com nossos leitores. Se conhecerem alguém que tornou as coisas diferentes por sua maneira de viver, contem-nos a respeito. Enviem suas cartas para: International Magazines, 50 East North Temple Street, 25th floor, Salt Lake City, Utah, USA, 84150. Não se esqueçam de incluir seu nome e endereço. Grato.

EXPERIÊNCIA PESSOAL

PERSEGUIÇÃO

DARINA REYNOLDS

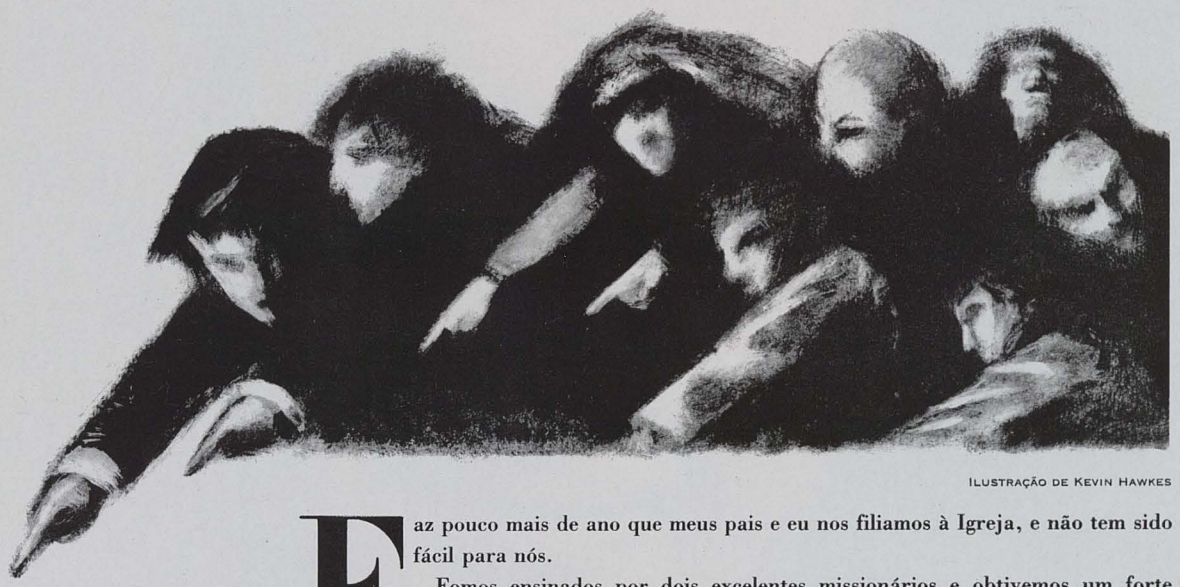


ILUSTRAÇÃO DE KEVIN HAWKES

Faz pouco mais de ano que meus pais e eu nos filiamos à Igreja, e não tem sido fácil para nós.

Fomos ensinados por dois excelentes missionários e obtivemos um forte testemunho. Mas quando resolvemos batizar-nos, as pessoas nos disseram que seria a nossa perdição e que acabaríamos no inferno. Acusaram-nos de sermos pessoas más, e sofremos muita perseguição.

Perdi todas as amizades que tinha na igreja que freqüentava havia onze anos. Eu costumava cuidar de crianças na ausência dos pais, mas quando mudei de igreja, essas pessoas disseram-me que nunca mais me chamariam para cuidar de seus filhos, que eu era uma péssima influência e que não podia mais entrar em suas casas.

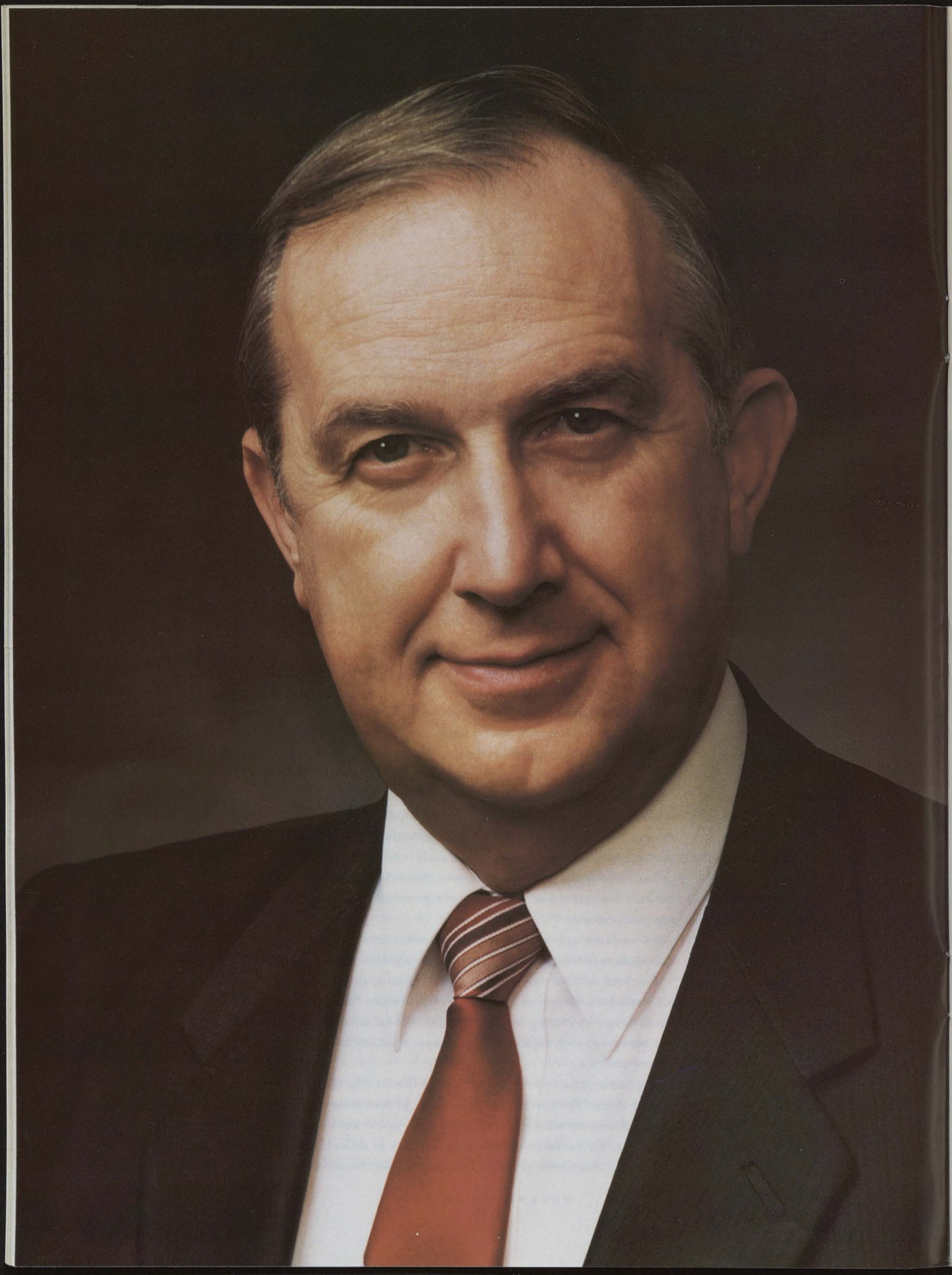
Isso tudo feriu-me profundamente. Além de ser importunada na escola, quando chegava em casa encontrava na caixa de correspondência folhetos atacando a Igreja e recebia ameaças por telefone.



As ameaças que sofremos quase retardaram nosso batismo. Ao receber uma no dia em que íamos ser batizados, meu pai quase cancelou o batismo. Mas afinal, fomos em frente.

E sabem de uma coisa? Estou muito contente por tê-lo feito. Disse à minha mãe que não me importava de perder todas as minhas amigas. Sim, foi muito doloroso, mas eu sabia que Jesus Cristo morrera por meus pecados. Ele foi espancado, cuspiram nele, apunhalaram-no e o coroaram com espinhos. Em comparação, meus problemas até que não pareciam tão graves assim.

Continuo ouvindo críticas por ter-me filiado à Igreja, mas Jesus Cristo tem-me ajudado a ficar firme. Recuperei meu trabalho e já não somos mais ameaçados. Encontrei amigos maravilhosos em minha ala, na qual reina muito amor, amizade e interesse mútuo entre os membros. Eu passaria novamente por todas as dificuldades e até mais ainda por amor ao evangelho. Sou muito grata ao Pai Celestial por trazer-me para a verdadeira Igreja. □



FOTOGRAFIS DE WELDEN ANDERSEN

"O VERDADEIRO PODER PROVÉM DO SENHOR"

MARVIN K. GARDNER

A notícia foi dolorosa. Os médicos comunicaram à família que o pai tinha câncer e, na melhor das hipóteses, restavam-lhe poucos meses de vida. A medicina nada podia fazer no caso.

Um dos filhos aflitos era engenheiro nuclear, um perito no que o homem pode fazer com os milagres da tecnologia. Neste caso porém, a tecnologia era inútil.

Em espírito de jejum e oração, Richard G. Scott e seus quatro irmãos reunidos em círculo deram ao pai uma bênção do sacerdócio, prometendo-lhe recuperação plena. A bênção se cumpriu.

O Élder Richard G. Scott, ex-engenheiro nuclear e atualmente membro do Quorum dos Doze Apóstolos, tem testemunhado grandes poderes – do homem e de Deus, e respeita ambos. O poder do homem, entretanto, é finito; o de Deus, infinito.

"Não posso compreender o poder (do Senhor), sua majestade, sua perfeição", comentou em seu primeiro discurso como membro do Quorum dos Doze. "Mas compreeendo um pouco de seu amor, sua compaixão, sua misericórdia.

Não há fardo que ele não possa erguer.

Não há coração que não possa purificar e encher de alegria.

Não há vida que não possa purificar e restaurar, quando alguém é obediente a seus ensinamentos." ("Amigos Verdadeiros Que Elevam", *A Liahona*, janeiro de 1989, p. 81.)

"NÃO POSSO COMPREENDER O PODER DO SENHOR, SUA MAJESTADE, SUA PERFEIÇÃO. COMPREENDO, PORÉM, UM POUCO DO SEU AMOR, SUA COMPAIXÃO, SUA MISERICÓRDIA."

FOTOGRAFIS DE WELDEN ANDERSEN

Nos anos em que Richard G. Scott trabalhou na vanguarda tecnológica, sua fé no Senhor foi-se tornando cada vez mais forte. Ele chegou ao Quorum dos Doze imbuído de inabalável amor ao seu "amigo perfeito – nosso Salvador e Redentor, Jesus Cristo", e por outro "amigo precioso" – o Livro de Mórmon. (Ibid.)

Tendo nascido a 7 de novembro de 1928 em Pocatello, Idaho, e se criado em Washington, D.C., desde cedo Richard passou a interessar-se pela ciência. Os pais, Kenneth Leroy e Mary Eliza Whittle Scott, incentivavam os filhos a explorar, experimentar coisas mecânicas, a descobrir como funcionavam, a construir e consertá-las. Chegaram mesmo a confiar um conserto do carro aos rapazes. Diz ele sorrindo: "Certa vez colocamos, por brincadeira, um apito de trem no cano de descarga!"

Seu pai não era membro da Igreja, e a mãe um membro inativo. Mas eram pessoas de bem, com elevados padrões de integridade. Richard era um jovem extrovertido; era presidente de sua classe no curso secundário, tocava clarineta na banda escolar, além de ser o tambor-mor da fanfarra.

Ainda assim, sentia falta de algo em sua vida. Incentivado pelo bispo e mestres familiares a participar das reuniões e atividades da igreja, ele passou a fazê-lo, "embora com certa relutância, às vezes". Por alguma razão, às vezes sentia-se como mero espectador. O mesmo acontecia na escola: apesar de destacar-se academicamente e ser benquisto, faltava-lhe confiança social e atlética, e muitas vezes sentia-se só.

Somente durante a missão descobriu o que poderia ter eliminado tais sentimentos. "A melhor compreensão do evangelho nascida do urgente desejo de compartilhar o evangelho com outros, preencheu todos os vazios de solidão", diz ele. "Comecei a perceber que tais sentimentos não precisavam ter feito parte de minha vida se eu realmente houvesse entendido o evangelho."

Ezra Taft Benson, na época membro do Quorum dos Doze e Ministro da Agricultura dos Estados Unidos, era o presidente de estaca da família Scott em Washington, D.C. O pai de Richard trabalhava com ele como seu assistente no ministério. O exemplo do Presidente Benson – "sua integridade, devoção e grande capacidade de defender um princípio – tocou profundamente meu pai", conta o Élder Scott. "À medida que a amizade deles crescia, o Presidente Benson ia tendo uma significativa influência em sua conversão." Ao ser batizado, o pai de Richard Scott convidou o Presidente Benson a confirmá-lo. Subseqüentemente, ele

NESTA FOTOGRAFIA DA FAMÍLIA, NO NATAL DE 1987, ÉLDER E IRMÃ SCOTT ESTÃO CERCADOS PELOS FILHOS E NETOS. À ESQUERDA ESTÃO A FILHA LINDA E SEU MARIDO, MONTE MICKLE, E OS TRÊS FILHOS (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) DEVON, CLINTON, E EMILY. EM PÉ, ATRÁS



DE ÉLDER E IRMÃ SCOTT, ESTÃO SEU TRÊS FILHOS (DA ESQUERDA PARA A DIREITA), KENNETH, MICHAEL E DAVID. SENTADA À DIREITA ESTÁ A FILHA MARY LEE.



e a esposa serviram por mais de dez anos no Templo de Washington, onde foi um selador.

Como adolescente, Richard decidiu ganhar dinheiro para custear seus estudos universitários, demonstrando então um extraordinário espírito aventureiro. Passou o verão trabalhando num barco ostreiro ao largo da costa leste dos Estados Unidos. Noutro verão ficou em Utah cortando árvores para o serviço florestal; trabalhou ainda consertando vagões ferroviários.

Num verão posterior, sua solicitação para trabalhar no hotel de um dos parques naturais de Utah foi negada por falta de vaga. Escondendo de todos a resposta negativa, partiu para Utah. Depois de atravessar a maior parte dos Estados Unidos, restavam-lhe três centavos de dólar no bolso.

"Não recebeu nossa carta?" indagou o encarregado quando ele se apresentou.

"Recebi, sim", respondeu-lhe Richard, "mas ainda assim gostaria de trabalhar aqui. Não tem um lugar de recepcionista?" O encarregado riu, incrédulo. Reduzindo suas pretensões, Richard perguntou: "E que tal de mensageiro?" Nada feito. "Tudo bem, então eu lavo pratos!"

"Esqueça", foi a resposta. "Não temos *nenhuma* vaga."

Remexendo os três centavos no bolso, Richard estava desesperado. "Olhe, eu lavo pratos durante duas semanas," propôs, "e se não gostar do meu trabalho não precisa pagar-me."

Pelo menos, pensou ele, teria garantia de cama e comida. Finalmente, o encarregado concordou.

Richard se pôs a lavar pratos—mas também aparecia na cozinha para ver se poderia ajudar. No fim do verão, era o segundo cozinheiro.

Essas experiências não contribuíram apenas para sua conta de poupança; ajudaram-no também a crescer espiritualmente. Durante os minutos de folga lia e ponderava o Livro de Mórmon e experimentou um poderoso despertar espiritual.

De volta ao lar, passou a freqüentar o curso de engenharia mecânica da Universidade George Washington, de Washington, D.C., além de tocar clarineta e saxofone numa orquestra de *jazz*. Ao aproximar-se a época de sua formatura, todos seus planos profissionais pareciam perfeitamente equacionados. Mas então "o Senhor jogou uma bomba no meu pequeno mundo: Jeanene Watkins". Jeanene era a filha jovem e vivaz de Arthur V. Watkins, senador por Utah.

O relacionamento afetivo deles apresentava um pro-

blema para seus planos profissionais meticulosamente programados. Certa noite Jeanene comentou: "Quando me casar, será no templo, com um ex-missionário." Não tendo pensado seriamente a respeito de uma missão, com essa motivação passou a orar mais fervorosamente que antes e acabou conversando com o bispo a respeito. Pouco depois da formatura, ele partiu para cumprir missão no Uruguai. Jeanene diplomou-se em sociologia no mês de junho seguinte partindo imediatamente para cumprir missão na região noroeste dos Estados Unidos. Pouco depois de voltarem para casa, casaram-se no Templo de Manti.

Durante a missão, Richard aprofundou-se no conhecimento do Livro de Mórmon, fortalecendo assim o alicerce de seu testemunho. Verificou que quanto mais se esquecia do próprio eu no serviço ao próximo, tanto mais forte se tornava sua fé.

Certa ocasião, uma família convidou-o e a seu companheiro à casa dela para explicar os ensinamentos da Igreja, com a condição de não tentarem convertê-la. Lá chegando, encontraram um outro visitante, o chefe para toda a América do Sul de uma outra igreja! "Ele desafiou e contradisse tudo o que dizíamos. Vi-me dilacerado entre procurar defender meu credo com meus parcos conhecimentos e honrar o compromisso de não tentar convertê-los. Decidi-me pelo último. Mas quando terminou, voltei para casa arrasado. Sentia não ter defendido a Igreja como deveria; sabia que meu conhecimento do evangelho deixava muito a desejar. Naquela noite orei muito."

No dia seguinte, a tal família fez novo convite. Estavam envergonhados pelo ocorrido e impressionados com o fato de os missionários terem cumprido sua promessa, mesmo quando o oponente não o fez. Agora desejavam ser ensinados e foram batizados.

Antes de partir para a missão, um professor universitário havia tentado dissuadir Richard de fazê-lo, alegando que com isso estaria arruinando uma carreira promissora. Umas poucas semanas depois de seu retorno do Uruguai, Richard foi convidado para uma entrevista com o capitão (mais tarde almirante) Hyman G. Rickover, com vistas a um emprego num projeto militar altamente secreto na área da energia nuclear.

A entrevista pareceu não ir nada bem para Richard. Respondendo a uma pergunta, ele mencionara sua missão. "Que missão?" quis saber o capitão Rickover. "E o que tenho a ver com sua missão?"

Richard reagiu a isso, pois a missão havia sido uma época preciosa de sua vida. "Como tudo o que realmente



Fotografia de Welden Andersen

aprecio começou a amadurecer no campo missionário", explica ele, "resolvi responder energicamente a todas as indagações."

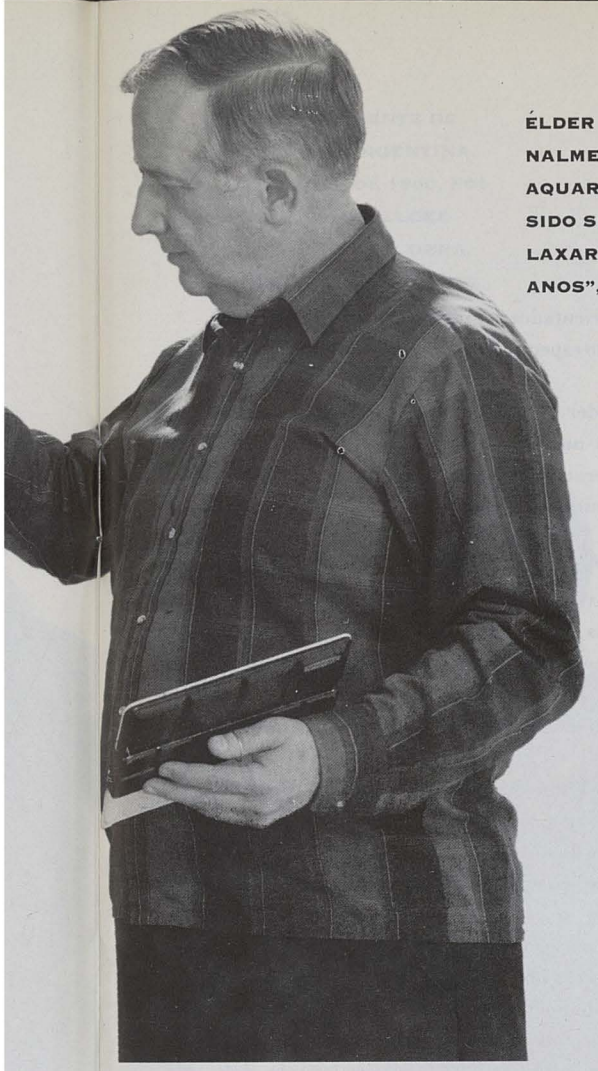
Então o capitão perguntou: "Qual foi o último livro que leu?"

"O Livro de Mórmon", respondeu.

No final da entrevista, e sentindo que não tinha possibilidade de obter o emprego, Richard levantou-se para sair. "Espere um minuto", disse o capitão. "Estive pondo você à prova para ver se era capaz de defender aquilo em que acredita. O projeto em vista não será nada fácil. Precisamos de pessoas capazes de trabalhar com confiança." Richard conseguiu o emprego para trabalhar no projeto do reator do *Nautilus*, o primeiro submarino movido a energia nuclear.

Posteriormente, ao verificar fichas de funcionários, Richard encontrou o nome do professor que o desaconselhara a cumprir missão, ele agora trabalhava sob a chefia de Richard, cerca de três níveis administrativos abaixo dele.

O Irmão Scott trabalhou para o Almirante Rickover durante doze anos. Em 1955, ele completou o equivalente a



ÉLDER SCOTT, OCASIONALMENTE PINTA COM AQUARELA. "ESTA TEM SIDO SUA FORMA DE RELAXAR DURANTE MUITOS ANOS", DIZ IRMÃ SCOTT.

um doutorado em engenharia nuclear na Oak Ridge School of Reactor Technology, no Tennessee. (Devido ao caráter altamente sigiloso do trabalho, não lhe pôde ser concedido o título acadêmico.) Ele colaborou igualmente no desenvolvimento do projeto da primeira usina de energia nuclear comercial, em terra firme.

Durante esses anos, o Irmão Scott serviu como presidente de um quorum de setentas e como secretário de estaca. Em 1965, aos trinta e sete anos de idade, ele foi chamado a presidir uma missão na Argentina. Mais uma vez teve de escolher a missão ou sua carreira profissional – sendo vigorosamente encorajado a não aceitar o chamado eclesiástico. E mais uma vez não teve dúvidas, apesar de aparentemente estar colocando em risco a sua carreira.

Como presidente de missão, ele voltou a encontrar no Livro de Mórmon uma constante fonte de inspiração, que usou intensamente nas reuniões de zona e no aconselhamento dos missionários. Ele mostrou-se um presidente de missão eficiente e compassivo. Wayne L. Gardner, um de seus missionários, recorda que, ao servir numa região distante, recebeu a incumbência de cuidar dos preparativos para uma conferência. "Tudo saiu errado", conta ele. "Eu havia reservado um recinto para a reunião, mas a reserva foi cancelada na última hora. Quando fui apanhar o presidente no aeroporto cheguei atrasado, e ele já estava esperando por mim. Eu esquecera de mandar o táxi esperar, e não havia nenhum outro à vista. Estávamos encalhados.

Apesar de poder perceber a frustração em seu olhar, ele passou os braços sobre meus ombros e disse-me que me amava. Mostrou-se tão paciente e compreensivo! Espero nunca esquecer-me dessa lição."

Quando a família voltou para Washington, D.C. de sua missão, o Irmão Scott associou-se a colegas que haviam trabalhado com ele sob as ordens do Almirante Rickover e tinham agora uma firma especializada em engenharia nuclear. Serviu como conselheiro numa presidência de estaca e mais tarde como representante regional. Nessa época, ficou pronto o Templo de Washington, e o Presidente e irmã Scott convidaram muitos amigos e conhecidos para uma reunião preparatória, em sua casa, para a temporada de visitação pública do templo. Um colega de escritório e sua família se batizaram, bem como uma família vizinha.

Então, em 1977, oito anos depois de sua desobrigação da presidência de missão, Richard G. Scott foi chamado a integrar o Primeiro Quorum dos Setenta. Pelo espaço de um ano serviu como diretor administrativo do Departamento do Sacerdócio, depois como administrador executivo no México e América Central. A família viveu na Cidade do México durante três dos seis anos de sua designação.

O grande amor do Élder Scott pelo povo latino-americano aprofundou-se ainda mais quando voltou a servi-lo, amor que lhe era retribuído. O povo via nele não só o líder, mas igualmente um amigo – alguém disposto a dirigir e também aprender.

Certo domingo, na Cidade do México, o Élder Scott participava da aula do sacerdócio. O professor não era muito preparado e sua maneira de lecionar não era hábil. Era óbvio que amava o Senhor e seus irmãos, e tinha o humilde desejo de compartilhar com eles o evangelho. Na sala reinava uma atmosfera espiritual.

Ouvindo suas palavras, o Élder Scott sentiu a confirmação espiritual da mensagem da lição e também algumas impressões para seu benefício pessoal. Anotou-as e verificou "que recebera verdades preciosas de que necessitava muito para ser um servo mais eficiente do Senhor". Durante aquela manhã, ele continuou anotando as impressões que lhe vieram à mente e coração. E essa experiência tem-se repetido.

"Não acho que minha experiência com tais inspirações seja diferente da de outros", diz ele. "Acredito, porém, que muitas vezes deixamos escapar preciosas orientações pessoais do Espírito por não anotar e reagir aos primeiros sussurros recebidos quando necessitamos ou quando a inspiração vem em resposta a orações urgentes."

Ao voltar para a sede da Igreja, ele foi designado diretor administrativo do que hoje conhecemos como Departamento de História da Família. Um ano depois, em 1983, ele foi chamado para a Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta e, em 1984, tornou-se diretor-executivo, do Departamento de História da Família.

Nos quatro anos seguintes, o Élder Scott supervisionou algumas modificações importantes no departamento. Como não é de estranhar, muitas delas envolviam a aplicação da tecnologia sob a forma de computadores aos desafios da pesquisa da história da família.

Um claro sinal dessa tendência foi a alteração do nome de *Genealogia* para *História da Família*. Outras modificações envolveram a simplificação dos passos necessários para a identificação de antepassados; o abandono da tendência de tentar treinar as pessoas para serem genealogistas e, concentrando-se mais em ajudá-las a identificar seus antepassados; o incremento da taxa de registros microfilmados em todo o mundo; a internacionalização dos centros de história da família; e a descentralização de funções-chave.

Esse homem que passou grande parte da vida envolvido em tecnologia, mostra especial entusiasmo quando fala sobre a obra da história da família auxiliada pela computação. O mesmo acontece com sua esposa. "Como o pai de Richard era um converso", comenta ela, "era necessário identificar e realizar as ordenanças do templo por eles. Nós trabalhamos com os pais dele colhendo dados genealógicos dessa linha. E é entusiasmante verificar o que se pode conseguir com computadores!"

O Élder Scott recusa-se a aceitar qualquer crédito pessoal pelas mudanças no Departamento de História da Família. "Elas foram feitas de acordo com metas de longo alcance inspiradas, estabelecidas pela Primeira Presidência e pelo Quorum dos Doze", afirma. "Tive a felicidade de ocupar esse posto depois de lançado um excelente fundamento pelos meus predecessores, e conto com o auxílio de experientes diretores administrativos e de uma equipe dedicada. Já havia trabalhado com excelentes pessoas antes. Mas nunca tive a bênção de servir com um grupo de homens e mulheres mais dedicado, capaz e esforçado, nem de sentir mais consistentemente a influência orientadora do Espírito do que durante essa experiência muito especial no Departamento de História da Família."

Não é de surpreender que a irmã Scott esteja tão profundamente empenhada num assunto que tanto absorve seu marido. "Quando penso em meu pai", diz uma das filhas, "penso também em minha mãe. Sempre vejo meus pais trabalhando em equipe."

O Élder Boyd K. Packer referiu-se às qualidades da irmã Scott ao dar as boas-vindas ao marido dela no Quorum dos Doze, por ocasião da conferência geral: "(O Élder Scott) é apoiado por sua encantadora esposa Jeanene, dona de uma espiritualidade nem um pouquinho menor." ("Funeral—Um Momento de Reverência", *A Liahona*, janeiro de 1989, p. 19.)

A qualidade que o Élder Scott mais aprecia em Jeanene é "seu amor ao Senhor e sua espiritualidade. Ela é uma esposa devotada, trabalhadora e capaz, que concentrou sua vida na família. Além disso", acrescenta, "nos divertimos muito juntos!"

"E é mesmo", diz ela sorrindo. "Ele é meu melhor amigo."

Essa união transparece imediatamente. Bom humor e alegria são uma parte importante na vida deles. "Sabemos quando ficar sérios e quando dar risada", diz ele. Eles provocam-se mutuamente, mas de uma maneira branda. Seu afeto recíproco e sensibilidade para com as necessidades do outro são lembranças inolvidáveis para os filhos.

"Um dos dons de Jeanene é fazer com que eu pense ser bom nas coisas em que ela é perita e eu não", conta ele. "Como dançar, por exemplo. Não danço quase nada, mas ela dança muito bem e faz com que pareça que eu sei o que estou fazendo. Certa ocasião, numa atividade social da estaca, ganhamos um concurso de valsa! Feito muito improvável, pois era a primeira vez que valsávamos juntos!"

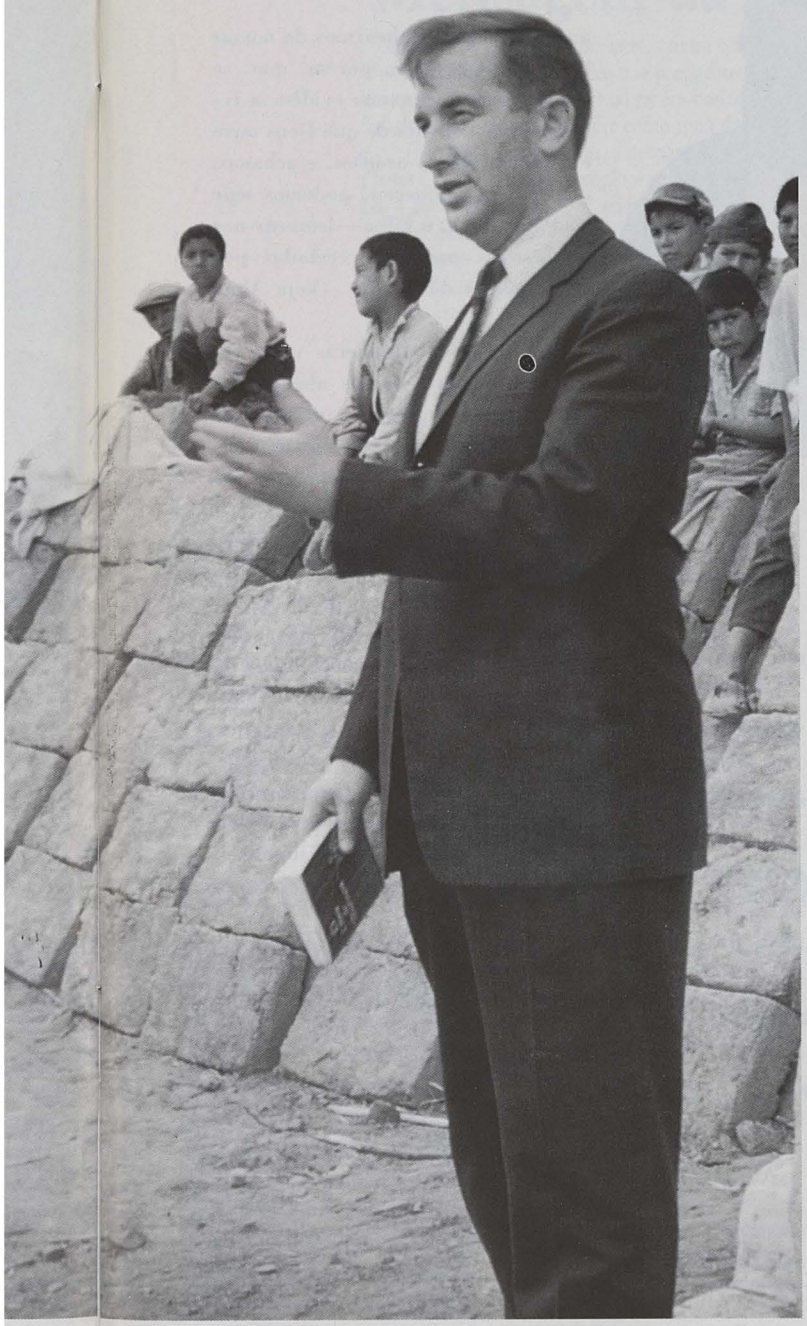
Desde os dia de namoro, ambos se interessam por jazz. Atualmente também apreciam e colecionam música folclórica sul-americana. Ambos adoram pintar, um passatempo cultivado desde que se casaram. Ele prefere aquarela; ela usa pastel. Nenhum dos dois, porém, consegue encontrar mais muito tempo para isso.

Devido a sua inclinação para a mecânica, o Élder Scott é o "conserta tudo" da família, cuidando da instalação elétrica e hidráulica da casa, dos carros e de tudo mais que exige manutenção. No decorrer dos anos, projetaram e construíram ampliações das casas em que vivem.

O casal tem cinco filhos vivos: Mary Lee, cumpriu missão na Espanha, terminou seu doutorado em lingüística aplicada



COMO PRESIDENTE DE MISSÃO NA ARGENTINA, NA DÉCADA DE 1960, FOI PERMITIDO AO ÉLDER SCOTT INICIAR A OBRA MISSIONÁRIA ENTRE OS ÍNDIOS QUECHUA, NO SUL DA BOLÍVIA.



na Universidade da Califórnia em Los Angeles, e agora trabalha em Washington, D.C.; Kenneth cumpriu missão no Texas e vive em Phoenix, Arizona; Linda vive em Houston, Texas, com seu marido Monte Mickle e três filhos; e David e Michael estão na universidade.

Mary Lee lembra-se de muitas conversas particulares com o pai. "Eu podia falar com ele sobre qualquer coisa, sabendo que seria compreensivo e amoroso, embora franco." Durante vários verões em Washington, D.C., ela trabalhou perto do escritório do pai e assim iam para o trabalho no mesmo carro, ouvindo gravações da conferência geral ou simplesmente conversando. "Ele e minha mãe sempre foram meus melhores amigos", afirma.

Recorda-se igualmente de muitas bênçãos do sacerdócio que recebeu dele no decorrer dos anos, e das cartas que lhe escreveu durante sua missão. "Elas são como escrituras para mim."

Nos primeiros anos de casados, o casal Scott perdeu dois filhos. Uma filha morreu pouco antes de nascer, e seis semanas depois perderam seu garotinho de dois anos durante uma cirurgia cardíaca. Por mais penosa que fosse, "foi uma época que realmente fortaleceu nosso testemunho", diz a irmã Scott. "Sabíamos que era a vontade do Senhor. Recordando aqueles tempos, admira-me a força com que enfrentamos tudo. Mas são muitas as bênçãos nascidas dessas tristezas."

As experiências de vida do Élder Scott – tanto as agradáveis como as penosas – são "possivelmente a razão de eu dar tanta importância a que outras pessoas passem a realmente apreciar o Salvador". diz ele. "O quanto ele poderia ajudar-nos se apenas vivêssemos seus ensinamentos! Quanto sofrimento e solidão poderiam ser resolvidos se nos achegássemos a ele!"

No dia 29 de setembro de 1988, o Presidente Ezra Taft Benson – "com um carinho, amor e grande compreensão que jamais olvidarei" – fez-lhe o chamado de tornar-se membro do Quorum dos Doze Apóstolos. Dois dias depois, 1º de outubro, o Élder Scott foi apoiado como tal.

"A irmã Scott e eu temos orado muito desde que recebi o chamado", diz ele.

"Eu *sei* que é um chamado do Senhor. Sei também que há uma grande diferença entre o que sou e o que se espera de mim. Esta verificação é muito humilhante. Ninguém ousaria tentar servir nesse chamado sem a certeza do apoio e orientação de um Deus de amor. O verdadeiro poder provém do Senhor." □

"LEMBRAI-VOS DE MIM"

OBJETIVO: "E VOS LEMBREIS DE TODOS OS MANDAMENTOS DO SENHOR, E OS FAÇAIS." (NÚMEROS 15:39.)

A irmã Jandira enfrentava alguns problemas difíceis. Ela havia orado em busca de ajuda e paz interior, mas as respostas pareciam demorar. Num dia particularmente frustrante, ela clamou em oração: "Ó Deus, porque te afastaste de mim quando preciso tanto de teu auxílio?"

"Então ouvi mentalmente a voz suave e mansa", recorda ela, "que parecia dizer: 'Quando te abandonei? Eu não estava lá quando . . . ?' E subitamente me lembrei das muitas vezes em que fora ajudada pelo Senhor e sentira seu grande amor a mim. Fora eu quem não me lembrara *dele*."

Vez por outra, todas nós nos parecemos um pouco com a irmã Jandira. Na aflição causada por nossos problemas, nem sempre nos lembramos de todas as vezes em que fomos ajudadas pelo Senhor e por ele abençoadas.

Às vezes, mergulhamos a tal ponto em nossos afazeres diários que deixamos de lembrar-nos do Senhor. Como *podemos* "recordá-lo sempre"? Podemos pensar nele freqüentemente e no que ele gostaria que fizéssemos. Podemos orar, ler as escrituras e guardar os mandamentos. Podemos lembrar-nos de nossas bênçãos - presentes e passadas—e dar graças ao Senhor por sua bondade para conosco.

Em tempos de provação, poderá ser mais difícil nos lembrarmos de nossas bênçãos. Parece-me, porém, que, se houver alguma pequena evidência recente em nossa vida de que Deus ouve e atende a nossas orações, e achamos que ele nos esqueceu, podemos agir como fez Alma, o Filho—lembrar-nos de bênçãos passadas recebidas por nós e outros do Senhor. (Veja Alma 36:27–29.)

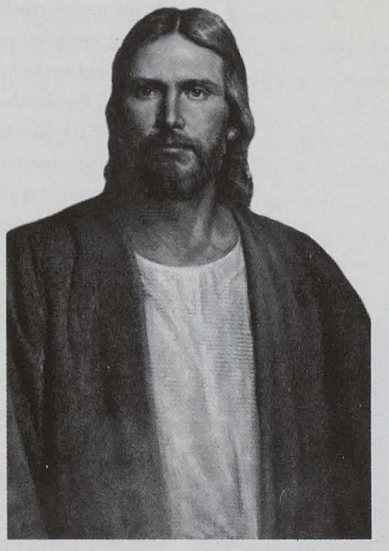


ILUSTRAÇÃO DE DEL PARSONS

A VIDA DE NOSSO POVO DEVE TORNAR-SE A ÚNICA EXPRESSÃO SIGNIFICATIVA DE NOSSA FÉ, E O SÍMBOLO DE NOSSA ADORAÇÃO.

Recordando as inúmeras vezes em que nós e outros fomos abençoados pelo Senhor, teremos confiança de que *continuará* abençoando-nos quando orarmos e buscarmos sua orientação.

Hoje em dia, cercadas por tantas forças maléficas, necessitamos mais do que nunca de nos lembrar do Salvador e segui-lo. Conforme dizia Helamã: "Lembrai–vos, lembrai-vos de que é sobre a rocha de nosso Redentor, que é Cristo, o Filho de Deus, que deveis construir os vossos alicerces." (Helamã 5:12.) Tendo Cristo por "alicerce", não existe desafio invencível, nem provação impossível de suportar.

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES:

1. Vocês ou a irmã que visitam poderiam contar uma experiência de como foram ajudadas pelo Senhor.

2. Troquem idéias de como podemos lembrar-nos do Salvador constantemente, e incentivem a irmã a fazê-lo de forma significativa para ela.

(Veja matéria relacionada em *Noite Familiar—Livro de Recursos*, pp. 7–11, 17–19, 23–30, 36–63, 69–73, 109–115, 127–129.)

SEÇÃO INFANTIL

FOTOGRAFIA DE JED CLARK.



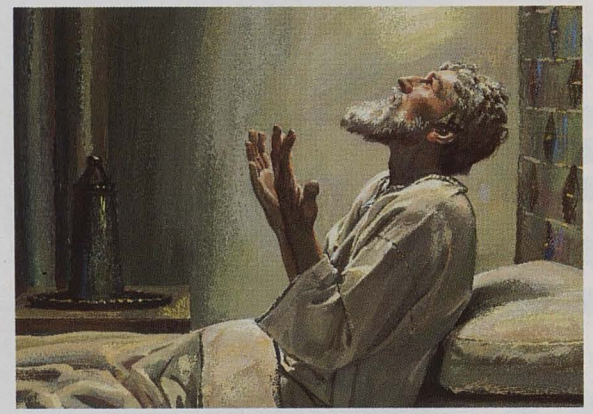
LÉHI ADVERTE O POVO



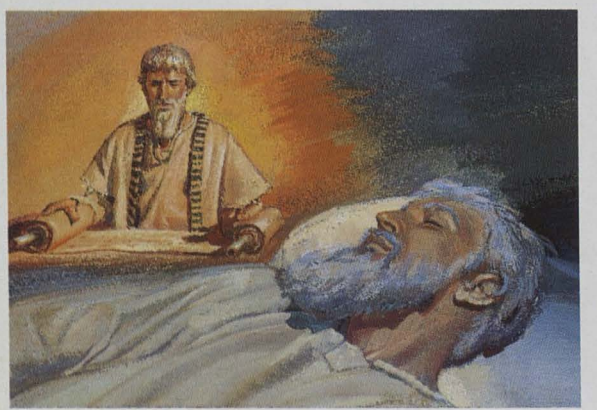
Quase todas as pessoas que viviam em Jerusalém eram iníquas. Deus mandou profetas para avisá-las que se arrependessem, mas elas não quiseram atender a eles. Odiavam os profetas. (1 Néfi 1:1–4)



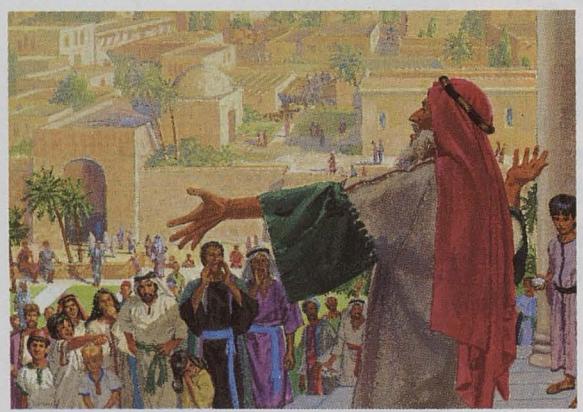
Léhi acreditava nos profetas. Orou para que o povo se arrependesse e mudasse de vida. (1 Néfi 1:5)



Léhi teve uma visão, na qual viu Deus cercado por muitos anjos, que cantavam e louvavam a Deus. (1 Néfi 1:7–8)



Nessa visão, Léhi recebeu um livro que contava o que aconteceria no futuro. Nele estava escrito que Jerusalém seria destruída por causa da maldade do povo. (1 Néfi 1:9–13)

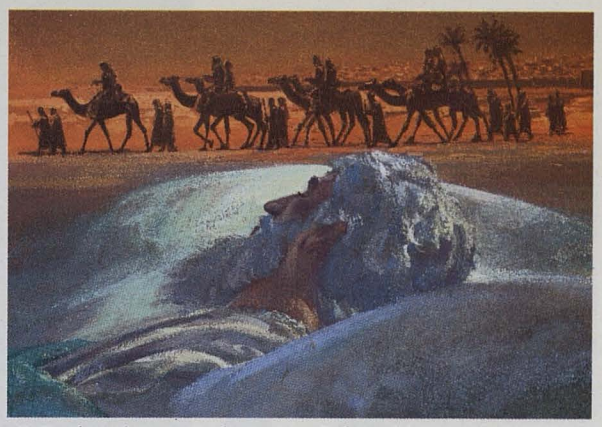


Léhi avisou o povo de que Jerusalém seria destruída. Falou-lhes também da vinda de Jesus. O povo ficou irado e tentou matar Léhi, mas o Senhor o protegeu. (1 Néfi 1:18–20)

ILUSTRAÇÃO DE JERRY THOMPSON



LÉHI DEIXA JERUSALÉM



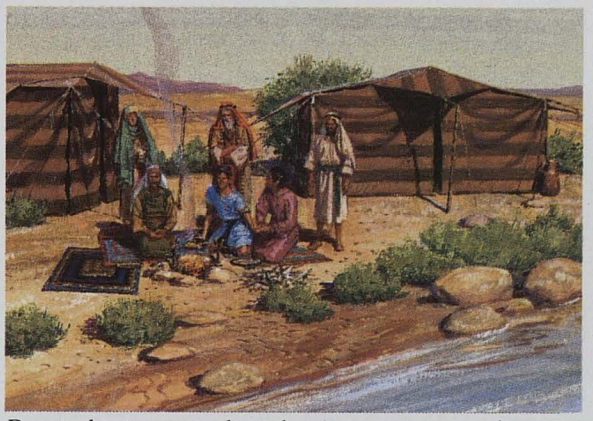
O Senhor ficou satisfeito com Léhi e falou com ele em sonho. Disse a Léhi que pegasse sua família e saísse de Jerusalém. Léhi obedeceu à ordem do Senhor.
(1 Néfi 2:1–3)



A família de Léhi arrumou mantimentos e tendas, e partiu para o deserto, deixando para trás sua casa, seu ouro e prata.
(1 Néfi 2:4)



A esposa de Léhi chamava-se Saríah. Eles tinham quatro filhos: Lamã, Lemuel, Sam e Néfi.
(1 Néfi 2:5)



Depois de viajar três dias, eles acamparam perto de um rio.
(1 Néfi 2:6)



Léhi levantou um altar de pedras e fez uma oferta ao Senhor. Orou a Deus agradecendo-lhe por ter salvo sua família da destruição.
(1 Néfi 2:7)



Léhi pediu a Lamã e Lemuel que sempre fossem fiéis a Deus e guardassem seus mandamentos.
(1 Néfi 2:8–10)



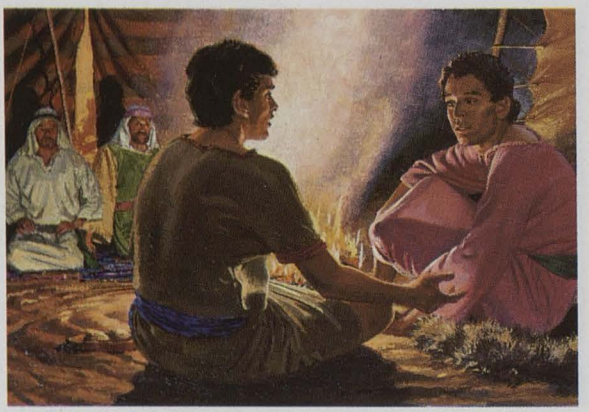
Lamã e Lemuel achavam que o pai não precisava ter abandonado Jerusalém e suas riquezas. Não acreditavam que Jerusalém seria destruída.
(1 Néfi 2:11–13)



Néfi queria acreditar em Léhi. Por isso orou perguntando ao Senhor se o pai estava certo em deixar Jerusalém.
(1 Néfi 2:16)



Jesus Cristo apareceu a Néfi, dizendo-lhe que as palavras de Léhi estavam certas. Néfi acreditou e não se rebelou como Lamã e Lemuel.
(1 Néfi 2:16)



Néfi contou aos irmãos o que Jesus lhe dissera. Sam acreditou em Néfi, mas Lamã e Lemuel não quiseram acreditar.
(1 Néfi 2:17–18)



O Senhor prometeu a Néfi que ele seria abençoado por causa de sua fé, e se tornaria o líder de seus irmãos.
(1 Néfi 2:19–22)

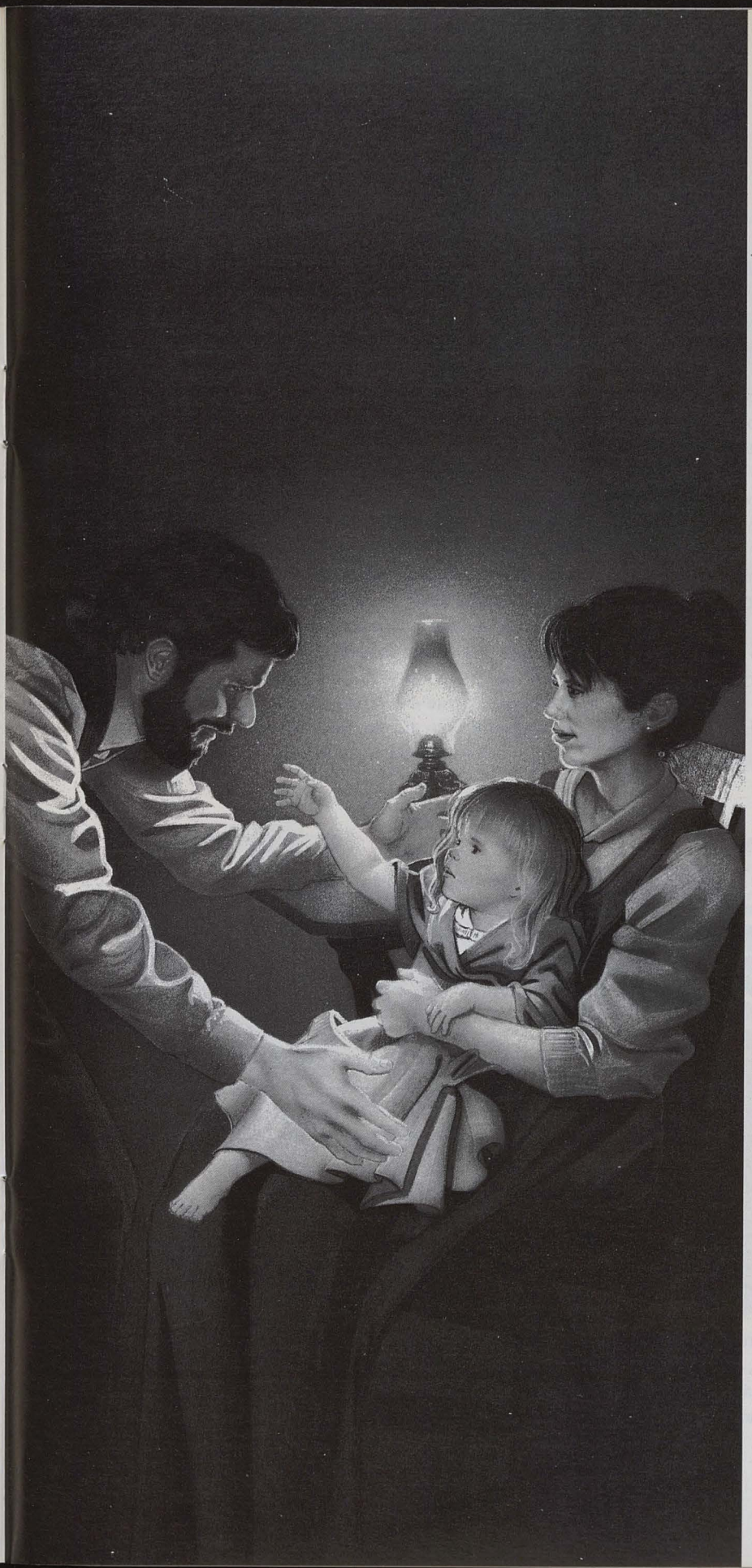


ILUSTRAÇÃO DE JERRY THOMPSON

O PODER DA ORAÇÃO

ÉLDER J. THOMAS FYANS

Há mais de cem anos, o Presidente Brigham Young mandou uma família para um lugarejo muito distante, no Arizona, a fim de pacificar os índios.

Um dia, estando longe de casa cuidando de negócios da Igreja, o pai teve a impressão de que alguma coisa havia acontecido com a família. Partiu imeditamente para casa, onde chegou por volta das quatro da madrugada, encontrando a esposa ninando a filhinha nos braços. A menininha havia caído na lareira aberta e tinha graves queimaduras.

Tomando a filhinha nos braços, o pai deu-lhe uma bênção, prometendo que ficaria boa e sem cicatrizes feias, e que um dia cantaria para pessoas importantes do mundo.

A menininha sobreviveu e não ficou com cicatrizes. Cresceu, teve família própria e cantou no Coro do Tabernáculo. Os poderes do céu devolveram a vida àquela criança. E a doce menininha que devia a vida ao poder da oração, cresceu e me trouxe ao mundo. Foi minha mãe. □

(Adaptado de um discurso proferido na Universidade Brigham Young. Provo Utah.)

MÚSICA PARA

PAT GRAHAM

Pois a minha alma se deleita com o canto do coração; sim, o canto dos justos é uma prece a mim (Doutrina e Convenios 25:12).

Pessoas no mundo inteiro reconhecem o som do órgão do Tabernáculo de Lago Salgado. Seus tubos enormes formam um conhecido pano de fundo para os oradores de conferências gerais. Esse maravilhoso órgão foi construído por Joseph Ridges e inaugurado na conferência de outubro de 1867.

O som do órgão é produzido pelo ar que passa por seus tubos. Usando puxadores redondos, chamados registros, que fazem funcionar determinados tubos, são obtidos diferentes tipos de som, como de trombeta, instrumentos de corda ou flauta. O órgão possibilita muitas combinações de sons.

No chão existe uma espécie de teclado chamado pedaleira, no qual se tocam os tons mais graves. O organista pode usar os dois pés e alternadamente a ponta do pé e calcanhar para tocar as notas desejadas. Há ainda outros pedais que comandam o volume do som, mais alto ou mais suave. O número de registros em uso também determina o volume do som do órgão. Os teclados são cinco. O organista pode tocar um teclado com as duas mãos ou usar dois teclados com uma mão em cada. É preciso ter muita prática para conseguir ler a partitura, tocar com as duas mãos e os dois pés, além de manipular registros e trocar de teclado – e ainda acompanhar o regente! Recentemente o consolo do órgão foi modernizado de modo que, agora, é possível programar de antemão muitos registros.

Muitos dos antigos músicos da Igreja vieram das Ilhas Britânicas. Joseph Daynes, compositor e organista, e Evan Stephens, regente e compositor, são dois exemplos de músicos britânicos que muito contribuíram para a Igreja.

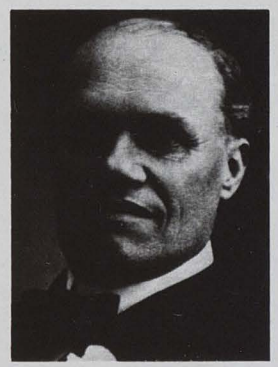


JOSEPH J. DAYNES

Aos dezesseis anos de idade, Joseph J. Daynes foi designado organista do Tabernáculo. Sendo pequeno para sua idade, estava preocupado porque quase não alcançava a pedaleira do novo órgão. Finalmente teve uma idéia: Pregou pedaços de cortiça na sola dos sapatos, e assim alcançava a pedaleira e os pedais, e tocava as notas exigidas.

A família de Joseph veio da Inglaterra para o Vale do Lago Salgado, quando ele tinha onze anos. Ele atravessou grande parte das planícies a pé, carregando nas costas um pequeno órgão. Aos quatro anos de idade já demonstrava grande talento, e compôs muitos hinos e marchas para a Igreja. Duas das suas músicas para crianças são: "Deixai Vir a Mim as Criancinhas" (*Cante Comigo*, B–14) e "Crianças de Sião Cantemos" (*Cante Comigo*, B–84).

A família de Evan Stephens foi do País de Gales para Utah. Aos doze anos de idade, ele foi convidado a cantar no coro. Evan pediu livros de música emprestados e aprendeu sozinho a ler partituras, tocar e compor música. Em 1890, ele foi convidado a reger o Coro do Tabernáculo. Como regente e compositor, Evan Stephens deixou-nos muitos hinos para nosso hinário e tem cinco músicas para crianças no *Cante Comigo*, "Oh! Bela Manhã" (G–9) e "Vamos Ser Gentis com Todos" (B–68), são cantados pelas crianças ainda hoje.



EVAN STEPHENS

ARA A IGREJA



1. Recorte a figura do organista, banco, regente, estrado, consolo do órgão e tubos.

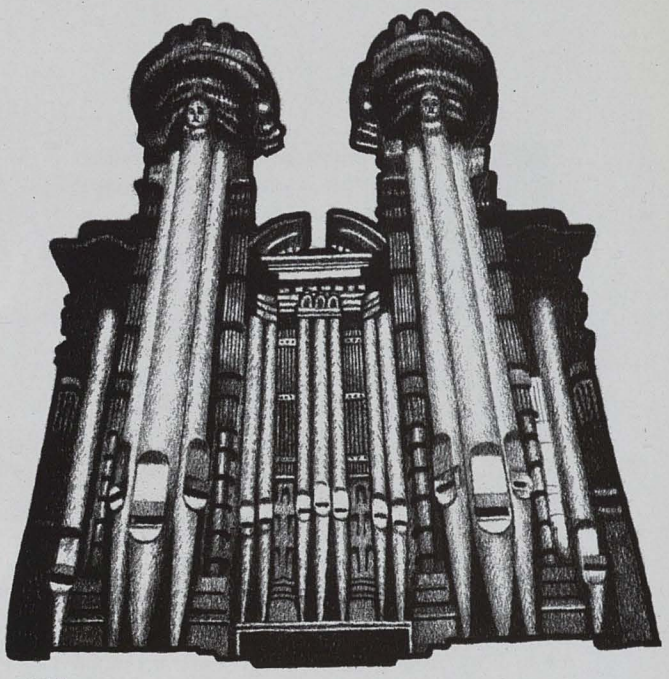
2. Coloque o banco sobre a pedaleira. Sente o organista no banco, com as mãos sobre dois teclados do órgão.

3. O regente fica em cima do estrado e usa a batuta para que os cantores possam acompanhar melhor sua orientação.

4. Cante ou faça alguém cantar músicas compostas por Joseph Daynes e Evan Stephens.

5. Programe uma demonstração do órgão em sua capela. Convide o organista da ala ou outra pessoa entendida para demonstrar às crianças como se toca órgão e mostrar e dar o nome de seus componentes.

6. Para as crianças maiores, programe uma "busca de compositores" usando o hinário atual ou *Cante Comigo*. As classes poderiam adotar o nome de um compositor e serem solicitadas a encontrar todas as músicas compostas por ele.



Tubos

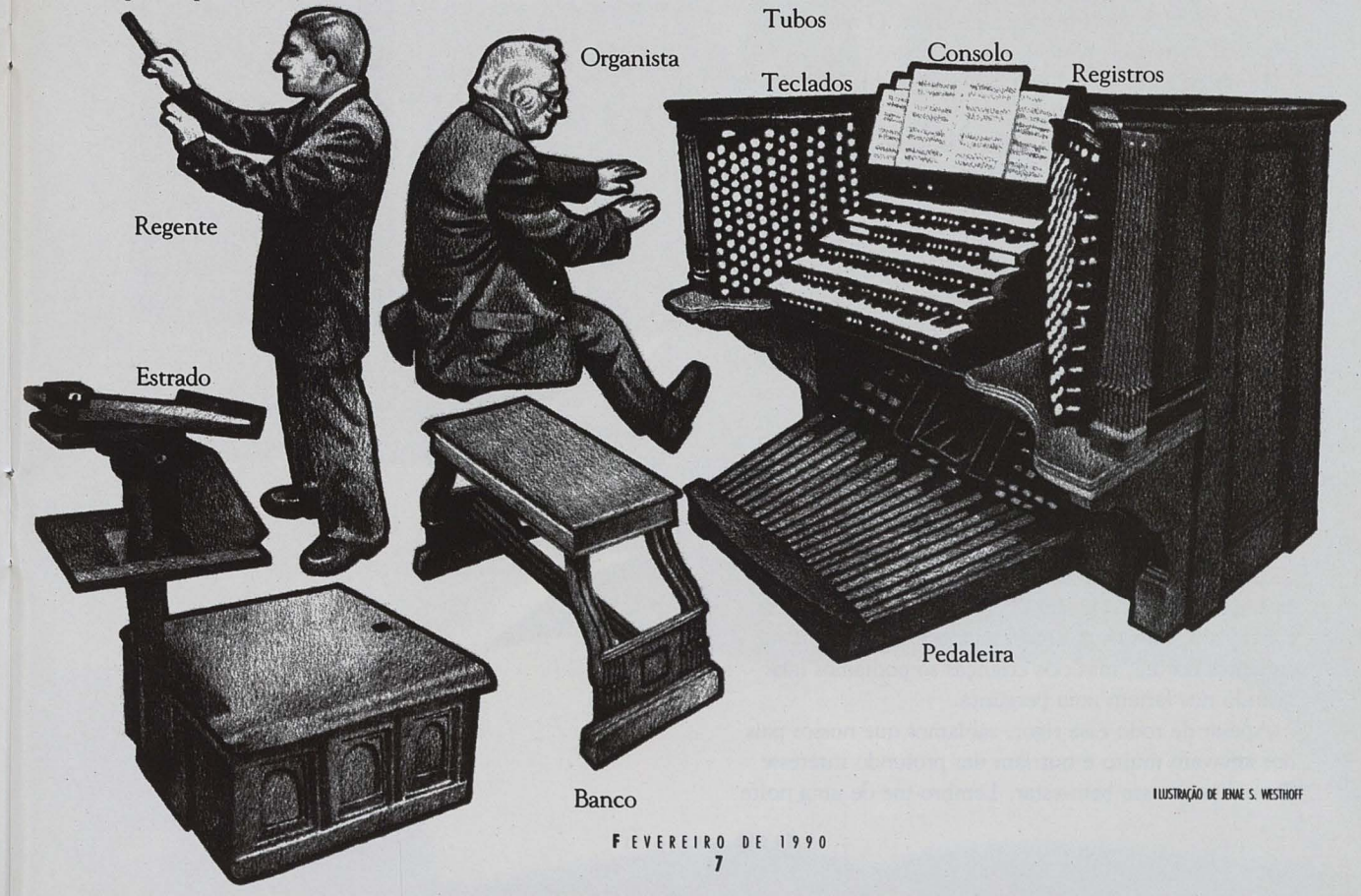


ILUSTRAÇÃO DE JENAE S. WESTHOFF

DE UM AMIGO PARA OUTRO

DE UMA ENTREVISTA CONCEDIDA A MELVIN LEAVITT PELO ÉLDER F. ENZIO BUSCHE, DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA.

Minha recordação mais remota é de uma vida familiar muito protegida nos subúrbios de Dortmund, Alemanha. Nossa casa era cercada por uns quatro hectares de terras parcialmente cobertas de mata, e nós costumávamos brincar muito no jardim e no bosque. Meu pai era uma pessoa muito protetora, amorosa e compreensiva. Construiu para nós uma casa de brinquedo com telhado de palha.

Como não existia televisão, é lógico, minhas quatro irmãs e eu aprendemos a usar a imaginação. Como tinha trenzinho de brinquedo que rodava sobre trilhos, imaginava-me dentro da locomotiva. Eu *era* o maquinista, vivendo todas as emoções que ele experimentaria. Pedaços de papelão transformaram-se num longo túnel. E os faróis! Mal conseguia esperar o anoitecer para poder ligar os faróizinhos do trem. O mundo inteiro encontrava-se naquele quartinho.

Também adorava ler. Meus livros prediletos eram os de contos de fadas. Li todos os contos dos irmãos Grimm, bem como os de Hans Christian Andersen. Aqueles contos transportavam-me para outro mundo, outra era – uma época de reis e rainhas, príncipes e princesas.

Nós tinhamos um rádio que ficava trancado num armário. Quando chegava em casa e tinha algum tempo, meu pai pegava a chave, abria o armário e tirava o rádio para que todos pudéssemos ouvi-lo. Uma das coisas de que mais gostava era ficar ouvindo música e vozes saindo daquela caixinha de madeira."

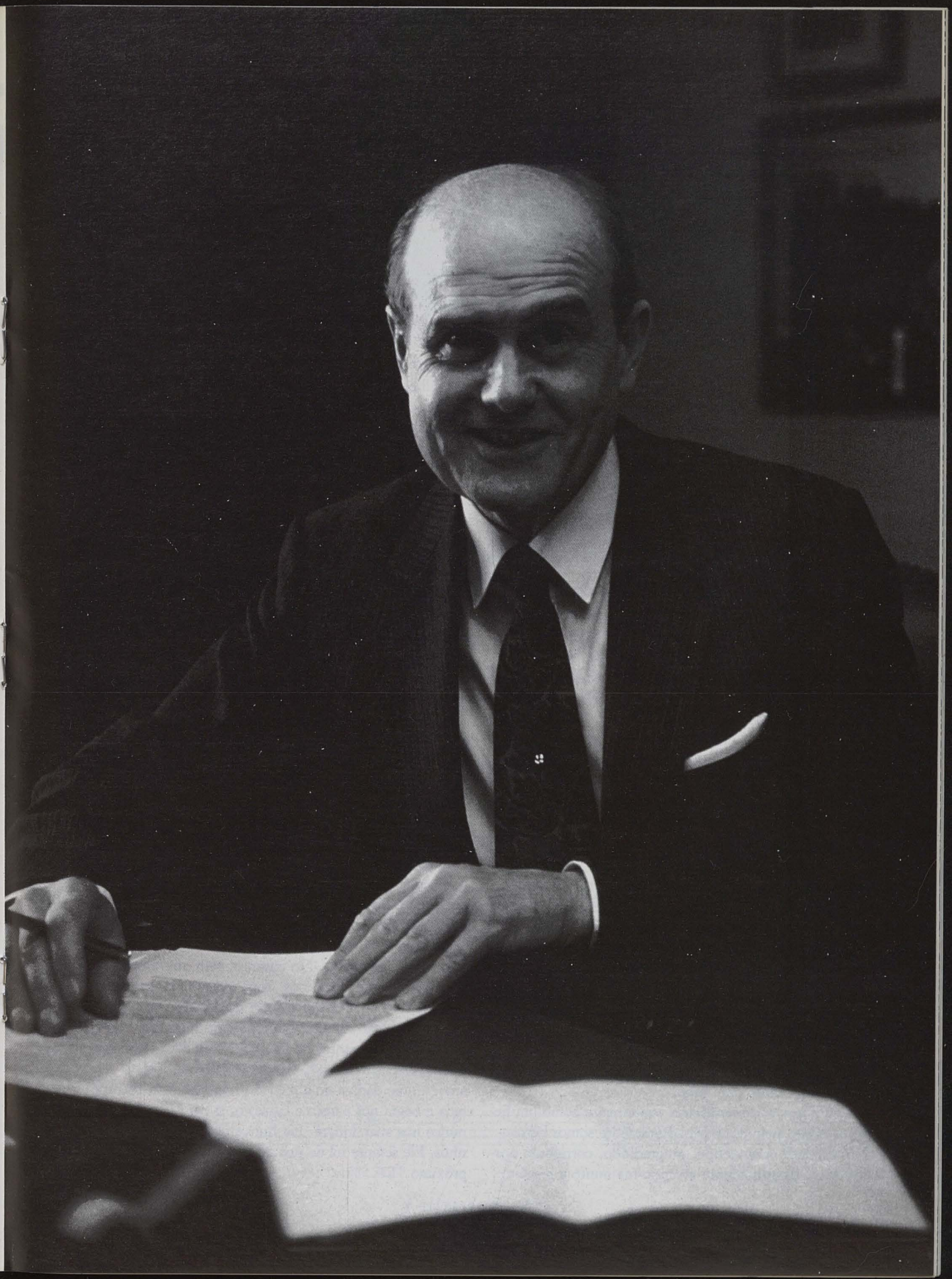
"Naquele tempo", 'continuou o Élder Busche,' "a relação entre pais e filhos era mais formal que hoje. Nossa educação era rigorosa. Quando era hora de jantar, era hora de jantar. Tínhamos que lavar as mãos, cuidar de que nossos sapatos estivessem limpos e estar sentados à mesa. Alguém chegar atrasado era algo inconcebível. Nossos pais conversavam sobre os acontecimentos do dia, mas nós crianças só podíamos falar quando nos faziam uma pergunta.

Apesar de todo esse rigor, sabíamos que nossos pais nos amavam muito e nutriam um profundo interesse pessoal por nosso bem-estar. Lembro-me de uma noite

Élder Busche à escrivaninha, como Autoridade Geral, a direita, e quando menino, no jardim da residência da família, em Dortmund.



FOTOGRAFIA DE EDITH UNKOCHIAN



FOTOGRAFIA DE ELDON LINSCHOTEN

"Jamais me esquecerei do carinho dele... e da afinidade que senti com ele quando demonstrou preocupação e amor."



em que tive uma inflamação no joelho. Meu pai ficou telefonando até encontrar um médico disposto a atender-me no meio da noite. Carregou-me até o carro e rodamos mais ou menos uma hora para chegar à casa do médico. Jamais me esquecerei do carinho dele naquela noite e da afinidade que senti com ele quando demonstrou preocupação e amor.

Eu tinha vinte e um anos quando me filiei à Igreja, mas queria a permissão de meu pai. Procurei-o e pedi consentimento. Então ele disse: 'Quero pensar no assunto.' Na manhã seguinte, falou: 'Tenho duas perguntas para você. Primeira: Você realmente pesquisou essa igreja?'

'Sim, senhor', respondi.

'Segunda pergunta: Está realmente convencido de que é verdadeira?'

'Estou, sim', foi minha resposta.

'Então você *deve* batizar-se', replicou. 'Se está convencido de que alguma coisa é certa, você *tem* de fazê-la.'

Sua integridade exerceu uma influência muito forte em minha vida. Creio pessoalmente que tudo se fundamenta na honestidade.

Quando eu tinha seis anos, tive uma experiência muito importante para mim.

Temo que não me saí dela exatamente como um herói – muito pelo contrário. Raramente somos heróis. Nós estamos aprendendo, progredindo, corrigindo nossos erros. Esse incidente ensinou-me muito a respeito das conseqüências da desonestidade. Naquele tempo, quando um professor alemão queria mandar uma informação aos pais, costumava escrever um bilhete. Como tais bilhetes eram sempre colocados em envelope azul, tinham o apelido de 'bilhete azul'. Um bilhete azul nunca continha boa notícia! Eu devo ter feito algo de errado na escola para merecer um bilhete azul. Guardei o envelope na pasta e ao chegar em casa, minha mãe perguntou-me: 'Alguma coisa errada com você?'

'Não. Nada de errado', menti.

Ao que ela respondeu: 'Bem, mas estou vendo na ponta de seu nariz que há!'

Isto me deixou tão contrariado e na defensiva, que logo depois do almoço fui para a sala, abri a pasta e pus tudo em cima da mesa. Devo ter sido descuidado, pois o envelope azul caiu da pasta. Minha mãe o viu imediatamente e quis saber o que era. Tentei apanhar o envelope para escondê-lo, mas ela já o pegara e estava abrindo.

Nunca na vida me esqueci da sensação dolorosa que se apossou de mim enquanto ela lia o bilhete. Cometer um erro é uma coisa, mas não é realmente grave se o admitimos, pedimos perdão e nos comprometemos a não o repetír; mas procurar esconder um erro, na esperança de que não será descoberto, isto já é coisa bastante grave.

E assim, a mentira causou-me muito mais dor do que o erro que me levou a mentir. Nem me lembro mais o que dizia o tal bilhete azul, mas ainda tenho vívida na mente, como foi horrível mentir para minha mãe.

Esta é minha mensagem às crianças da Igreja: Os pais não são perfeitos. No entanto, têm direito ao perdão, exatamente como nós. Sentireis uma emoção maravilhosa se souberdes amá-los e perdoá-los.

Podeis tornar as coisas diferentes no mundo, tornando-as diferentes no lar. Podeis ajudar os pais a serem pessoas melhores, amando-os. Como a fé, o amor é uma dádiva do alto. Não importa quão desesperada e negra nos pareça a situação, o Pai Celestial nunca nos abandonará. Ele nunca nos deixará sozinhos. Ele sempre há de nos amar e ajudar a amar o próximo." □

A IGREJA DE JESUS CRISTO



Com firmeza ♩ = 104–120

C C G7

Sou da I - gre - ja de Je - sus Cris - to dos San - tos dos Úl - ti - mos

C D7 G (Em) Am D7

Di - as. Eu sei quem sou eu e o pla - no de Deus com fé eu se - gui -

G G7 C F E7

rei. Sei que Cris - to é o nos - so Sal - va - dor. Seu no - me hon - ra -

Am F Fm C D7 C G7 F C

rei. Se - guin - do a Je - sus ver - da - de e luz ao mun - do a - nun - cia - rei.

Letra e música: Janice Kapp Perry, n. 1938. © 1989 SUD

Doutrina e Convênios 115:4–5

QUEM É ESTE PROFETA?

JEANNA VEE ALLGRUNN

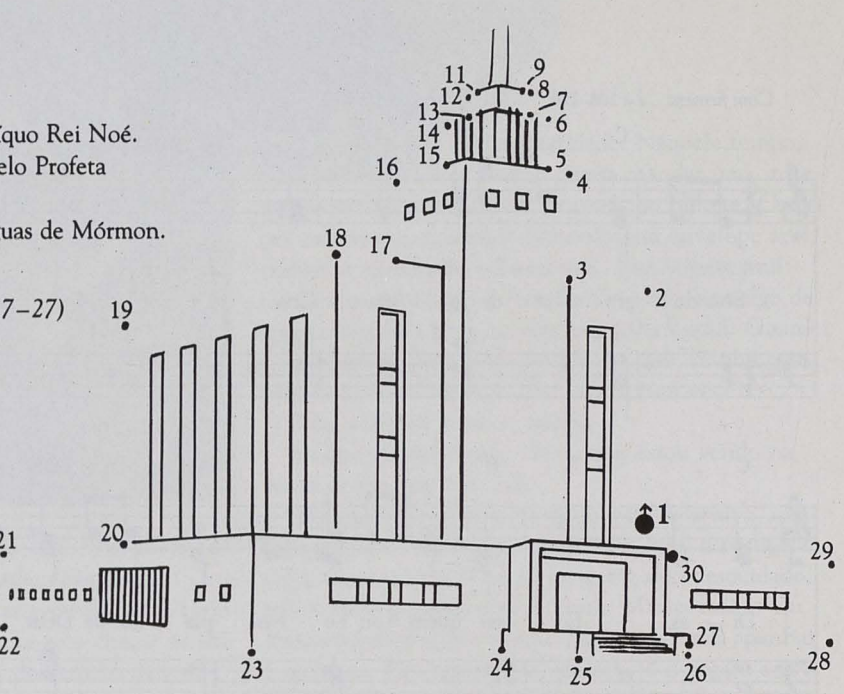
1. Ele era um sacerdote do iníquo Rei Noé.
2. Foi convertido à verdade pelo Profeta Abinádi.
3. Batizou 204 pessoas nas Águas de Mórmon.
4. Orou pelo filho iníquo.

Resposta: Alma (Veja Mosiah 17–27)

LIGUE OS PONTOS

HOWARD BOUGHNER

Ligando os pontos, você verá o Templo de Londres, que foi dedicado de 7–9 de setembro de 1958.



OS DOZE DO EVANGELHO

JANET PETERSON

Depois de encontrar as referências, complete as sentenças.

1. Gênesis 49:28. Os filhos de Jacó tornaram-se as doze _____ de Israel.
2. I Reis 18:31–32. Elias construiu um _____ com doze pedras.
3. Lucas 6:13. Jesus escolheu doze _____ .
4. Doutrina e Convênios 107:23. Os membros do Quorum dos Doze _____ são testemunhas especiais de Cristo.
5. Doutrina e Convênios 107:85. Doze jovens _____ formam um quorum.
6. Apocalipse 21:10–12. A cidade de Jerusalém é descrita como tendo doze _____ e nelas doze _____ .
7. Doutrina e Convênios 102:1; 107:36–37. Todo _____ conselho de estaca tem doze membros.
8. I Reis 7:23–25. A pia batismal do Templo de Salomão apoiava-se sobre doze _____ .
9. Doutrina e Convênios 38:26–27. Esta lição sobre doze filhos é uma _____ .
10. Gênesis 17:18–20. _____, filho de Abraão, foi prometido que seria pai de doze príncipes.
11. Doutrina e Convênios 101:44. Nesta parábola, um nobre manda seus servos plantarem doze _____ .
12. 3 Néfi 12:1–2. Jesus escolheu doze discípulos e deu-lhes poder para _____ .

RESPOSTAS DOS DOZE DO EVANGELHO
(1) tribos, (2) altar, (3) apóstolos, (4) Apóstolos, (5) diáconos, (6) portas, anjos, (7) sumo. (8) bois, (9) parábola, (10) Ismael, (11) oliveiras, (12) batizar.

ETIQUETA NA IGREJA

JULIE H. JENSEN

Faça um círculo em redor das gravuras que mostram crianças orando com reverência. Risque as gravuras que mostram o que não devemos fazer enquanto estamos orando.

Pinte com lápis de cor as crianças que estão vestidas para irem a uma reunião da Igreja. Risque as figuras de crianças que não estão vestidas para irem à Igreja. □



ILUSTRAÇÃO DE JULIE FURHMAN YOUNG



FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND

O CISNE DE VIDRO

PEGGY BARRUS

Anita seguia a passos lentos pela calçada, movendo vagarosamente a mão por sobre as ripas de madeira da cerca que fechava o jardim da irmã Pedreira. *Não é justo,* pensou. *Por que logo eu tenho que ficar lendo o jornal para uma senhora idosa e cega enquanto todos os outros vão ao cinema com Emília? E como vou poder ser amiga de Emília se não posso sair com ela?*

Anita subiu de mau humor os degraus da entrada e bateu na porta.

A porta foi aberta e lá estava a irmã Pedreira, de oitenta anos de idade.

"Sou eu, Anita, irmã Pedreira."

"Entre, Anita, e sente-se na poltrona. Eu gosto de resolver logo meus negócios. Como prefere que lhe pague, todos os dias que vier ler para mim?" perguntou a irmã Pedreira, abrindo a carteira.

"Não, senhora, minha mãe disse que não devo cobrar. Nós combinamos na noite familiar servir ao próximo, e a senhora é a minha designação."

Fechando a carteira, a irmã Pedreira respondeu, concordando:

"Então pode começar a ler para mim."

Anita se pôs a ler os artigos da primeira página do jornal, imaginando como é que alguém podia achar graça naquilo.

Depois de quarenta e cinco minutos, a irmã Pedreira interrompeu:

"Acho que por hoje chega. Você gosta de tesouros?"

"Acho que sim. Que tipo de tesouros?"

"Venha comigo e verá", convidou a senhora.

"Esta é minha sala do tesouro", anunciou a irmã Pedreira, ao entrarem numa saleta com diversas vitrinas cheias de peças de coleção: taças de cristal vermelho, flores de seda em vasos pintados, bonequinhas em trajes típicos, pesos de papel de cristal e pratos de porcelana azul. "Até parece uma loja de antigüidades!" exclamou Anita, correndo de uma vitrina para outra a fim de admirar os tesouros.

"Você provavelmente está imaginando por que uma senhora cega guarda tantos enfeites", comentou a irmã Pedreira. "Quando meus dedos tocam as peças de cristal ou a maciez da seda, meus dedos sentem sua beleza."

Anita ficou observando a senhora alisar delicadamente uma pequena ave de vidro soprado, e traçar com os dedos o contorno das rosas de porcelana de um vaso cor-de-rosa. Depois apanhou uma esfera de cristal gravada com complicados arabescos.

"Vamos, Anita. Toque-os", persuadiu a irmã Pedreira.

Fascinada pela beleza da ave, Anita pegou-a timidamente da mesa. Era um cisne com o pescoço altaneiro elegantemente curvado e as asas estendidas, pronto para alçar vôo.

"Este cisne é lindo! sussurrou Anita.

"Um soprador de vidro o fez para mim quando eu era ainda criança. Moldou-o a partir de vidro fundido e depois permitiu que eu apalpasse todas as figuras de vidro de sua loja. Desde então, sempre que toco meu cisne sei que eu, também, "vejo" a beleza. Agora, olhe tudo e não tenha medo de tocar nas peças. Vou preparar um lanchinho para nós. Lembro-me de que os jovens sempre estão famintos depois das aulas."



Ao se voltar da janela, Anita esbarrou sem quérer no cisne e o derrubou no chão.

Anita segurou o cisne nas mãos, imaginando ser

FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND



Anita foi-se aproximando a passos lentos da casa da irmã Pedreira, levando uma caixinha branca.

cega. Ouvindo risos lá fora, largou o cisne e debruçou-se sobre a mesa para olhar pela janela. Emília vinha voltando com todas as amiguinhas do cinema. Anita não ficou tão pesarosa como achava que ficaria. Ao se afastar da janela, esbarrou sem querer no cisne e derrubou-o no chão. Mais que depressa apanhou os cacos e escondeu-os no bolso.

Então ouviu a irmã Pedreira chamando lá de baixo: "Desça, Anita, venha comer uns pãezinhos com um copo de leite. Depois é melhor voltar correndo para casa; do contrário, sua mãe talvez não a deixe vir mais aqui."

Anita engoliu o lanche nervosamente. Estava assustada demais para falar no cisne quebrado. Despediu-se e saiu correndo.

"*O que é que eu vou fazer?*", ficou pensando. "*Não posso voltar lá, não importa o que minha mãe diga.*" Ao fechar o portão, levantou os olhos e viu a irmã Pedreira dando adeus da janela. Isso lhe trouxe um sentimento ainda pior.

Ao voltar da escola para casa no dia seguinte, Anita passou pela casa da irmã Pedreira e suspirou aliviada. Pelo menos ninguém esperava que voltasse a ler para a irmã Pedreira até na manhã seguinte. Continuava, porém, com um sentimento péssimo e, chegando em casa, esvaziou o cofrinho para contar suas economias. "Espero que baste", pensou ao sair à procura da mãe.

Na segunda feira, depois das aulas, Anita foi-se aproximando a passos lentos da casa da irmã Pedreira, levando uma caixinha branca. Quando atenderam à porta, ela disse: "Sou eu, Anita, irmã Pedreira."

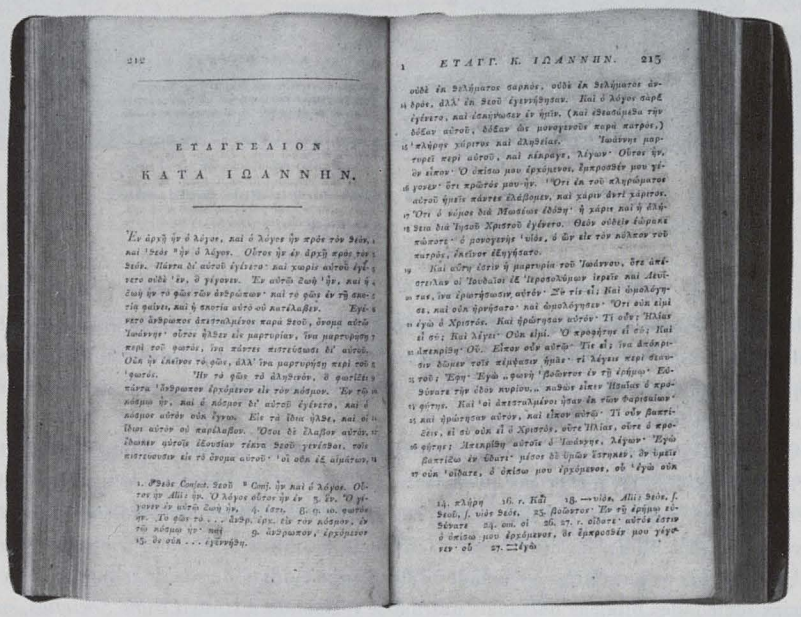
"Entre, Anita. Achei que não era hoje o dia de sua visita, mas você é bem-vinda a qualquer hora."

Depois de se acomodarem, Anita abriu a caixinha com muito cuidado e pôs o novo cisne nas mãos da irmã Pedreira. Engolindo em seco, falou sem jeito: "Este é para substituir aquele que eu quebrei. Sinto muito. Foi um acidente."

"Tudo bem, Anita. Eu ouvi quando ele caiu, mas estou contente que me tenha contado", respondeu a irmã Pedreira, acrescentando: "Estou certa de que lhe custou muito dinheiro e quero que fique com ele e admire sua beleza. Você deu-me uma coisa muito mais importante. Foi honesta e uma boa amiga."

Ao partir, Anita voltou-se contente do portão para dizer novamente "até logo" à sua nova amiga, que continuava à porta, acenando. □

A BÍBLIA: SÓ FALTAM MAIS 4,263 IDIOMAS



ΕΥΑΓΓΕΛΙΟΝ
ΚΑΤΑ ΙΩΑΝΝΗΝ.

Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν Θεόν, καὶ Θεὸς ἦν ὁ λόγος. Οὗτος ἦν ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν Θεόν. Πάντα δι' αὐτοῦ ἐγένετο· καὶ χωρὶς αὐτοῦ ἐγένετο οὐδὲ ἕν, ὃ γέγονεν. Ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν, καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων· καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν. Ἐγένετο ἄνθρωπος ἀπεσταλμένος παρὰ Θεοῦ, ὄνομα αὐτῷ Ἰωάννης· οὗτος ἦλθεν εἰς μαρτυρίαν, ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός, ἵνα πάντες πιστεύσωσι δι' αὐτοῦ. Οὐκ ἦν ἐκεῖνος τὸ φῶς, ἀλλ' ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός. Ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν, ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον. Ἐν τῷ κόσμῳ ἦν, καὶ ὁ κόσμος δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ ὁ κόσμος αὐτὸν οὐκ ἔγνω. Εἰς τὰ ἴδια ἦλθε, καὶ οἱ ἴδιοι αὐτὸν οὐ παρέλαβον. Ὅσοι δὲ ἔλαβον αὐτόν, ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν τέκνα Θεοῦ γενέσθαι, τοῖς πιστεύουσιν εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ· οἳ οὐκ ἐξ αἱμάτων,

ΕΤΑΓΓ. Κ. ΙΩΑΝΝΗΝ. 213

οὐδὲ ἐκ θελήματος σαρκὸς, οὐδὲ ἐκ θελήματος ἀνδρὸς, ἀλλ' ἐκ Θεοῦ ἐγεννήθησαν. Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο, καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν, (καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ, δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρὸς,) πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας. Ἰωάννης μαρτυρεῖ περὶ αὐτοῦ, καὶ κέκραγε, λέγων· Οὗτος ἦν, ὃν εἶπον· Ὁ ὀπίσω μου ἐρχόμενος, ἔμπροσθέν μου γέγονεν· ὅτι πρῶτός μου ἦν. Ὅτι ἐκ τοῦ πληρώματος αὐτοῦ ἡμεῖς πάντες ἐλάβομεν, καὶ χάριν ἀντὶ χάριτος. Ὅτι ὁ νόμος διὰ Μωσέως ἐδόθη· ἡ χάρις καὶ ἡ ἀλήθεια διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐγένετο. Θεὸν οὐδεὶς ἑώρακε πώποτε· ὁ μονογενὴς υἱὸς, ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς, ἐκεῖνος ἐξηγήσατο.

Καὶ αὕτη ἐστὶν ἡ μαρτυρία τοῦ Ἰωάννου, ὅτε ἀπέστειλαν οἱ Ἰουδαῖοι ἐξ Ἱεροσολύμων ἱερεῖς καὶ Λευίτας, ἵνα ἐρωτήσωσιν αὐτόν· Σὺ τίς εἶ; Καὶ ὡμολόγησε, καὶ οὐκ ἠρνήσατο· καὶ ὡμολόγησεν· Ὅτι οὐκ εἰμὶ ἐγὼ ὁ Χριστός. Καὶ ἠρώτησαν αὐτόν· Τί οὖν; Ἠλίας εἶ σύ; Καὶ λέγει· Οὐκ εἰμί. Ὁ προφήτης εἶ σύ; Καὶ ἀπεκρίθη· Οὔ. Εἶπον οὖν αὐτῷ· Τίς εἶ; ἵνα ἀπόκρισιν δῶμεν τοῖς πέμψασιν ἡμᾶς· τί λέγεις περὶ σεαυτοῦ; Ἔφη· Ἐγὼ „φωνὴ βοῶντος ἐν τῇ ἐρήμῳ· Εὐθύνατε τὴν ὁδὸν κυρίου,„ καθὼς εἶπεν Ἡσαΐας ὁ προφήτης. Καὶ οἱ ἀπεσταλμένοι ἦσαν ἐκ τῶν Φαρισαίων· καὶ ἠρώτησαν αὐτόν, καὶ εἶπον αὐτῷ· Τί οὖν βαπτίζεις, εἰ σὺ οὐκ εἶ ὁ Χριστὸς, οὔτε Ἠλίας, οὔτε ὁ προφήτης; Ἀπεκρίθη αὐτοῖς ὁ Ἰωάννης, λέγων· Ἐγὼ βαπτίζω ἐν ὕδατι· μέσος δὲ ὑμῶν ἕστηκεν, ὃν ὑμεῖς οὐκ οἴδατε, ὁ ὀπίσω μου ἐρχόμενος, οὗ ἐγὼ οὐκ

FOTOGRAFIA DE PHIL SHURTLEFF

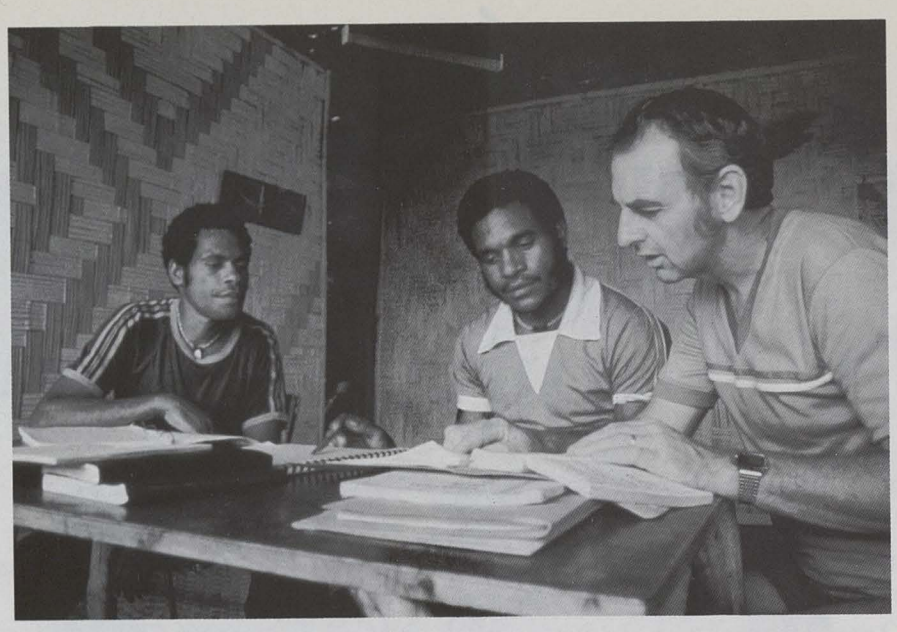
JOSEPH G. STRINGHAM

SENDO O VELHO TESTAMENTO O TEMA DE ESTUDO DESTE ANO NA IGREJA, É INTERESSANTE NOTAR COMO A BÍBLIA ESTÁ ATINGINDO OS PONTOS MAIS REMOTOS DA TERRA.

Meu apreço pela Bíblia não é o que deveria ser. Quando a leio, esqueço-me muitas vezes de que os profetas e o Salvador falavam uma língua diferente da minha. Parando para pensar, dou-me conta de minha dívida para com os muitos homens estudiosos e entendidos que a traduziram. Como não ficaríamos desamparados se todos fôssemos obrigados a ler o Velho Testamento em hebraico e o Novo Testamento em grego.

Nós, santos dos últimos dias, devemos muito aos tradutores da Bíblia. Raramente nossos missionários começaram a pregar a um povo que já não dispusesse dela. Ter a Bíblia é um passo vital na preparação das pessoas para aceitarem a plenitude do evangelho.

A Bíblia está sendo publicada atualmente em trezentos e dez idiomas. Muitos de nós nem sequer sabemos da existência de tantos idiomas. Mas isto não é tudo. O Novo Testamento é publicado em mais seiscentos e noventa e cinco línguas. E pelo menos um livro da



TRADUTORES DA BÍBLIA, COMO ESTES EM PAPUA, NOVA GUINÉ, DESCOBRIRAM QUE PARA TORNAR OS TERMOS BÍBLICOS MAIS SIMPLES E COMPREENSÍVEIS, PRECISAVAM USAR PALAVRAS FAMILIARES ÀS TRIBOS LOCAIS. (FOTOGRAFIAS POR CORTESIA DOS TRADUTORES DA BÍBLIA WYCLIFFE.)

Bíblia, geralmente um dos evangelhos, já foi traduzido e publicado em outros novecentos e dois idiomas. Com esses mil e novecentos e sete idiomas, noventa e sete por cento da população mundial dispõe de pelo menos um livro da Bíblia para ler. A maioria dessas traduções foi feita nos últimos trinta anos.

O impulso na tradução da Bíblia teve início no século passado, quando as principais igrejas cristãs cuidavam de sua própria tradução, com pouquíssima cooperação mútua. Neste século, desenvolveu-se um esforço muito mais cooperativo na publicação e distribuição das versões bíblicas. Além disso, a tendência é confiar a versão a tradutores nativos.

Quase todos os países têm sociedades bíblicas que cuidam de sua distribuição. Em 1946, várias sociedades bíblicas nacionais uniram-se formando a *United Bible Societies*, organização esta que auxilia todas as igrejas cristãs na publicação e distribuição da Bíblia, além de fornecer consultores a igrejas locais que desejarem iniciar uma tradução bíblica. Esses consultores, freqüentemente também tradutores, são versados em grego e hebraico. Referida organização também produz e publica explanações detalhadas de expressões importantes de cada versículo bíblico e fraseado alternativo, a fim de esclarecer melhor o sentido e a correlação de idéias. Freqüentemente, diversas denominações cristãs colaboram numa tradução, com a ajuda da *United Bible Societies*.

(Atualmente, a maior divulgadora de textos bíblicos é a Sociedade Bíblica Americana. Embora não seja a mais antiga, possui mais de um milhão de membros contribuintes e conta com mais de cinqüenta mil voluntários trabalhando em suas diversas tarefas. Ela é uma das principais fontes de novas versões bíblicas.)

Parece animador que noventa e sete por cento do mundo disponha da Bíblia ou parte dela. Podemos pensar que tudo o que resta a fazer é terminar a tradução da Bíblia nos idiomas que ja possuam parte dela, e, a seguir, cuidar de mais algumas traduções para abranger o mundo inteiro. Infelizmente, não é tão simples assim.

Calcula-se que existam 6.170 idiomas (não dialetos, mas idiomas). Subtraindo 1.907 mencionados, restam 4.263 para abranger os três por cento que faltam – os idiomas falados somente em áreas remotas do globo por pequenos grupos de pessoas. A maioria dessas línguas são ágrafas (não possuem forma escrita) – são idiomas verbais. Ainda as-

sim, existem tradutores convencidos de que a Bíblia ainda será vertida para todo idioma conhecido.

A enormidade da tarefa, entretanto, suscita uma pergunta: Não seria mais razoável prover a Bíblia no idioma oficial do país ou certas linguagens regionais utilizadas em transações comerciais?

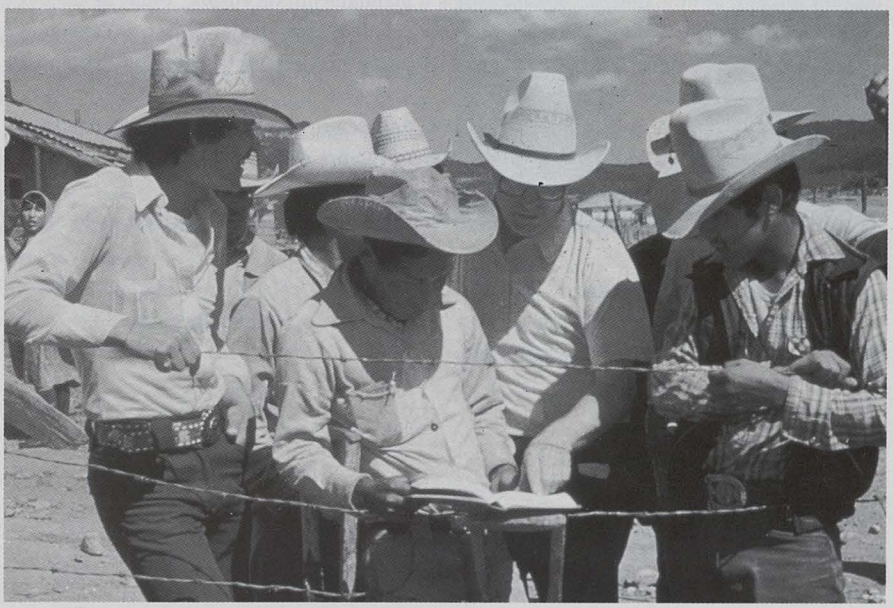
A resposta encontra-se em Doutrina e Convênios: "Pois, na verdade, . . . *deve* partir o som ao mundo todo, e às partes mais longínquas da terra—o evangelho *deverá* ser pregado a toda criatura . . . " (D&C 58:64; grifo nosso.)

A tradutora bíblica Lillian Howland deu-me outra boa resposta: "Além do conceito SUD de que a Igreja deve apoiar os pais no lar, existe outra razão importante para que o lar conte com escrituras no idioma nativo – a conversão. Se as pessoas falam um idioma diferente na igreja do que nos outros seis dias da semana, sua conduta religiosa acompanhará esse esquema. A religião tenderá a afetar seu comportamento num único dia da semana. Elas lerão a Bíblia um dia por semana; orarão apenas um dia na semana. Deus fica afastado do seu viver diário por causa desse idioma. Escrituras no idioma nativo da pessoa visam primeiramente sua salvação e progresso diário, e só secundariamente ajudá-lo na responsabilidade para com a família."

Por sugestão de outro tradutor bíblico, fiz uma experiência. Durante uma semana, tentei ler as escrituras no segundo idioma que aprendi, em lugar de minha língua pátria, o inglês. Não consegui chegar ao fim da semana. A Bíblia tornou-se tão insípida que depois de largá-la não tinha mais vontade de voltar a ela. A leitura era difícil e não conseguia captar distinções sutis no fraseado. Aprendi que meu apreço pelas escrituras dependia de poder lê-las com facilidade e, assim, ponderá-las livremente.

Depois dessa experiência compreendo melhor a necessidade de a Bíblia ser traduzida para todos os idiomas, ainda que não pareça muito viável. Consideremos o custo. Verter a Bíblia para um idioma tribal custa, em média, mais de meio milhão de dólares. Com custo tão elevado, tem de ser um projeto definitivo e ser feito corretamente logo na primeira vez.

Praticamente todo idioma difere de forma única dos demais. O inglês, por exemplo, assemelha-se ao hebraico e grego no sentido de que todos os eventos obedecem à seqüência de *tempo*. Mas existem alguns outros idiomas, como o *yagua* no Peru, que descrevem



A TRADUÇÃO DA BÍBLIA É UM PASSO VITAL NA PREPARAÇÃO DO POVO PARA RECEBER A PLENITUDE DO EVANGELHO. AQUI, UM TRADUTOR FAZ UMA REVISÃO DA TRADUÇÃO ESPANHOLA DA BÍBLIA, COM RESIDENTES LOCAIS DO MÉXICO.

os eventos em termos de *localização* e *distância*. Em vez de ligar partes da sentença com termos como *antes* ou *então*, o tradutor é obrigado a usar expressões como *dali* ou *longe disso*.

O tradutor enfrenta inúmeros problemas quando se põe a traduzir. Missionários zelosos procuraram freqüentemente verter escrituras para idiomas que eles próprios ainda não dominavam. No passado, certas traduções foram baseadas em outra tradução e não nos melhores manuscritos hebraicos e gregos disponíveis. O tradutor deve cuidar ainda de não permitir que seu próprio credo doutrinário ou cultural influencie a sua opção do sentido de um texto.

Além disso, o tradutor precisa levar em consideração a formação cultural do leitor. Um grupo de tradutores contou a respeito de seu trabalho em Ukarumpa, na região montanhosa da Papuásia, Nova Guiné. Disseram que foram obrigados a ter o cuidado de usar palavras familiares aos nativos. Isaías 1:18, por exemplo, compara o pecado ao vermelho e o perdão ao branco, usando neve e lã para ilustrar brancura. Os nativos sabiam o que era vermelho e branco, mas nenhum deles havia visto neve ou lã. A solução do tradutor: "Ainda que vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como uma pena de cacatua", cuja variedade mais comum é branca.

Nas Filipinas, um tradutor deparou-se com outro problema. Tendo terminado a tradução do Evangelho de João, imprimiu-o e distribuiu alguns exemplares aos nativos da tribo com a qual estava. Ninguém gostou dos escritos, e ninguém o lia. Depois de pesquisar um pouco descobriu que o idioma nativo tinha duas formas de narração, uma para ficção e outra para histórias verídicas. Na tradução, ele usara a primeira. Então transpôs a tradução para a outra forma e a nova versão foi um sucesso.

Um exemplo de escolha infeliz de termos é a primeira tradução do Salmo 23 para o idioma *tlingit*, língua indígena falada no Alasca, nos Estados Unidos. Ela dizia: "O Senhor é meu cabreiro: não careço dele; ele me arrasta montanha acima; me faz descer até a praia."

Devido às inúmeras dificuldades de transpor um idioma e cultura para outro diferente, não existe uma coisa chamada tradução "perfeita" ou completa. A limitação mencionada por Joseph Smith na Oitava Regra de Fé – "o quanto seja correta sua tradução" – continua presente.

Existe, não obstante, certa "parceria" do Espírito com a linguagem humana na tradução da Bíblia. A tradução transmite o Espírito, e este, por sua vez, compensa as deficiências da linguagem humana. Do Senhor temos o mandamento de ensinar todas as nações e pregar o evangelho a toda criatura. Cremos que ele tem pleno poder para nos capacitar a cumpri-lo. (Vide Mateus 28:18–20; Marcos 16:15.) O Senhor esclareceu sua maneira de comunicar-se com o homem:

"Estes mandamentos vêm de mim e foram dados aos meus servos na sua fraqueza, conforme a sua linguagem, para que alcançassem compreensão." (D&C 1:24.) □

Joseph G. Stringham, um lingüista da Divisão de Tradução da Igreja, é líder missionário na Ala Val Verda VI, de Bountiful, Utah.

CONHECIDO . . . SOMENTE POR DEUS

William Cameron Townsend foi um dos pioneiros na tradução da Bíblia. Em 1917, aos vinte e um anos, Townsend foi contratado como vendedor de Bíblias na América Central. Nas florestas da Guatemala, tomou contato com a realidade e com os índios *cakchiquel*. Ele podia vender-lhes a Bíblia em espanhol, mas poucos conseguiam lê-la. E embora fosse o idioma oficial ensinado em todas as escolas, poucos *cakchiquel* conseguiam expressar-se bem em espanhol. A língua nativa deles nunca tivera forma escrita.

Um deles perguntou a Townsend: "Por que o seu Deus não fala a minha língua?"

O missionário não soube responder-lhe. Townsend permaneceu na Guatemala além do tempo contratado, aprendeu a falar *cakchiquel* e inventou uma maneira de escrevê-lo. Depois traduziu o Novo Testamento, o que lhe consumiu doze anos. Essa tradução, porém, proporcionou àquele povo dignidade, esperança e amor às escrituras. E também indicou a Cameron Townsend sua missão na vida.

Em 1934, numa casa de fazenda abandonada no Arkansas, Townsend deu início ao que se tornaria o *Summer Institute of Linguistics*. Começando com dois alunos no primeiro ano, o Instituto já chegou a formar mais de três mil lingüistas e técnicos como pilotos, rádio-operadores, enfermeiras e professores. Os tradutores vão em duplas procurar os povos esquecidos do mundo. Aprendem seu idioma, ensinam o povo a ler e escrever e depois, auxiliados por uma equipe de nativos, traduzem o Novo Testamento, o que ainda leva doze anos. A maioria das duplas do Instituto permanece vinte anos para traduzir também o Velho Testamento. Um lingüista pode consumir a vida inteira vertendo a Bíblia para dois idiomas.

Servidores do Instituto têm sido mortos por tribos que procuraram contactar. Foram executados como espiões. São vitimados por numerosas doenças. Muitos vivem primitivamente, muitas vezes virtualmente isolados. Ainda assim continuam indo.

Nós devemos a esses tradutores um profundo respeito e gratidão. Mesmo agora, há tradutores brilhantes, abnegados, vivendo com sua família em desertos e florestas, trabalhando com povos que, às vezes, não têm praticamente noção alguma de Deus. Lembrai-vos deles com carinho. Lembrai-vos deles em vossas preces. Nós precisamos deles. □



WILLIAM CAMERON TOWNSEND, 1896–1982. FUNDADOR DO INSTITUTO LINGÜÍSTICO DO VERÃO.

Perguntas de interesse geral, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

PROGRESSO ESPIRITUAL

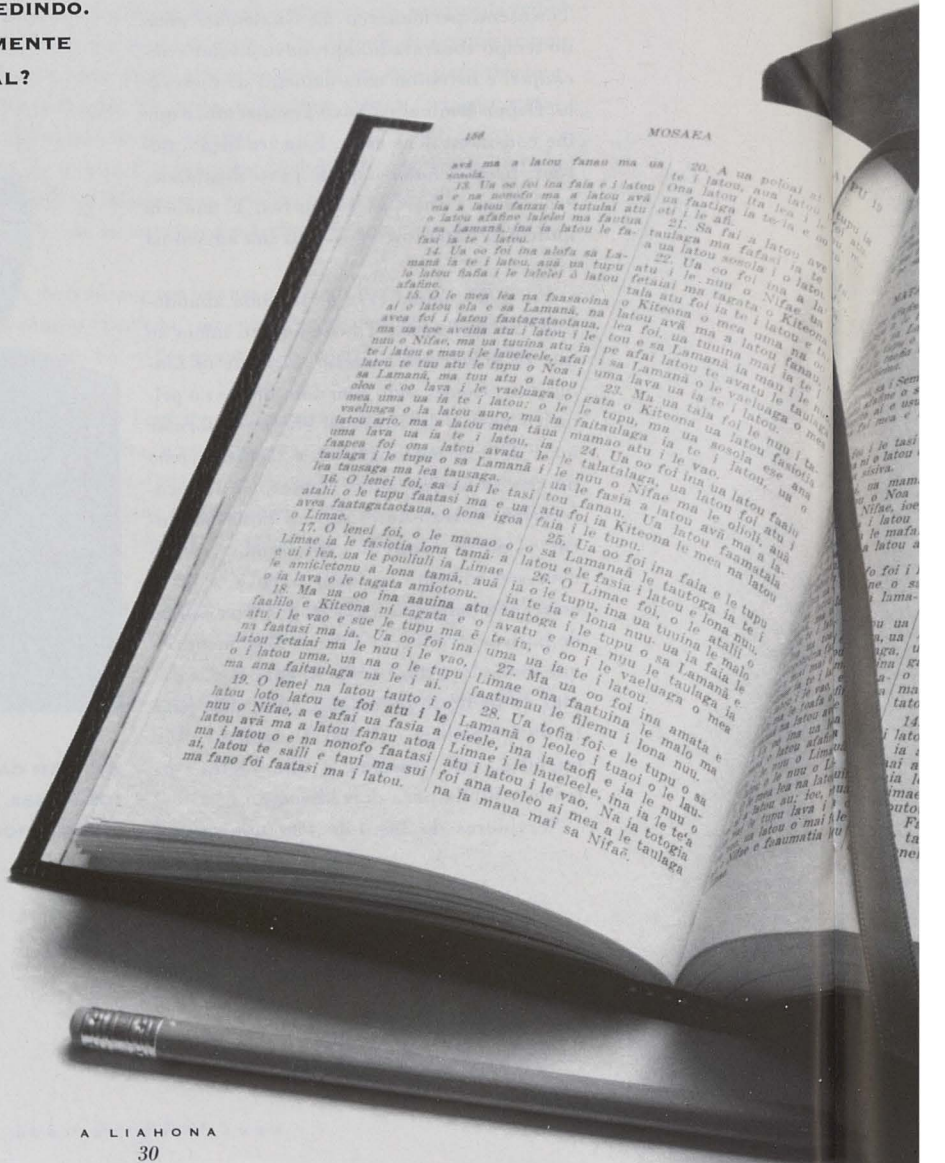
APESAR DE ESTUDAR AS ESCRITURAS REGULARMENTE, MUITAS VEZES ME PARECE QUE NÃO ESTOU APRENDENDO E PROGREDINDO. COMO PODEMOS PROGREDIR REALMENTE EM CONHECIMENTO ESPIRITUAL?

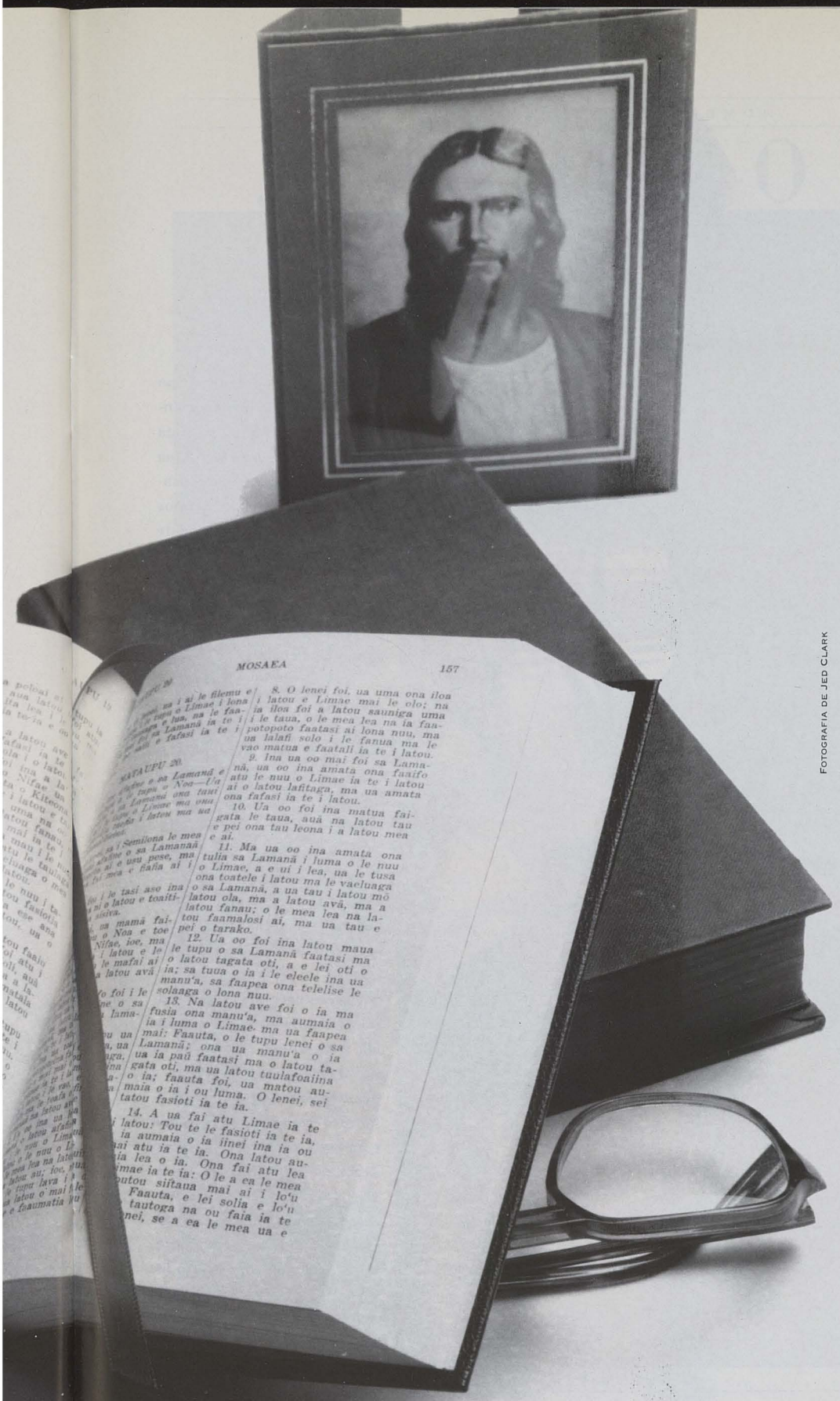


Roger K. Terry,
Faculdade de
Administração
de Negócios, Universidade
Brigham Young, Utah.

A vida inteira somos ensinados que não podemos ser salvos em ignorância. E por isso estudamos o evangelho, comparamos referências das escrituras e ponderamos as palavras dos profetas. Às vezes, porém, depois de ouvir poderosos testemunhos ou de nos ajoelharmos em sincera oração, parece-nos ouvir vagos ecos falando-nos de uma esfera superior de aprendizagem – e subitamente nos perguntamos como os profetas do passado aprenderam o que sabiam.

POSSO ESTUDAR A DOUTRINA DO RENASCIMENTO ESPIRITUAL, MAS SE NÃO SENTIR A PODEROSA MUDANÇA EM MEU CORAÇÃO TRANSFORMANDO-ME NUM SANTO, RENOVANDO-ME EM CRISTO, POUCO SABEREI DE SANTIDADE.





FOTOGRAFIA DE JED CLARK

Pelo menos uma coisa me parece clara: O autêntico progresso do conhecimento espiritual começa quando a compreensão de *conceitos* do evangelho se traduzem em *vivência* do evangelho.

Eu posso, por exemplo, aprender a gramática e o vocabulário de um novo idioma. Com muita prática e esforço posso até chegar a dominar a pronúncia correta. Não conseguirei, porém, entendê-lo realmente enquanto não passar muito tempo ouvindo-o e falando-o com pessoas que o têm por língua pátria. Só vivenciando plenamente o uso do idioma dentro do seu meio cultural é que passarei realmente a compreendê-lo.

É possível uma pessoa cega tornar-se perita na teoria da luz e da cor, ou na mecânica da visão – entender como os nervos e tecidos funcionam para transmitir imagens visuais ao cérebro. Existem, porém, certos aspectos da visão que o cego não consegue entender como as pessoas que enxergam.

Da mesma forma, posso ter conhecimento intelectual do evangelho – até mesmo uma boa compreensão dos princípios doutrinários – sem realmente "conhecer" o evangelho. Pois em religião, ainda mais que em assuntos acadêmicos, a experiência ou vivên-

cia é um elemento decisivo. A fé, por exemplo, não passa de um conceito enquanto eu não aprender a exercê-la e senti-la acrescida pela retidão pessoal. Então a fé torna-se um poder—um princípio de poder.

Posso aprender sobre arrependimento e até mesmo obter o testemunho de que Jesus Cristo tem poder, como meu Salvador, para lavar-me dos pecados; mas só participando de seu sacrifício expiatório e *sentindo* o perdão de meus pecados é que compreendo verdadeiramente o arrependimento e o perdão.

Posso estudar a doutrina do renascimento espiritual, mas se não sentir a poderosa mudança em meu coração transformando-me num santo, renovando-me em Cristo, pouco saberei de santidade.

Posso estudar o Espírito Santo e como receber revelação pessoal, mas não conseguirei compreender a paz proveniente dessa sagrada orientação e companhia enquanto não viver segundo as verdades eternas e tornar-me assim, merecedor da presença do Santo Espírito.

Posso falar do pão e da água da vida, mas como poderei fazê-lo com certeza e autoridade sem nunca tê-los provado?

O saber maior é sempre o conhecimento nascido da vivência. Como conseguir o tipo certo de vivência ou experiência? Isto, acredito, é uma questão de foro íntimo – uma questão de submissão e consagração. "Eis que o Senhor exige o coração e uma mente obediente." (D&C 64:34.)

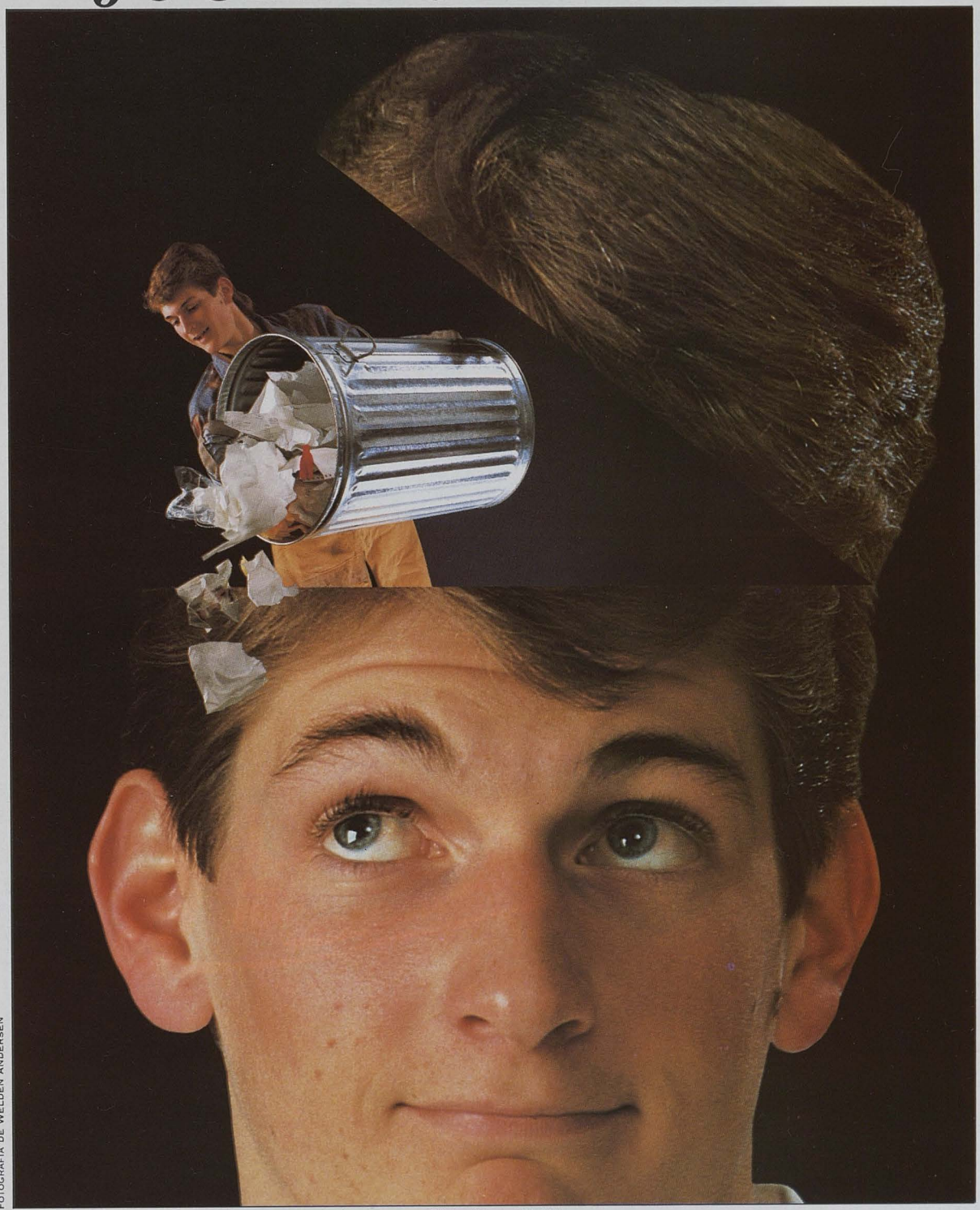


Falando do povo da igreja de Deus numa época de muita perseguição, Mórmon refere-se às suas bênçãos espirituais:

"Não obstante, jejuavam e oravam freqüentemente, e faziam-se mais fortes em sua humildade, firmando-se cada vez mais na fé em Cristo, até sentir que suas almas se enchiam de alegria e consolação; sim, até purificar e santificar seus corações, santificação essa que obtiveram *por entregar a Deus seus corações*." (Helamã 3:35; grifo nosso.)

Parece-me que muito do conhecimento obtido pela vivência é resultado direto dessa nossa entrega íntima a Deus e obediência à sua vontade. Colocar o coração em sintonia com Deus é, às vezes, o mais difícil no processo de aprendizagem; a disposição e a tendência de nos tornarmos espirituais não são certamente, naturais para quase todos nós. Muitas vezes só a oração sincera e o jejum conseguem preparar nosso coração para essa docilidade, aumentar nosso anseio pela retidão. □

JOGAI FORA O LIXO



FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN

(Vide Alma 60:23)

Fotografia de Ann Laemmlen

O MUNDO DE EKAETTE

ANN LAEMMLEN

COMO RECEBI DE UMA IRMÃ NIGERIANA UMA LIÇÃO SOBRE VERDADEIRO SERVIÇO E CRISTIANISMO NO PACÍFICO.

Eu gostaria de apresentar-lhes minha amiga chamada Ekaette, de quem fui vizinha por dois anos e meio. Ela vive numa floresta tropical úmida da Nigéria, o país mais densamente povoado da África. Durante a estação chuvosa, a casa de Ekaette fica rodeada de uma luxuriante vegetação rasteira. Palmeiras enfeitam o horizonte e o sol penetrando pelas nuvens cria deslumbrantes espetáculos ao se pôr. Durante a temporada quente e seca, os ventos que sopram do Saara levantam uma fina névoa seca que filtra os tórridos raios solares.

Ekaette é dois anos mais velha que eu. Era ainda uma garota de escola quando foi combinado seu casamento com Akpan, dez anos mais velho do que ela. Ao nascer-lhes o primeiro filho, Ekaette tinha apenas quatorze ou quinze anos. Ela teve oito filhos, dos quais sobrevivem cinco. Sua família filiou-se à Igreja faz alguns anos.

Akpan está desempregado, vivendo de serviços avulsos e consertando coisas para outras pessoas. É um homem orgulhoso e trabalhador, um bom marido e pai.

Ekaette tem uma casinha atraente, com paredes de taipa. A cobertura de colmos protege a família das fortes tormentas tropicais. Por dentro, o chão é de terra batida e o espaço dividido em quatro cômodos. A cozinha coberta fica separada da casa.

Como em muitos outros lugares do mundo, na região em que vive Ekaette não há energia elétrica. Ekaette cozinha sobre fogo aberto, lava as roupas no rio e as passa com ferro a carvão.

O dia de Ekaette começa bem cedo. Ela e as crianças são obrigadas a carregar toda a água necessária para o dia, de um rio que passa não muito longe da casa deles. Várias vezes por semana têm de ir cortar lenha no mato para cozinhar. Eles levam a lenha para casa carregando os feixes na cabeça.

Quase toda a alimentação da família de Ekaette é proveniente de diversas pequenas roças situadas fora da aldeia. Ela cultiva mandioca, inhame, banana, banana-da-terra, abacaxi, pimenta vermelha e vários tipos de verduras, usadas nas sopas.

Ekaette e seus familiares são pessoas felizes; levam uma boa vida.

Conheci Ekaette enquanto dirigia um programa de saúde pública para o *Thrasher Research Fund*, que patrocina projetos de pesquisa sobre saúde infantil em países do terceiro mundo. Meus colegas e eu organizamos cursos de saúde e treinamos professores voluntários em dezenas de aldeias, nos princípios básicos de saúde, como alimentação, medidas sanitárias, higiene pessoal e enfermagem doméstica. Os professores, então, davam as mesmas aulas em seu próprio idioma em casas, escolas, igrejas e prédios da administração local.

Lembro-me de uma quente e abafada noite de verão em que, sentada debaixo de um ventilador movido a bateria, lia o jornal que acabara de receber. Parei numa página cheia de sugestões práticas sobre como economizar dinheiro em nosso lar, inclusive desligar as luzes e fechar as

FOTOGRAFIA DE ANN LAEMMLEN

EKAETTE MOSTROU-ME ENTUSIASMADA COMO, USANDO OS MEIOS DE QUE DISPUNHA, SEGUIRA O PRINCÍPIO ENSINADO NA AULA DA SOCIEDADE DE SOCORRO A RESPEITO DE CONSERVARMOS NOSSAS CASAS LIMPAS E ARRUMADAS.

torneiras quando não estão em uso, adquirir mantimentos no atacado para depois congelar em parcelas menores, usar fraldas de tecido em lugar de descartáveis, comunicar-se por carta para reduzir os telefonemas interurbanos e não comprar alimentos quando estiver com fome. São sugestões realmente práticas, mas pertenciam a um mundo totalmente diverso daquele em que me encontrava.

A despeito, porém, das diferenças entre o meu mundo e o de Ekaette, tínhamos algo em comum; o Evangelho de Jesus Cristo – o cristianismo.

O *cristianismo* é absoluto. Ele não deve ser afetado por nosso meio-ambiente ou condições, ainda que eles determinem como pôr em prática nossas crenças. O cristianismo não deve ser afetado pela cor da pele ou raça, por nosso meio de ganhar a vida ou pelo que compramos no mercado. Nem deve ser determinado pelo clima ou localização geográfica.

Voltei da África com uma definição mais simples de cristianismo do que esposava antes. Para mim, cristianismo é amor, ou caridade – a mais sublime, nobre e forte espécie de amor – o puro amor de Cristo. Ele pode induzir-nos a dar esmolas ou a atos benevolentes, mas não é o mesmo que obras de caridade.

Em outras palavras, cristianismo não é tanto o *que* eu faço, mas *como* eu amo; é o processo de aprender a amar como Cristo ama. As igrejas são instituições onde podemos aprender a respeito de Cristo e praticar o cristianismo. Freqüentar a igreja não me tornará cristã, exatamente como sentar-me numa biblioteca não fará de mim uma erudita. Simplesmente me dá meios e oportunidade de aprender a tornar-me cristã. O cristianismo dá-me conhecimento de minha relação com Deus e meus semelhantes. Compreender esse relacionamento ajuda meu coração a modificar-se, aumentando minha capacidade de amar.

Princípios como o amor, sacrifício, fé, arrependimento, auto-suficiência e consagração, são universais. Trabalhar na África ensinou-me que princípios são muito mais importantes do que programas. O mundo ocidental proporciona muitos programas aos países do terceiro mundo. Constroem-se escolas, instituem-se clínicas médicas, fornecem-se medicamentos, importam-se tratores e distribuem-se alimentos. Os programas ajudam a preencher necessidades imediatas, mas muitas vezes os princípios nos quais se baseiam ficam esquecidos. Acho que não ajudaria muito Ekaette se me concentrasse em programas como armazenamento doméstico ou história da família, por mais importantes que sejam. Ekaette e eu porém, tínhamos em comum uma ampla base de crença em princípios eternos como fé, amor e auto-suficiência. Pondo esses princípios em prática, aprendemos uma da outra.

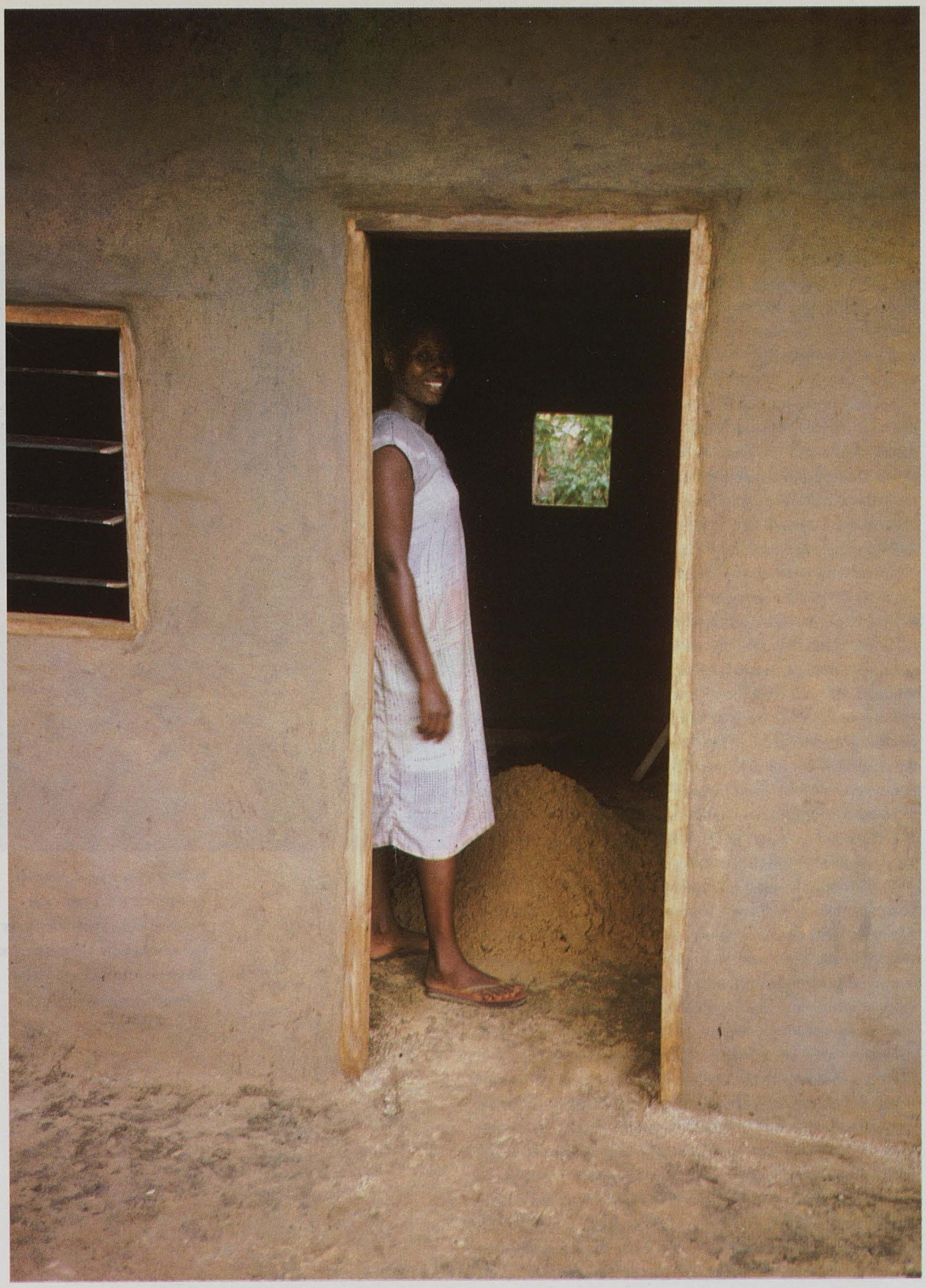
Depois de participar de uma reunião da Sociedade de Socorro no ramo local, é que me dei conta da importância de se ensinar princípios. A aula, baseada no livro de lições, versava sobre manter nossa casa limpa e em ordem. O livro de lições apresentava como ilustração uma casa americana bem decorada e cuidada. O modo de viver ocidental era obviamente tão desconhecido da professora, que ela mostrou a gravura de cabeça para baixo à classe.

Dias depois, chegando à casa de Ekaette, encontrei-a lambuzada de barro da cabeça aos pés. Sorria radiante. Inspirada pela lição, Ekaette estava limpando a casa. Depois de jogar fora todos os pertences (que não eram muitos), estava recobrindo as paredes e o piso com nova camada de barro. Cheia de entusiasmo, mostrou-me como havia enfeitado a frente da casa, usando um tipo mais escuro de barro na parte de baixo, como acabamento. Estava lindo. Ekaette havia aprendido o princípio, depois o aplicara de forma condizente com suas condições.

O exemplo dela instigou-me a refletir sobre meus próprios esforços na aplicação dos princípios cristãos. Ocorreu-me que possivelmente o primeiro e o mais importante princípio a praticar é o auto-exame.

Por exemplo, muitas vezes penso: "É uma boa idéia, mas não tenho meios de aplicá-la." Dinheiro e coisas materiais acabam interferindo no serviço cristão. Ser cristão exige *o que?* – um tapete para ajoelhar-se ou um pão ainda quente para oferecer a uma vizinha? É preciso estar financeiramente realizado para poder compartilhar o que tenho? Tenho de viajar para a África para encontrar crianças carentes? Creio que o Senhor se agrada quando servimos com o que temos, seja o que for.

Um segundo princípio que aprendi é a importância de servir onde estamos. Minha experiência africana foi muito importante para mim, mas não acho que seja melhor amar alguém distante do que aqueles que nos rodeiam. O Salvador mostrou pelo exemplo a quem devo amar. Ele não



abandonou sua terra em busca de outro lugar ou povo distante. Ele andou com os seus, convivendo com os mais variados tipos de pessoas – ricas e pobres; políticos; enfermos, coxos, cegos; coletores de impostos; famintos, cansados e solitários; e até mesmo as pessoas consideradas indignas.

Ao encontrar-me na África, não tinha dúvidas de que era ali o melhor lugar para eu praticar o cristianismo. Agora que estou em casa, o lugar mais prático para ser cristã é aqui, entre meu próprio povo. É um desafio. Muitas vezes parece bem mais fácil mandar dinheiro para uma organização assistencial do que encontrar tempo para ajudar ou conversar com um irmão, irmã, vizinha ou amiga.

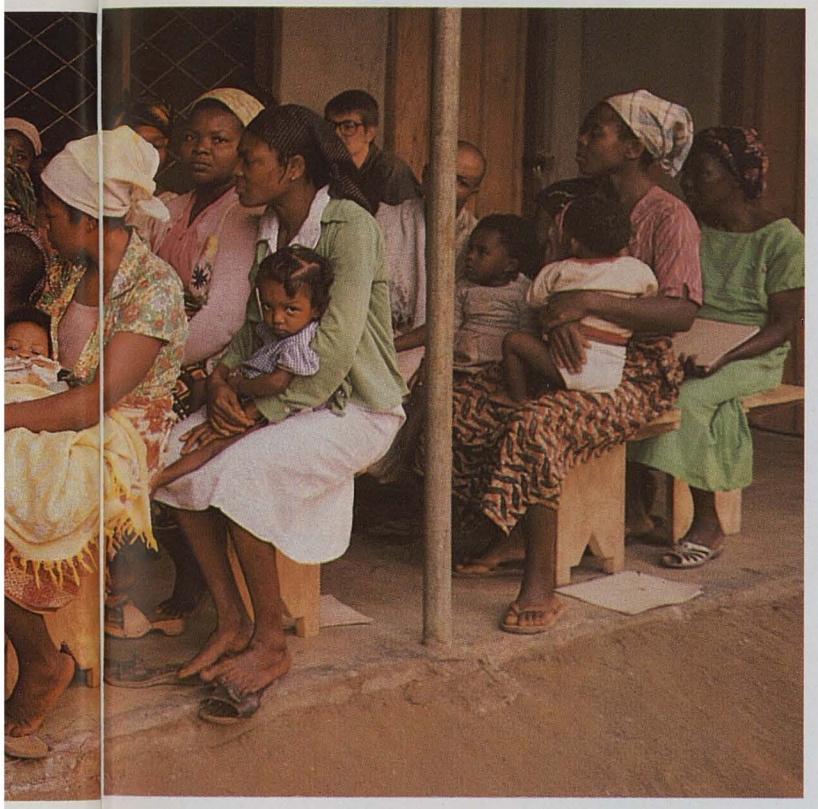
A terceira lição que aprendi é que devo preparar-me para servir nos mais diversos ambientes e condições. Tive muitas experiências que me ajudaram a entender melhor Ekaette e sua família. Contudo, não conseguindo compreender toda a sua vivência, ficou difícil saber como ajudá-la da maneira mais prática e proveitosa. Não sei como é ver três de meus filhos morrendo em meus braços por falta de assistência médica. Não sei como é não saber de onde virá minha próxima refeição. Não sei como é moldar as paredes de minha casa com as próprias mãos. Não sei o que proporcionou a Ekaette suas maiores alegrias. Por mais que eu tente, não consigo identificar-me com muitos de seus problemas e desafios.

No entanto, aprendi que quanto mais variada for minha vivência, maior número de pessoas conseguirei entender. Conviver deliberadamente só com um grupo seleto de pessoas que pensam e agem como eu, limitará consideravelmente minhas oportunidades de prestar serviço cristão. E eu posso aumentar a diversidade de minhas experiências e minha capacidade de amar. Quanto mais pessoas eu compreender, mais semelhante a Cristo me torno.

Procurando praticar o cristianismo, descobri que muitos de meus motivos são freqüentemente refletidos nas ações das pessoas que me cercam. Ao conviver na África com centenas de pessoas de dúzias de aldeias, meus colegas e eu observamos muitos motivos para elas participarem de nosso programa. Alguns nos procuraram por acreditar que os voluntários brancos forneceriam serviços e medicamentos gratuítos, ou emprego. Outros estavam curiosos com a novidade de rostos brancos em suas aldeias. Alguns apare-



MOTIVADA PELO AMOR, EKAETTE NÃO SÓ TERMINOU SEU TREINAMENTO NO PROGRAMA DE SAÚDE, COMO OFERECIA O QUE APRENDERA AOS SEUS SEMELHANTES.



ceram por estarem preocupados com a saúde da família; tinham medo de doenças e temiam que um filho pudesse morrer. Outros queriam instruir-se melhor sobre saúde para o bem da família. Alguns apareciam porque os vizinhos o faziam. Outros ainda por sentir amor no coração e o desejo de aprender como melhorar a própria vida e a vida de seus semelhantes.

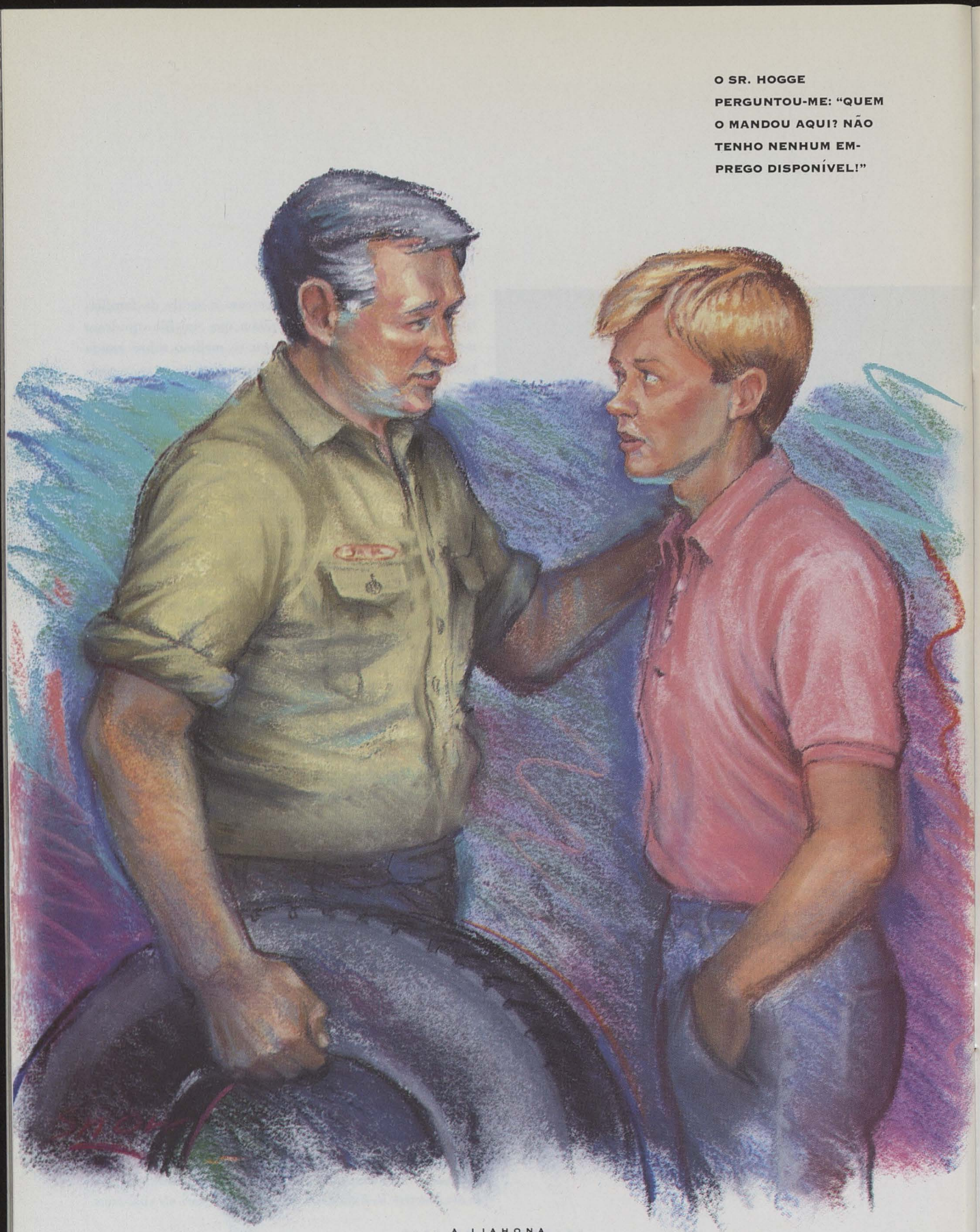
Era fascinante observar as diferentes reações ao nosso projeto. Os que nos procuraram na esperança de conseguir alguma coisa gratuitamente, logo desapareceram. Os curiosos acostumaram-se com nosso rosto branco e também se foram. Aqueles que tinham problemas de saúde na família, geralmente se saíam bem; não só conseguiam respostas para atender às suas necessidades imediatas, como armazenavam informações para futuras necessidades. Os motivados pelo amor não só eram constantes, mas davam um passo além, oferecendo o que haviam aprendido aos seus semelhantes.

Ekaette era uma dessas pessoas. Certa vez me disse: "Se me tivesse dado dinheiro,—não importa se muito ou pouco ele agora já teria acabado; mas você deu-me *conhecimento*, e este ninguém pode tirar de mim!" Mais ou menos no último ano, por iniciativa própria e muito pouca ajuda nossa, Ekaette treinou professoras a fim de que instruíssem diversos grupos de mulheres em várias aldeias.

Na vida de Ekaette vi o cristianismo—ou amor – em ação. Orientada por princípios do evangelho, ela tem encontrado soluções práticas para seus desafios cotidianos. E o mesmo nós podemos fazer. Estou certa de que o Evangelho de Jesus Cristo tem respostas para todos os problemas do mundo.

Passei quase metade da última década vivendo longe de minha pátria. Durante esse tempo, pude observar e vivenciar muitos contrastes, e fitei os olhos de muitas pessoas que enfrentam graves problemas. Creio ser verdade o que disse o Presidente Spencer W. Kimball—que no evangelho de amor ensinado e exemplificado pelo Salvador, podemos encontrar respostas para todos nossos problemas. Com essa espécie de amor no coração, posso ser uma cristã praticante, seja aqui ou no mundo de Ekaette. □

Ann Laemmlen, ex-diretora do Thrasher International Program for Children é editora—assistente da International Magazine, e membro da Ala Millcreek II, Estaca Salt Lake Millcreek.



O SR. HOGGE PERGUNTOU-ME: "QUEM O MANDOU AQUI? NÃO TENHO NENHUM EMPREGO DISPONÍVEL!"

ILUSTRAÇÃO DE SCOTT SNOW

A INSPIRAÇÃO DO IRMÃO HIGGINS

LAVERD JOHN

Eu acabara de me acomodar na poltrona para assistir ao noticiário de televisão de minha predileção, quando tocou a campainha. "Vou ver quem é", avisou minha esposa.

"Quem viria visitar-nos a uma hora dessas?", perguntei a mim mesmo. "É sempre assim. Nunca consigo ver meu programa favorito."

"São os mestres familiares", disse ela. "Esqueci de contar-lhe que o Irmão Higgins telefonou hoje à tarde, avisando que viria ver-nos no começo da noite antes de viajar ainda hoje."

Quando me levantei da poltrona, já sabia o que o irmão Higgins ia dizer. Eram sempre as mesmas perguntas: "Como estão? Como vão as coisas? Foi um lindo dia hoje, não é? Posso fazer alguma coisa pelos irmãos?"

Foi exatamente como previra, e continuei pensando: "Estou perdendo o noticiário!"

Mas quando o irmão Higgins indagou: "Posso fazer alguma coisa por vocês?" ocorreu-me uma idéia: "Ele *pode* ajudar. Dê-lhe uma oportunidade."

"Sim, o irmão pode fazer algo por nós. Como sabe, nosso filho Mikhail acabou de voltar de sua missão. Ele vem procurando emprego sem nada conseguir e está muito desanimado. Eu não consegui ajudá-lo. O irmão tem conhecimento de alguma vaga?"

"É um problema e tanto", respondeu o irmão Higgins. "Também não sei de nenhum emprego vago, mas verei o que consigo."

Na verdade, não pensava que o irmão Higgins pudesse solucionar o problema. Esqueci-me de que os mestres familiares têm direito à inspiração para ajudar as famílias sob sua responsabilidade. De qualquer jeito, sentia-me melhor depois de compartilhar o problema com nossos mestres familiares.

Passados dois dias, o irmão Higgins telefonou-me. "Diga ao Mikhail que vá à loja da Companhia Read e fale com o sr. Hogge", avisou. "Ele tem um emprego vago."

Mikhail saiu entusiasmado, visto estar procurando trabalho havia bastante tempo. Uma hora mais tarde, entretanto, ao vê-lo voltando, pude perceber pelo seu andar que não tivera sucesso.

"Eu não acredito!" desabafou, ao entrar em casa. "O sr. Hogge perguntou-me: 'Quem o mandou aqui? Não tenho nenhum emprego disponível, e ainda que tivesse, seu pedido ficaria no fim desta pilha de fichas de pretendentes.' Fiquei tão embaraçado que me arrependi de ter ido lá."

Sentindo o desapontamento de Mikhail, procurei encorajá-lo. Mas não pude deixar de perguntar-me por que nosso mestre familiar nos indicara uma vaga que não existia.

Ao atender o telefone no dia seguinte, a voz do outro lado disse: "Aqui fala o sr. Hogge. Mikhail está em casa?"

Mikhail atendeu, e o sr. Hogge lhe disse: "Dê uma chegada até aqui. Fiquei impressionado com sua sinceridade e vontade de trabalhar, e afinal posso aproveitá-lo. Preciso de você esta tarde."

Chegando à loja, Mikhail descobriu que não só arranjara um emprego como ainda poderia escolher o horário que mais lhe conviesse. Assim, pôde conciliar as horas de trabalho com as aulas na faculdade – outra resposta para orações sinceras.

Considerando a seqüência de eventos que levaram ao novo emprego de Mikhail, ocorreu-me de repente que o irmão Higgins tinha conhecimento da vaga na loja do sr. Hogge antes mesmo que ele próprio o soubesse!

Na visita seguinte, contei ao irmão Higgins o que acontecera. Respondeu-me que simplesmente havia orado pedindo poder ajudar Mikhail conseguir um emprego, e nos avisara quando soube de um.

Era óbvio que o Senhor conhecia nossa necessidade e usara os mestres familiares como instrumento para atender a elas. Eles oraram em busca de orientação, e o Senhor respondeu às suas preces.

LaVerd John, educador aposentado, reside na área da Ala Ogden Norte, Estaca Utah Ogden Norte.

ILUSTRAÇÃO DE SCOTT SNOW



COM
CONVE
COM OS

CHRIS CRO

EXISTEM MANEIRAS DE OS FILHOS MELHORAREM A COMUNICAÇÃO COM OS PAIS.

Brad, meu melhor amigo, acabara de descobrir que seus pais íam divorciar-se, e passamos várias horas conversando sobre os problemas que ele vinha enfrentando.

Então consultei o relógio. Já passava de uma hora da madrugada. "Essa não!", exclamei. "Eu devia estar em casa há muito tempo. Meu pai deve estar uma fera comigo." Despedi-me de Brad desejando-lhe boa sorte nos próximos dias e disparei para casa.

A luz da entrada continuava acesa – mau sinal. Significava que meu pai me estava esperando. Abrindo a porta de mansinho, entrei.

"Você sabe que horas são?", gritou.

"Passa de uma hora."

"Não avisei que chegasse mais cedo em casa?"

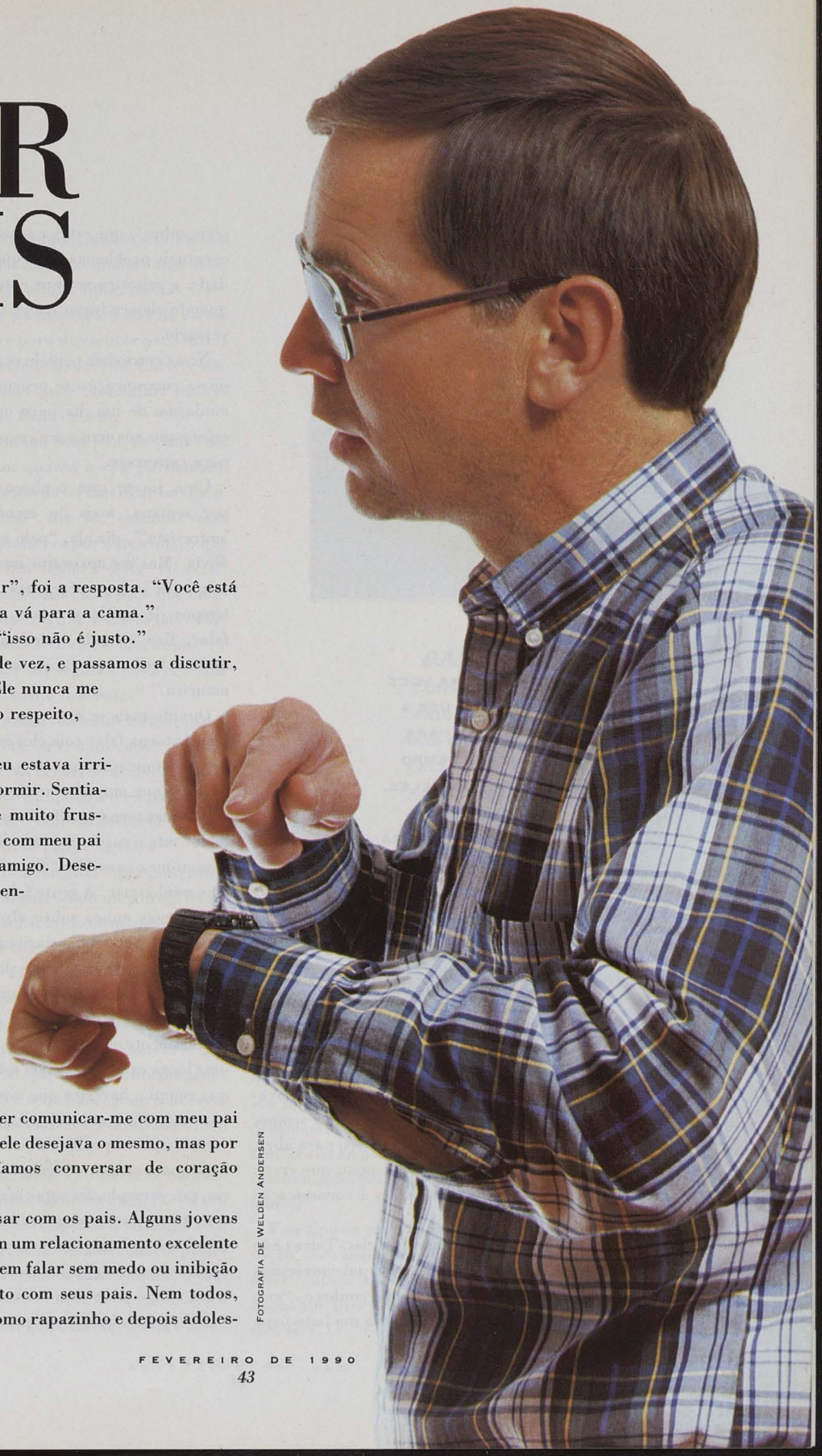
"Sim, mas . . . "

"Não tem nada de 'mas'. Não é a primeira vez que avisei sobre chegar tarde em casa." Ele estava tremendo de raiva. "Você vai ficar sem ver seus amigos por muito tempo, meu jovem."

Senti-me como sendo condenado sem julgamento, e não gostei nem um pouquinho. "Isso não é justo. Pelo menos

OMO VERSAR OS PAIS

CHRIS CROWE



deixe-me explicar."

"Não há nada para explicar", foi a resposta. "Você está atrasado, e ponto final. Agora vá para a cama."

"Pai", tentei argumentar, "isso não é justo."

Foi aí que a coisa piorou de vez, e passamos a discutir, acusando-nos mutuamente. Ele nunca me ouvia, dizia eu. Eu não tenho respeito, dizia ele.

Quando nos recolhemos, eu estava irritado demais para conseguir dormir. Sentia-me preocupado com Brad, e muito frustrado de não poder conversar com meu pai sobre os problemas de meu amigo. Desejava que as coisas fossem diferentes, que pudesse ter chegado em casa e falado com ele sobre os pais de Brad. Mas em vez de conversar, ficamos discutindo sobre eu chegar tarde – parecia que pela centésima vez.

Eu realmente desejava poder comunicar-me com meu pai e, vez por outra percebia que ele desejava o mesmo, mas por alguma razão não conseguíamos conversar de coração aberto.

Nem sempre é fácil conversar com os pais. Alguns jovens e talvez você seja um deles, têm um relacionamento excelente com os pais. Esses jovens podem falar sem medo ou inibição sobre todo e qualquer assunto com seus pais. Nem todos, porém, têm a mesma sorte. Como rapazinho e depois adoles-

FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN



SE TEMPO É O PROBLEMA PARA VOCÊ E SEUS PAIS, USE A IMAGINAÇÃO PARA ENCONTRAR TEMPO PARA ESTAR COM ELES. SE QUISER DE VERDADE, ENCONTRARÁ TEMPO PARA UMA CONVERSA COM SEUS PAIS.

cente, sempre quis ter conversas sérias com meus pais, mas não conseguia. Nós nos dávamos bem, mas não chegávamos a conversar de verdade. Remontando àquele tempo, dou-me conta de que esperava que todo esforço para abrir canais de comunicação partisse deles. Foi nisso que errei. Existem maneiras de os filhos melhorarem a comunicação com os pais.

A primeira coisa a fazer é conversar com eles. Talvez não seja fácil a princípio, mas vale a pena. "Meu pai conversava comigo", diz um estudante adolescente que conheço, "mas nunca nos sentávamos deliberadamente para um bate-papo sério sobre o que estava acontecendo em minha vida, meus eventuais problemas ou projetos futuros. Para falar a verdade, a primeira vez que conversei a sério com meu pai foi quando ele era bispo e teve de me entrevistar no meu aniversário.

Nessa entrevista percebi realmente que eu podia melhorar nossa comunicação se procurasse ajudá-lo. As coisas não mudaram de um dia para outro, mas desde então ambos esforçamo-nos mais para encontrar tempo de vez em quando para conversar."

Uma jovem que conheço entrevista os pais uma vez por semana, mais ou menos. "Não é uma verdadeira 'entrevista'", diz ela, "pelo menos não de maneira formal, óbvia. Mas eu aproveito um momento em que não estão ocupados e faço perguntas sobre a infância deles, seus tempos de escola e coisas assim. Assim que começam a falar, fico sentada quietinha ouvindo. É assombroso o quanto tenho aprendido a respeito de meus pais dessa maneira."

Quanto mais se conversa com os pais no dia-a-dia, mais fácil se torna falar com eles em horas de crise ou emoção. A boa comunicação não acontece simplesmente – ela exige prática, que muitas vezes *você* pode iniciar.

Às vezes torna-se difícil encontrar tempo para conversar. Se for este o caso, tente ser criativo. Um jovem missionário contou-me o caso dele: "Eu sempre tive vontade de conversar com minha mãe. A gente falava, sim, sobre uma porção de coisas, mas nunca sobre algo realmente sério ou pessoal. Tínhamos um bom relacionamento—davamo-nos bem—mas nunca conversávamos de verdade.

Havia tanta coisa que eu queria dizer-lhe, tantas perguntas que gostaria de fazer-lhe antes de 'sair em missão', mas simplesmente não sabia como. Escrevi-lhe então uma carta, uma longa carta que deixei sobre sua penteadeira. Foi assim que rompi a barreira que nos separava, e tivemos algumas boas conversas antes de minha partida."

Se tempo é o problema para você e seus pais, use a imaginação para encontrar tempo para estar com eles. Você poderia, por exemplo, levantar mais cedo ou ir dormir um pouco mais tarde para poderem conversar sem serem interrompidos. Você pode até mesmo marcar dia e hora com eles, para conversarem sossegados. Se quiser de verdade, você encontrará tempo para uma conversa com seus pais.

Às vezes, é óbvio, você quererá que seus pais ouçam o que

tem a dizer. Conforme já deve ter notado, muitos adultos têm a mania do conselho instantâneo, mesmo quando não desejado. Eu sou um deles. Christy, minha filha, muitas vezes começa a contar-me um problema que está tendo na escola ou com amigos, e imediatamente paro de escutar para dizer-lhe o que deveria fazer. Sei perfeitamente que Christy não quer tanto o meu conselho como quer desabafar, mas às vezes simplesmente não consigo ficar calado.

Um de meus alunos encontrou um bom jeito de lidar com pais (ou qualquer outro adulto, quanto a esse particular), que tendem a dar conselho quando deveriam ficar ouvindo. "Meus pais adoram dar conselhos", diz ele, "e muitas vezes isso não me incomoda. Mas quando vez por outra quero que realmente prestem atenção ao que tenho a dizer, eu aviso: 'Pai, mãe, quero contar-lhes uma coisa, mas peço que escutem até o fim sem me interromper. Eu quero muito falar-lhes disso, mas se não quiserem escutar-me, eu não conto. Se vocês me ouvirem com atenção, em seguida ouvirei o que vocês querem falar.' Isso geralmente funciona."

Talvez nem sempre seja fácil assim conseguir a atenção dos pais. Às vezes a emoção interfere na comunicação. Se uma das partes estiver transtornada, os canais de comunicação se obstruem rapidamente. "Sempre que peço a meu pai licença para tirar a carteira de motorista", contou-me certa vez uma aluna do curso secundário, "ele se zanga na hora."

"E o que você faz quando ele fica zangado?" perguntei-lhe.

"Eu também me zango e acabamos tendo uma briga feia."

Assuntos delicados podem ser discutidos sem que as partes se envolvam em "briga feia". Se tiver que falar com seus pais sobre algo, mas tiver receio de fazê-lo, você pode amenizar a situação externando o que sente. Diga: "Estou sinceramente com medo de contar-lhes uma coisa, mas . . . " Ou, se seus pais estiverem aborrecidos, procure reconhecer o que sentem, dizendo algo como: "Sei que estão muito zangados com . . . " Quanto melhor você e seus pais compreenderem as emoções com que iniciam uma conversa, tanto mais fácil ficará a comunicação.

Quisera ter-me conduzido de maneira diferente naquele incidente com meu pai sobre chegar tarde em casa. Ele estava tão irritado na hora que teria sido impossível dialogar com ele naquela noite. Mas eu poderia ter falado com ele posteriormente, quando ambos estivéssemos mais calmos, e tentado expor-lhe o que sentia.

Embora sabendo que era muito importante, sempre achei difícil falar com meus pais. Essa falta de comunicação era frustrante, mas o que me impediu de sentir excessivo desânimo ou raiva era saber que eles me amavam, e eu também os amava. Por maiores que fossem nossas falhas de comunicação, pelo menos nossos corações estavam em consonância.

Esse tipo de amor de pais e filhos é a base da boa comunicação. Não importa o que seus pais digam—ou deixem de dizer—ainda assim o amam. Tenha isso sempre em mente enquanto procura meios de melhorar sua comunicação com eles. □



QUANTO MAIS SE CONVERSA COM OS PAIS NO DIA-A-DIA, MAIS FÁCIL SE TORNA FALAR COM ELES EM HORAS DE CRISE OU EMOÇÃO.





Fotografia de Craig Dimond

UMA ÚNICA CRIANÇA

KAREN A. ANDERSON

A presidência da Primária estava absorta considerando as necessidades da organização para o ano seguinte. "E o que faremos com a Geni?" indagou uma delas. "É a única menina de onze anos na ala inteira. O que acham de simplesmente combinarmos as classes? Sabem como é difícil arranjar professoras, ainda mais para uma única criança."

"Tem razão", concordou a presidente. "Não me conformo, porém, com essa solução. A família de Geni enfrenta alguns problemas com sua irmã mais velha, e provavelmente a menina não está recebendo a atenção de que precisa. Penso que devemos orar bastante a respeito dessa decisão."

Nessa época, a Primária funcionava numa tarde durante a semana, e não era fácil encontrar quem pudesse dar aula em dia útil. E encontrar alguém disposto a dar aula para uma única criança parecia impossível.

No dia seguinte, a presidente da Primária pôs-se a estudar a lista de membros da ala. Aparentemente, todas as irmãs elegíveis já tinham mais de um chamado. Então ela levou o problema ao Pai Celestial – e orou mais uma vez a respeito de uma professora para Geni.

Voltando a verificar a lista de membros, sua atenção foi atraída para o nome da irmã Carneiro – uma escolha inviável, pensou, pois ela sempre dizia não servir como pro-



fessora. De fato, ela costumava dizer: "Simplesmente não sou professora. Ficar assim na frente de outras pessoas me deixa nervosa", e de tanto repeti-lo, todos na ala se convenceram disso. Não havia, porém, como duvidar do sussurro do Espírito; então a presidente da Primária apresentou seu pedido ao bispo.

Ao receber o chamado, a irmã Carneiro ficou surpresa. "Tem certeza?" perguntou ao bispo. "O irmão sabe que não sei dar aula."

"Sim, tenho certeza," veio a resposta. "O Senhor necessita da irmã neste chamado, irmã Carneiro. Sugiro que ore a respeito de como poderá ajudar Geni."

De tão nervosa que ficou com o novo chamado, a irmã Carneiro até ficou realmente aliviada de ter uma única aluna na classe. E a Geni ficou radiante ao saber que teria uma professora só para si. Seus pais ficaram satisfeitos e impressionados com o fato de que a irmã Carneiro houvesse aceito um chamado tão incomum.

Iniciou-se o ano da Primária. E toda semana, no dia da Primária, lá estavam a irmã Carneiro e Geni na mesma salinha. A irmã Carneiro apresentava as lições e juntas planejavam projetos e se divertiam muito.

Numa certa quinta-feira de inverno, Geni chegou em casa da escola com cara de quem apanhou um resfriado. Quando a mãe sugeriu que seria melhor ela não ir à Primária, ela se pôs a chorar. "Mãe, você não compreende. Eu *tenho* que ir. A irmã Carneiro *precisa* de mim. Se eu não aparecer, ela não terá ninguém para ensinar, o que a deixaria muito triste!"

Com o correr das semanas, foi-se aprofundando a amizade e afeição de uma pela outra. A irmã Carneiro ensinou Geni a costurar, e esta ensinou à irmã Carneiro o quanto significava ter uma professora "só para si". Naquele ano, Geni aprendeu muitas coisas novas, a irmã Carneiro aprendeu que era capaz de lecionar e que adorava fazê-lo!

Quando se aproximava a época de formatura na Primária, a irmã Carneiro e Geni decidiram que a formatura desta seria uma ocasião especial. A mãe comprou tecido para um vestido novo, que foi confeccionado pela irmã Carneiro e por Geni.

Chegou o dia da formatura. O programa foi lindo, o fecho espiritual para um ano sem igual. E Geni estava encantadora em seu novo vestido feito por ela e a irmã Carneiro.

Geni agora é uma mulher adulta, linda e segura de si. Depois de nove anos de casada, foi abençoada com um único filho. Mas ela aprendeu há muito tempo o valor de "uma única criança" – com a irmã Carneiro.

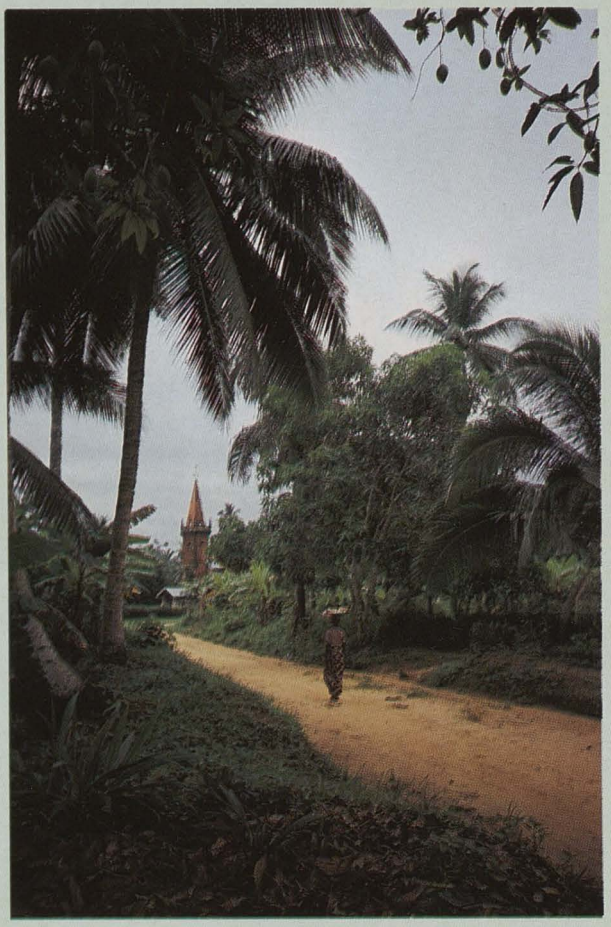
E a irmã Carneiro tornou-se uma excelente professora da Primária. Ela ainda prefere dar aulas para grupos pequenos, e quando indagada sobre o ano em que ensinou Geni, ela responde: "Não fiz grande coisa. Não representou sacrifício para mim; foi muito divertido. Eu simplesmente amava Geni. Aquele ano me deu mais alegrias do que tudo que já realizei. Mesmo depois de passados tantos anos, continuo com saudades dela." □

Karen A. Anderson é membro da Ala Grand Forks II. Estaca Dakota do Norte Fargo.



A CONVERSÃO DE ALMA, DE GARY L. KAPP

E QUANDO (ALMA E OS QUATRO FILHOS DE MOSIAH) ANDAVAM AQUI E ACOLÁ, REBELANDO-SE CONTRA DEUS, EIS QUE O ANJO DO SENHOR LHES APARECEU: . . . COM UMA VOZ DE TROVÃO, QUE FEZ COM QUE TREMESSE O SOLO ONDE ESTAVAM. E TÃO GRANDE FOI O SEU ASSOMBRO QUE CAÍRAM POR TERRA, E NÃO ENTENDERAM AS PALAVRAS QUE ELE LHES DISSE. NÃO OBSTANTE, ELE CLAMOU OUTRA VEZ, DIZENDO: ALMA, LEVANTA-TE E APRESENTA-TE, POIS, POR QUE PERSEGUES A IGREJA DE DEUS? (MOSIAH 27:11–13.)



"O cristianismo não deve ser afetado pelo meio-ambiente ou por nossas condições, . . . O cristianismo não deve ser afetado pela cor da pele ou raça, por nosso meio de ganhar a vida ou pelo que compramos no mercado. Nem deve ser determinado pelo clima ou localização geográfica."
"O Mundo de Ekaette", p. 35.

FOTOGRAFIA DE ANN LAEMMLEN